

# O ZOHAR

O LIVRO DO ESPLENDOR



Passagens seleccionadas pelo  
**rabino Ariel Bension**  
(1880-1932)





זוהר כעצם השמים לטהור

## ספר הזוהר

על התורה באיש ארזים קדוש הוא נורא  
כאד התנא ר' שמעון בן יוחאי ול עם  
הדושים רבים והבחי סתרי תורה  
ומדרש הנעלם והוסתפה על קצת  
פרשיות והוסתפו הדרשים על וילתנו  
גם על ספר בראשית כל המדרש העצא  
מודמנא והדושי הבחור ומדרשות  
מדרש חיות ומאמר הא חזי והיכל  
ומורה מקום מהשוקי ובמקום הספר  
תמצא לוח מפסוקי הפתיחות ושאר  
כל הפסוקים הנדרשים והנכפלים  
בהוהר גדם עטר בהעיון

## בקר'מונה

קרית מלך רב אהנו ומלך פולינו  
זרה אמן שנת בילא יטש  
"את עמו גסתים  
סנת השך

כנסון סווקרילו וסלוקוויטסונ  
ונכאלו כנלה כמון ססר



# O ZOHAR

O LIVRO DO ESPLENDOR

# O ZOHAR

O LIVRO DO ESPLENDOR

Passagens selecionadas pelo  
**rabino Ariel Bension**  
(1880-1932)

Prólogo:  
**Miguel de Unamuno**

Introdução e tradução das passagens do *Zohar*:  
**Rosie Mehoudar**

Tradução dos outros textos:  
**Rita Galvão**

1ª reimpressão

**Polar**  
São Paulo, 2006

Título do original: *The Zohar in moslem and christian spain*  
Copyright © Polar Editorial e Comercial, 2006

*Tradução das passagens do Zohar:* Rosie Mehoudar  
*Tradução dos outros textos:* Rita Galvão  
*Revisão:* Rosie Mehoudar e Rita Galvão  
*Projeto gráfico e diagramação:* Julio Portellada  
*Projeto gráfico da capa:* Julio Portellada  
*Editor:* Américo Sommerman  
*Tipologia:* New Aster 11/17  
*Impressão:* RR Donnelley Moore  
*Papel de miolo:* Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup>  
*Papel de capa:* Papelão 18 – 1162 g/m<sup>2</sup>  
*Número de páginas:* 368  
*Tiragem:* 3.000 exemplares

*1ª reimpressão*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bension, Ariel, 1880-1932.

O Zohar : o livro do esplendor / passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension (1880-1932) ; prólogo Miguel de Unamuno ; tradução das passagens do Zohar e introdução Rosie Mehoudar ; tradução dos outros textos Rita Galvão. — São Paulo : Polar, 2006.

Título original: *The Zohar in Moslem and Christian Spain.*

ISBN 85-86775-06-1

1. Cabala 2. Judeus – Civilização 3. Judeus – Espanha  
4. Misticismo – Espanha 5. Misticismo – Judaísmo 6. Zohar  
I. Unamuno, Miguel de.  
II. Título.

06-1713

CDD-296.712

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Zohar : Mística judaica 296.712

Polar  
*Editorial & Comercial*  
Rua Fradique Coutinho, 1459 – São Paulo – SP – Brasil – CEP 05416-011  
Fone: 11 3816-3018 / Fax: 11 3819-8345  
polareditorial@uol.com.br  
www.polareditorial.com.br



## \* SUMÁRIO \*

<b>Nota do Editor</b> .....	11
<b>Introdução</b>	
Rosie Mehoudar.....	15
<b>Biografia de Ariel Bension</b>	
Saul I. Aranov.....	27
<b>Prólogo</b>	
<i>Miguel de Unamuno (1864-1936)</i> .....	33
<b>Prefácio</b>	
Ariel Bension.....	37
<b>O Ponto de Vista Histórico</b>	
Ariel Bension.....	45

# O ZOHAR

<b>Parte I – Revelações feitas à Grande Assembléia</b> <b>(Idra Rabba)</b> .....	73
1. O OUTRO LADO DA CORTINA .....	77
2. REVELAÇÃO DO MISTÉRIO DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	81
3. A FACE GRANDE E A FACE PEQUENA.....	89
4. A VISITA DO PROFETA ELIAS.....	95
5. REVELAÇÕES SOBRE A <i>SHECHINÁ</i> .....	99
6. REVELAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO .....	105
7. A LUZ SUPREMA.....	109
8. OS SETE CÉUS.....	113
9. REVELAÇÕES SOBRE O HOMEM .....	117
OS PRESENTES DE DEUS AO HOMEM .....	122
A FORMA DO HOMEM.....	124
OS TIPOS DE HOMEM.....	129
10. SOBRE ADÃO .....	133
11. REVELAÇÕES SOBRE A ALMA .....	137
12. O PALÁCIO DO AMOR .....	141
13. REVELAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO .....	145
A ORAÇÃO SERVE A DEUS.....	150
A ORAÇÃO DA MEIA-NOITE .....	153
14. REVELAÇÕES SOBRE O AMOR .....	155
O AMOR ENTRE O HOMEM E A MULHER.....	158
15. REVELAÇÕES SOBRE AS ESTRELAS .....	161
A MÚSICA DAS ESFERAS.....	164
16. REVELAÇÕES SOBRE A ISRAEL.....	165
OS ESTANDARTES DE ISRAEL.....	172
A JERUSALÉM TERRESTRE.....	174
17. A SABEDORIA DE SALOMÃO.....	177
18. O PECADO TAMBÉM SERVE A DEUS.....	179
19. O GRANDE PEIXE .....	181

**Parte II – Revelações feitas à Pequena Assembléia  
(Idra Zuta) .....187**

20. REVELAÇÕES SOBRE O DESTINO DE ISRAEL .....	191
21. REVELAÇÕES SOBRE O MESSIAS.....	199
22. O NINHO DO PÁSSARO [CONTINUAÇÃO DAS REVELAÇÕES SOBRE O MESSIAS] .....	203
23. REVELAÇÕES SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA .....	211
24. A ALEGORIA DE JONAS.....	213
25. REVELAÇÕES SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS .....	217
26. REVELAÇÕES SOBRE O PARAÍSO E O INFERNO .....	221
AS SETE PORTAS .....	223
AS SETE REGIÕES.....	225
OS SETE PALÁCIOS.....	229
O SEGUNDO PALÁCIO .....	232
O TERCEIRO PALÁCIO.....	236
O QUARTO PALÁCIO.....	240
O QUINTO PALÁCIO .....	244
O SEXTO PALÁCIO .....	246
O SÉTIMO PALÁCIO .....	249

**Parte III – Trechos do Zohar sobre Shimon ben Yochai e  
sobre seus discípulos**

27. VISÃO DE RABI HIYA DEPOIS DA MORTE DE SHIMON BEN YOCHAI ....	257
28. LENDAS DO ZOHAR SOBRE SHIMON BEN YOCHAI .....	261
29. LENDAS DO ZOHAR SOBRE OS DISCÍPULOS .....	275

**Apêndices**

**O retrato do mestre**

Ariel Bension.....	293
--------------------	-----

**Centros de misticismo sefardi após a saída da Espanha**

Ariel Bension.....	301
--------------------	-----

<b>Glossário</b> .....	313
------------------------	-----

<b>Anexos</b> .....	331
---------------------	-----

<b>Índice remissivo e onomástico</b> .....	341
--------------------------------------------	-----



## \* NOTA DO EDITOR \*

**E**m vista de facilitar a leitura para os não familiarizados com a tradição judaica e evitar notas de rodapé demasiadamente extensas, elaboramos um Glossário para esta edição com os termos específicos que aparecem ao longo do texto e que estão indicados com um asterisco. Esse Glossário pode ser consultado no final do livro.

As palavras em itálico indicam tratar-se de transliteração fonética do hebraico. Optamos, por exemplo, pela transliteração *Cabalá*, em vez de “cabala”, já existente em português, e por *Shabat* (sábado em hebraico), em vez de “sabá”, já existente. Em alguns casos, usamos alternadamente duas grafias já adotadas em português,

como no caso de “sefardi” e “sefaradita”, “asquenazi” e “asquenazita”.

Para a transliteração das letras do alfabeto hebraico ao português adotamos a transcrição fonética. Nos casos das letras *Chaf* (כ) e *Chet* (ח), que têm som de “rr”, como em carro, utilizamos sempre “ch”, como em *Chochmá* (חכמה, sabedoria), que deve ser pronunciada “rrorrmá”, e em *Chéssed* (חסד, misericórdia), que deve ser pronunciada “rréssed”. Note-se que no hebraico a palavra é lida da direita para a esquerda. No caso da letra *Hê* (ה), que tem o som aspirado, como em “holy”, em inglês, utilizamos o “h”, como em *Hod* (הוד, majestade), exceto no caso em que aparece no final da palavra, quando é muda, e, portanto, não foi transcrita. No caso da letra *Shin* (ש), que tem som de “x”, utilizamos sempre “sh”, como em *Shabat* (שבת, sábado) e em *Shechiná* (שכינה, presença divina), que deve ser pronunciada “xerriná”, e em *Mishná* (משנה, repetição), que deve ser pronunciada “mixná”. No caso da letra *Rêish* (ר), que tem o som de “r”, como em “aroma”, utilizamos sempre “r”, como em *Rúach* (רוח, espírito ou sopro). No caso da letra *Tsadi* (צ), que tem o som de “ts”, utilizamos sempre “ts”, como em *Atsilut* (אצילות, emanção), em *Ietsirá* (יצירה, formação) e em *Tsimtsum* (צמצום, contração). A letra *Sámech* (ס) foi transliterada por “s” quando aparece no início da palavra, como no caso de *sefirá* (ספירה, enumeração), e por “ss” quando está entre vogais, como no caso de *Chéssed* (חסד, misericórdia), para não ser pronunciada como “z”.

As letras *Kaf* (כ) e o *Kuf* (ק) têm sempre o som de “k” e por ela foram transliteradas. A letra *Guimel* (ג) foi substituída por “g”, exceto quando diante das vogais “e” e “i”, casos em que utilizamos “gue” e “gui”, para não gerar o som “je” e “ji”. As letras *Alef* (א) e *Ain* (א) são mudas e, portanto, não são transcritas, assumindo o som das vogais que as acompanham, como no caso de *Ein Sof* (אין סוף, infinito ou ilimitado). Os acentos, agudo ou circunflexo, também foram colocados conforme a tônica da pronúncia em hebraico e seguindo apenas a transliteração fonética.

Um índice remissivo foi acrescentado a esta edição, com a finalidade de tornar sua consulta mais rápida.

Agradecemos a Mônica Fuchs, pelo auxílio com a versão em inglês; a Mônica Aliseris e a Claudia Amigo Pino, que nos ajudaram com a versão em espanhol; a Roberto Cenni, a Maria Rita Galvão e a Otacílio Nunes, que nos ajudaram em amplos trechos da revisão; a Francisco Achcar, pela disponibilidade de, na última hora, tirar algumas dúvidas finais de revisão; a Liliana Szutan Tal e Rachel Reichhart, pelos subsídios que nos deram para a questão da autoria do *Zohar*; a Rafael Rodrigues Medeiros, pela leitura atenta e pelas várias sugestões; a Miguel Almir Lima de Araujo, por ter ido à Biblioteca Nacional da Espanha, onde já tínhamos conseguido a cópia da segunda edição espanhola (1934), e fotocopiado para nós os exemplares da primeira edição em espanhol (sem data); a Milton e Débo-

ra Steinman, pelas idéias e indicações que nos deram para a boa realização e aceitação desta edição brasileira; a Dora Fraiman Blatyta, pelas indicações de transliteração do hebraico.



## \* INTRODUÇÃO \*

ROSIE MEHOUDAR

Um senso de dever cumprindo-se, junto à alegria ou mais fundo do que ela, advém da tradução do *Zohar*. Sim, não é o *Zohar* inteiro, é uma tradução do inglês e do espanhol, da versão muito própria do rabino Bension, mas é uma primeira precipitação dessa obra magna ou desse magma em solo nacional.

Há coisas a que não se deve ficar alheio, destinos que talvez não se cumpram se não lembramos das origens e do que já se cumpriu. O *Zohar* não está somente na fonte de meus antepassados, judeus sefaraditas oriundos da Espanha e que devido à Inquisição emigraram para Corfu (na Grécia), a Turquia, o Marrocos e o Egito,

mas é uma propriedade do mundo — por seu imaginário, por seu traçado epistêmico, pela clara precisão com que entrelaça os mundos que nos constituem.

Encontrei o pequeno tomo do *Zohar* em espanhol<sup>1</sup> numa Bienal do livro em São Paulo, muitos anos atrás. Sabia que era um clássico da mística judaica, da *Cabalá*, e o prólogo era de Miguel de Unamuno — poeta e pensador espanhol e um dos “mestres” de Jorge Luís Borges. Só fui lê-lo há uns três anos, e admirei-me de encontrar ali o imaginário, a profundidade meditativa e a relação de amor entre mestre e discípulo que pensava próprios apenas de religiões orientais como o budismo, o hinduísmo ou do sufismo.

Soube, então, que o *Zohar* é uma obra bem mais vasta, de muitos volumes, e que é difícilimo traduzi-la porque as significações se dão concomitantemente em várias dimensões, e cada palavra tem bem mais de um sentido. Ariel Bension, um rabino sefaradita que morreu em 1932, ano da publicação de seu *Zohar* em inglês, não se dedicou a produzir esse trabalho multidimensional com o significante. Guiou-se pelas idéias e trajetórias que lhe pareceram mais estruturais à obra, ou mais saborosas, e deu uma ordenação própria aos trechos que selecionou do original aramaico, agregando

---

<sup>1</sup> ZOHAR. Revelaciones del “Libro del Esplendor” seleccionadas por Ariel Bension. Prólogo de Miguel de Unamuno. Barcelona: Arcana Coelestia (Carlos Garrido), 1980.

— como nos diz em seu Prefácio — algumas descrições. Mas há trechos de um tal interesse, que é impossível não brindar à iniciativa de Bension de tornar acessível esse patrimônio da humanidade (foi, ao redor de 1933/1934, a primeira edição em espanhol<sup>2</sup>), de controversos autor e época. Passagens como a da relação entre o Ponto Indivisível, o nome e o mundo abismam não só o homem de fé, mas qualquer pessoa que procura entender como o Intelecto e a linguagem funcionam<sup>3</sup>. As figuras dos Animais Celestes, do Grande Peixe, da coluna de fogo que une a terra e o céu, e tantas outras dão ao judaísmo uma dimensão imaginária e poética surpreendente. Curiosamente, o Messias já é uma realidade no mundo espiritual do *Zohar*, e há regiões para as quais não se pode ir sem ele.

De modo geral, o *Zohar* é concebido como um comentário esotérico da Torá, em especial do Gênesis, incorporando citações e idéias da mística judaica posterior. A tradução de Bension confere um tom coloquial,

---

<sup>2</sup> BENSION, Ariel. *El Zohar en la España musulmana y cristiana*. Un estudio del Zohar, la Biblia del misticismo judaico, y del ambiente español en que ha sido revelado. Prólogo de Miguel de Unamuno. Madrid/Barcelona/Buenos Aires: Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, [entre 1933-1934].

<sup>3</sup> No belo ensaio *A Cabala*, publicado no livro *Sete Noites*, Jorge Luis Borges escreve: “Não se trata de uma peça de museu da história da filosofia; creio que este sistema tem uma aplicação: pode servir-nos para pensar, para tratar de compreender o universo.” E mais adiante: [a *Cabalá*] “é uma espécie de metáfora do pensamento”.

não afetado e amoroso à relação entre o professor, protagonizado por rabi Shimon ben Yochai<sup>4</sup> — um homem santo do século II —, e seus discípulos, que lhe fazem perguntas e ouvem suas exposições, sentados em campos da Galiléia. Eles se debruçam sobre realidades que vão do funcionamento do Intelecto divino e humano, em consonância com uma cosmogonia, descritos com sobriedade, até imagens ricas e barrocas (como os Sete Palácios Celestes, pelos quais a alma pode ascender no outro mundo), repentinamente transformadas em puro pensamento. O *Zohar* nos eleva a outros mundos, ao mesmo tempo os mais próximos de nós.

### SOBRE A EDIÇÃO DE ARIEL BENSIION

Em seu *A Guide to the Zohar (Um Guia para o Zohar)*, Athur Green comenta que a Grande Assembléia e a Pequena Assembléia — justamente as partes de *O Livro do Esplendor* das quais proveio o texto de Ariel Bension — constituem o clímax da narrativa: “Como a última revelação da vida de rabi Shimon, as Assembléias propõem-se a oferecer uma verdade mais alta ou mais profunda do que aquela encontrada em outros lugares do *Zohar*. Essa verdade pode corresponder ao nível da

---

<sup>4</sup> Optamos pela grafia “ben Yochai” para seguir a escolha de Ariel Bension, pois usa-se com frequência “bar Yochai”, uma vez que “ben” é “filho” em hebraico e “bar” é “filho” em aramaico, língua em que o *Zohar* foi escrito.

'alma da alma' de interpretação da Torá, àquele que o *Zohar* nos disse que apenas seria revelado nos tempos messiânicos. Agora esse véu é retirado, por assim dizer, e o *Zohar* deixa o leitor dentro deste nível de discurso mais profundo. Os ensinamentos aqui revelados vêm supostamente direto de *Kéter*, o mais elevado e mais puramente compassivo degrau no mundo sefirótico."<sup>5</sup>

Na edição original de Ariel Bension em inglês, a narrativa do *Livro do Esplendor* era precedida por um estudo: *O Zohar na Espanha muçulmana e cristã*<sup>6</sup>, endereçado portanto não somente aos judeus, mas também aos que partilhavam essas outras confissões, para as quais o *Zohar* tinha dito algo e que talvez tenham falado ao *Zohar*, em sua composição e/ou recomposições até a edição de 1558. O autor procura sondar esse diálogo, ou semelhanças nascidas da atmosfera espiritual da época na Península Ibérica. Os capítulos destinados a comparar o *Zohar* com os textos de místicos espanhóis do islamismo, cristianismo, e judaísmo (como Ibn Arabi, Santa Teresa d'Ávila, São João da Cruz, Raimundo Lúlio, Ibn Gabirol, etc.), serão, por seu grande interesse, se tudo correr bem, publicados mais tarde. Na presente edição, a editora Polar focou-se nos estudos de Bension relati-

---

<sup>5</sup> GREEN, Arthur. *A Guide to the Zohar*. Stanford, California: Stanford University Press, 2004. p. 73 e 154.

<sup>6</sup> O pequeno tomo em espanhol de 1980, que encontrei na Bienal do Livro, contém um pequenino excerto deste estudo de Bension. E esse é o título dos livros em inglês e em espanhol.

vos não propriamente à Espanha, mas às origens e características do *Zohar*<sup>7</sup>.

Bension nos diz que este texto foi extremamente popular entre os judeus sefaraditas, chegando a igualar-se à Torá e ao *Talmud* ou mesmo a superá-los em importância, e transformou-se em esteio espiritual para os judeus exilados da Espanha, que não perderam assim o contato com suas origens. Como Bension mesmo repara, com o passar do tempo o texto tornou-se bastante desconhecido para os próprios judeus, apesar de seguir tendo uma ação na obra de muitos escritores, de variadas fés, ainda por ser estimada. Quão necessário é que os judeus possam ter acesso aos caminhos extremamente precisos e saborosos que lhes pertencem, e que por motivos diversos deixaram de ser transmitidos! E o *Zohar* presenteia a toda a humanidade, com uma acurada e pictórica descrição do funcionamento essencial de cada ser humano, em seu enlace com a Divindade.

Mesmo as histórias que se contam sobre o rabi Shimon e seus discípulos, compiladas de várias fontes

---

<sup>7</sup> A edição em inglês é dividida em três partes: "Antes do Exílio", "O *Zohar*", "Depois do Exílio". A Parte I corresponde a um terço do livro; a Parte II, a quase dois terços; a Parte III sendo composta de apenas 30 páginas. Foi aqui incluída a Parte II completa — contendo um capítulo de apresentação do *Livro do Esplendor* (*Sêfer ha-Zohar*), um sobre rabi Shimon ben Yochai, um de lendas sobre seus discípulos e cinco capítulos com a narrativa do *Zohar* propriamente dita — e um capítulo e meio dos dois primeiros capítulos da Parte III (composta de três capítulos). Portanto, esta edição brasileira apresenta aproximadamente dois terços da edição original inglesa.

por Bension e dispostas aqui após a narrativa do *Zohar*, trazem descrições da revelação de tesouros escritos e de milagres parecidas às de outras tradições místicas e que nunca pensei encontrar no judaísmo.

### SOBRE A AUTORIA DO *ZOHAR*

A discussão sobre a autoria do *Zohar* passou por diversas fases, desde sua divulgação oral e por escritos fragmentários no final do século XIII na região de Castela, Espanha. Ariel Bension refere-se a duas teses majoritárias presentes em seu tempo (1930). A primeira, até hoje consagrada no meio religioso tradicional e amplamente difundida, atribui a sua autoria a Shimon ben Yohai. Encontrei na revista *Morashá*<sup>8</sup> um artigo que, apoiado em estudos de autores conhecidos e consistentes, detalha uma linha significativa da “tese da antigüidade”. O *Sêfer ha-Zohar* (ou *Livro do Esplendor*) é considerado a espinha dorsal da *Cabalá* (“recebimento” em hebraico), por sua vez a parte mais mística e secreta da Torá Oral. Seus ensinamentos teriam sido transmitidos por Deus a Adão e, depois, aos patriarcas e a Moisés. Os “nistarim” (“os ocultos”), os primeiros cabalistas, “preservaram zelosamente esses ensinamentos, transmitindo-os oralmente às gerações seguintes” (*Morashá*, p. 58). No século II, porém, a dominação romana da Palestina teria

---

<sup>8</sup> O que é o *Zohar*? *Morashá*, São Paulo, ano XI, n. 44, p. 58-62, mar. 2004.

ameaçado, com sua proibição ao estudo da Torá e perseguições aos judeus, a sobrevivência e transmissão da Torá Oral. Para que seus ensinamentos não se perdessem, começaram a ser compilados e escritos o *Talmud*\*, os *Midrashim*\* e àquele que é considerado um dos maiores homens santos da tradição judaica, rabi Shimon ben Yochai, teria cabido a estruturação da parte mística. Apenas uma porção do *Zohar* teria sido então transcrita por um de seus alunos, rabi Abba. O restante teria continuado a ser transmitido oralmente pelos discípulos de rabi Shimon. Por 1000 anos o manuscrito teria ficado escondido, até a vinda do momento propício à sua divulgação, no século XIII, primeiro em círculos cabalistas. Chegou então às mãos de rabi Moisés de Leon, que por volta de 1290 começou a editá-lo.

A outra tese a que Bension se refere é a de que o *Zohar* constitua uma criação tardia, isto é, do século XIII e, mais especificamente, do próprio rabi Moisés de Leon. Essa idéia apoiou-se no fato de o manuscrito antigo nunca ter sido encontrado. Mas da acusação de embuste feita no início a De Leon, que atribuía a Shimon ben Yochai o manuscrito por ele reeditado, passou-se ao reconhecimento, de modo geral, do vasto valor literário e místico do *Zohar* apesar da “mentira” de sua autoria, considerada ademais um expediente comum naquele tempo.

Bension levanta senões a essa tese: Moisés de Leon seria antes o revisor/compilador de um material prece-

dente (mesmo se não de rabi Shimon), e novos estratos se teriam agregado depois a seu trabalho. Se essa hipótese contraria a criteriosa investigação lingüística, literária e histórica de Gershom Scholem (1897-1982), que pouco mais de uma década após o estudo de Bension atribui o imenso texto a Moisés de Leon, não deixa de se aproximar das pesquisas mais recentes, relatadas por Arthur Green na Introdução ao trabalho tradutório, exaltado pela crítica, que Daniel Matt tem feito do texto aramaico para o inglês<sup>9</sup>. O *Zohar* tem sido visto, nessa discussão ainda inconclusa, como produto não só de Moisés de Leon, provável autor da seção principal (de onde provêm as passagens selecionadas por Bension), mas do grupo de cabalistas de Castela ao qual pertencia, e que o teriam antecedido e sucedido na composição do texto até sua primeira impressão em Mântua, na Itália, em meados do século XVI.

As pesquisas sobre a redação efetiva do *Zohar*, levando em conta traços de estilo e conteúdos correntes na época de Moisés de Leon, não parecem se opor, entretanto, à tese que enxerga na obra a formulação de uma antiqüíssima tradição oral e escrita de ensinamentos. Quanto Moisés de Leon não teria recebido, *de alguma maneira*, o *Zohar* de fontes anteriores, quiçá remontan-

---

<sup>9</sup> *The Zohar*. Translation and commentary by Daniel C. Matt. Pritzker Edition. California: Stanford University Press, 2004. Além deste primeiro volume, já foram publicados o segundo e o terceiro da obra prevista em 10 volumes.

do ao próprio rabi Shimon e a antes dele? — pergunta-se uma linha de recepção do texto, em que poderíamos talvez incluir Bension. Ao creditá-lo ao santo do século II, De Leon assume-se depositário de uma tradição muito antiga, o que talvez seja incontestável, ainda que ele (e seu grupo?) a releia segundo seu filtro e visada — na qual atuam inúmeros traços de seu tempo e da cultura ibérica —, e ofereça uma contribuição original<sup>10</sup>. O próprio Scholem não deixa de, ainda que pelo avesso, tangenciar essa idéia ao final de seu estudo sobre a autoria do *Zohar*: “Quanto mais longe um homem progride ao longo de sua própria estrada nesta Busca da Verdade, tanto mais ele pode vir a convencer-se de que sua própria estrada já deve ter sido trilhada por outros, eras antes dele. Ao traço de audácia que havia em Moisés de Leão, não menos que ao seu gênio, devemos uma das obras mais notáveis da literatura judaica e da literatura mística em geral”<sup>11</sup>.

### SOBRE ESTA EDIÇÃO

Na presente edição, Rita Galvão traduziu os textos que antecedem e sucedem a narrativa do *Zohar*. Desta, limitei-me a tentar fazer uma tradução literal, baseada

---

<sup>10</sup> Analisar esse jogo de filiação e invenção cabe a pesquisas específicas já em curso, das quais participa o estudo de Bension.

<sup>11</sup> SCHOLEM, Gershom. O *Zohar*: o livro e seu autor. In: \_\_\_\_\_. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 157-206.

principalmente na edição original em inglês, de 1932<sup>12</sup>, cotejada com a segunda edição em espanhol, de 1934<sup>13</sup>. Repetições de palavras e, às vezes, alguma falta de concisão foram mantidas. Apesar delas, o texto possui uma notável vitalidade e espero que sua leitura traga bons percursos e muitas bênçãos a cada um. Sugestões de rabinos, especialistas e leitores leigos, relativas à tradução e à publicação de modo geral, serão muito bem-vindas para uma eventual reedição.

Espero também que esse contato inicial com o *Zohar* abra a porta para que seu trabalho mais complexo e amplo possa ser vertido em breve em nosso país. No final do livro, o leitor encontrará referências bibliográficas das edições em aramaico e de traduções — antigas, recentes ou ainda em curso — do texto completo em outras línguas. Antes dessas referências, um Glossário, organizado por Américo Sommerman, o editor, procura

---

<sup>12</sup> BENSION, Ariel. *The Zohar in moslem and christian spain*. With an Introduction by Sir Denison Ross, Director of The School of Oriental Studies, University of London. London: George Routledge and sons, 1932.

<sup>13</sup> BENSION, Ariel. *El Zohar en la españa musulmana y cristiana*. Un estudio del Zohar, la Biblia del misticismo judáico, y del ambiente español en que ha sido revelado. Prólogo de Miguel de Unamuno. 2. ed. Madrid: Nuestra Raza, 1934. Sabemos que a edição original (citada na nota anterior) foi escrita por Bension em inglês. De quem será a tradução para o espanhol? A completa falta de indicações, mesmo na edição anterior — bem menos conhecida e acessível do que a de 1934 e sem data expressa, ainda que possamos deduzi-la como também posterior à morte de Bension, no final de 1932, por já conter a apresentação de Unamuno, que a ela alude —, levaria a atribuí-la ao próprio Bension, mas fica a incerteza. Apesar de bastante semelhante à tradução para o inglês, alguns trechos divergem e são, em geral, menos acurados.

facilitar e enriquecer o contato do leitor com a narrativa, entreabrindo vias de estudo e sabor.

Que a abertura, humildade e vivacidade que permeiam o Brasil favoreçam também uma reflexão capaz de, mais e mais, abarcar o diálogo com sementes gnosiológicas de valor. São rotas, são mapas de um mundo em que o Real e a Ficção renovam uma só estrutura, da qual todos participamos.

Gostaria de agradecer especialmente a uma pessoa: meu tio Noni, Yehuda Hefez, cujo amor pela interpretação bíblica e entusiasmo na leitura do *Zohar* propeliram este trabalho.

Dedico as bênçãos dessa tradução a meu pai, Samuel Félix Mehoudar, e à minha mãe, Rebecca Chabetai Chonchol Mehoudar, com quem partilho em pensamento cada aprendizagem. Dedico-as também a meus avós. E regozijo-me, nesta descoberta do *Zohar*, junto à minha irmã, Anna Mehoudar, e a nossos queridos familiares, a quem um amor certo tem acompanhado pelo exílio ou deslocamento.

*Rosie Mehoudar, março/2006*



## \* BIOGRAFIA DE ARIEL BENSION<sup>14</sup> \*

SAUL I. ARANOV

O rabino dr. Ariel Bension, compilador do *Zohar*, nasceu em Jerusalém em 1880. Seu nome era Judá Levi, no entanto ficou conhecido como Ariel Bension. O nome Ariel veio de Judá<sup>15</sup>, e o sobrenome Bension, do segundo nome de seu pai, o rabino e místico Joshua Sion Halevi. Sua mãe, Mazal Tob, era filha do rabino Solomon Ezekiel Yehuda.

---

<sup>14</sup> Essa biografia resumida foi extraída de “An appreciation of Ariel Bension”, texto introdutório da obra *A Descriptive Catalogue of the Bension Collection of Sepharadic Manuscripts and Texts* (Edmond/Alberta, The University of Alberta Press, 1979). A obra e o texto introdutório citado são de autoria de Saul I. Aranov. (Nota do Editor)

<sup>15</sup> Ariel significa “leão de Deus”. Judá foi o quarto dos doze filhos de Jacó e seu símbolo era o leão. Foi de sua descendência a linhagem dos reis de Israel, começando em David. (Nota do Editor)

O rabino Joshua Sion migrou de Fez, Marrocos, para a Terra Santa, quando ainda era jovem. Seus ancestrais remontam à família Ben Hasdai, conhecida em Barcelona, Espanha, no século XII. O rabino foi devoto do grupo místico de Jerusalém conhecido como Comunidade Santa de Beit-El. Ariel Bension nos informa, na página 245 de sua obra *The Zohar in Moslem and Christian Spain*, que a Comunidade de Beit-El foi “fundada pelos descendentes de alguns exilados da Espanha. Inicialmente, eram poucos e dispersos, carentes de coesão e de unidade. Todavia, com o passar do tempo, e devido à condução de alguns líderes devotos, o grupo transformou-se num conjunto coordenado, dotado de autoridade e força: dominado pelo que pode ser chamado de imperativo categórico dos ensinamentos do Ha-Ari (o Leão)<sup>16</sup>, as preces eram feitas com *Kavaná*\* (concentração e meditação místicas). No início, o costume era meditar em silêncio profundo — a meditação numa única palavra às vezes durava cinquenta minutos. Porém, com a introdução de interlúdios musicais, a *Kavaná* começou a ser praticada durante a entoação de uma melodia que sugeria a forma

---

<sup>16</sup> Epíteto do grande rabino cabalista Isaac Luria (1534-1572), também conhecido como “o Leão Sagrado”, que revolucionou o estudo da *Cabalá* no século XVI. Ari representa as iniciais de Asquenazi rabi Isaac ou Elohi rabi Isaac, o primeiro representando sua origem alemã e o segundo significando o qualificativo “divino” (*Elohi*), que lhe foi atribuído pelos seus contemporâneos. (Nota do Editor)

\* Nesta edição, quando uma palavra aparece seguida de asterisco, isso indica para o leitor que ele encontrará uma definição ampla dela no Glossário colocado no fim do livro. (N. do E.)

que a meditação deveria tomar. Essas melodias expressavam tão profundamente as emoções das almas conectadas com o sentido místico das orações, que mesmo o ouvinte não iniciado se sentia transportado ao mundo das idéias, onde habitam aqueles que comungam com o Infinito.” Essa atmosfera mística comunitária exerceu uma influência contínua sobre Bension ao longo de toda sua vida, como prova sua atividade literária posterior<sup>17</sup>.

Ariel Bension foi educado por seu pai, na academia Quasad-El, fundada por seu avó materno. Também estudou no instituto Tiféret Jerusalém e, em Beit-El, Bension adquiriu um conhecimento amplo do *Talmud*\*,

---

<sup>17</sup> Gershom Scholem, em sua obra *As grandes correntes da mística judaica*, nos informa que o fundador da Comunidade de Beit-El, que existe até hoje, foi o rabi Shalom Sharabi, um cabalista iemenita que viveu em Jerusalém no início do século XVIII. “É o Beit-El, um ponto perdido na Cidade Velha de Jerusalém, onde, até os anos de 1930, homens inteiramente ‘modernos’ em pensamento podiam inspirar-se na contemplação da prece judaica em sua forma mais sublime. Pois ali a ênfase recaiu de novo, mais do que nunca, na prática da oração mística, a contemplação mística do eleito. ‘Beit-El’, diz Ariel Bension, filho de um de seus membros, ‘era uma comunidade decidida a viver em unidade e santidade. Daqueles que penetravam seus portais, ela exigia o conhecimento do sábio e a abnegação do asceta. Não atingia, pois, as massas’. Estamos de posse de documentos assinados por doze membros do grupo, no século XVIII, comprometendo-se a construir, eles próprios, através de sua vida comum, o corpo místico de Israel e a se sacrificarem por todos, ‘não apenas nesta vida, mas em todas as vidas vindouras’. [...] os escritos cabalistas sefaraditas desta escola [...] exerceram uma influência considerável na judiaria oriental [...]”. (*As grandes correntes da mística judaica*, São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 330-331.) “Os membros desse grupo cabalista foram recrutados principalmente entre judeus da África do Norte, Turquia, Bálcãs, Pérsia e Iêmen.” (*Ibid.*) (N. do E.)

\* Ver Glossário no fim do livro.

dos Códigos<sup>18</sup> e dos estudos místicos. Aos quinze anos, escreveu uma história intitulada “Hanolad Be-Qedusha” (“Ele que nasceu em santidade”), que foi publicada numa série de cinco partes na revista *Ha-Yehudi*, em Londres.

Bension passou uma temporada com os parentes de seu pai na Argélia, antes de ir para a Europa ocidental, onde estudou em universidades alemãs e suíças. Graduou-se em história, filosofia, literatura e filologia asiática. Recebeu o doutorado em filosofia e línguas semíticas na Universidade de Berna e, em seguida, retornou à Terra Santa. Depois casou-se com Raquel, filha de Rahamim Mizrahi. Após separar-se da primeira mulher, casou-se com Ida Siegler, de Montreal.

O jovem Ariel Bension foi o primeiro *sefardi*\* conhecido da Terra Santa que estudou nas universidades da Europa ocidental. Bension serviu por um ano como rabino na comunidade judaica de Betúlia, Sérvia, logo antes da Primeira Guerra Mundial. Depois da década de 20, fez muitas viagens para conhecer as comunidades sefardim no Iraque, Índia, Indochina, Norte da África, Espanha, Portugal, América do Sul e Egito, nas quais foi muito ativo. Chegou a ser representante dos judeus argentinos no XV Congresso Sionista. No intervalo entre

---

<sup>18</sup> Sistematizações dos temas que aparecem desorganizadamente no *corpus* imenso do *Talmud*, realizadas por grandes rabinos durante os séculos XI ao XVII, visando facilitar sua localização. Os mais famosos são o *Mishné Torá* (“Repetição da Lei”), de Maimônides (1134-1204), e o *Sulhan Aruch* (“Mesa Preparada”), de Josef Caro (1488-1575). (N. do E.)

as viagens, desenvolveu muitas atividades comunitárias na Terra Santa. Participou da fundação da Academia rabínica Mihzikei ha-Torá, em Jerusalém. Também foi responsável pela recuperação da terra em Netania, Israel. O quarteirão em que morou nessa cidade tem seu nome.

Em seus tempos de estudante e depois disso, Ariel Bension publicou artigos de natureza acadêmica em hebraico, alemão e inglês, em publicações como *Hasfirah*, *Ha-Or*, *Ha-Herut* e *Ha-Olam*. Seu artigo sobre o misticismo de Maeterlinck, na publicação *Ha-Olam*, em 1914, recebeu atenção especial. Entre os artigos que escreveu, podemos citar “The Sephardi Hassidism in the Land of Israel” [“O chassidismo sefardi na terra de Israel”], “On the question of the Arabs and the Jews” [“Sobre a questão dos árabes e dos judeus”], “An Essay on Yemen” [“Um ensaio sobre o Iêmen”].

Bension escreveu *Hatunat ha-Mavet* [“Casamento com a Morte”], publicado em hebraico e em alemão, que serviu como introdução para sua obra *Rafael*, até hoje não publicada. Também publicou os livros *Sar Shalom Sharabi*, em hebraico e inglês, e *The Zohar in Moslem and Christian Spain*, em inglês, e, parte, em hebraico, pelo qual foi eleito membro da Real Academia de História de Madri. Esta última obra foi publicada originalmente em Londres em 1932 e reeditada pela Sepher-Hemon Press Inc., Nova York, em 1974. Bension faleceu em Paris, em 09 de novembro de 1932, com 52 anos, deixando duas filhas, uma do primeiro e outra do segundo casamento.



## \* PRÓLOGO \*

Miguel de Unamuno  
(1864-1936)

O *Zohar*, ou *Livro do Esplendor*, que Ariel Bension, enterrado há pouco em Jerusalém, aqui tão bem nos apresenta, é qualquer coisa como o Evangelho Místico dos hebreus sefaraditas, os outrora renascidos na Espanha — *Hispania*, Ibéria —, aqueles de origem espanhola. Parece que o trouxe à luz, em aramaico, o rabino espanhol Moisés de Leon, nos fins do século XIII. Este Leon — Frei Luis foi outro —, de berço leonês, viveu em terras de Ávila, portanto de Santa Teresa. O *Zohar* pretende ser o evangelho de Shimon ben Yochai, espécie de Cristo hebreu, milagroso também, do século II, de quem Leon viria a ser um São Paulo. Mas, a nós que o vemos com olhos isentos de lendas e de presságios, o *Zohar* se apresenta como o livro da íntima religião — mística, é

claro! — do tríplice monoteísmo hispânico, ibérico, e da simples e sucinta confissão religiosa comum a judeus, cristãos e muçulmanos da península, acima — ou melhor dizendo, abaixo — das elucubrações eclesiásticas e escolásticas, teológicas, canônicas e litúrgicas de uns e outros. Não é um livro saduzaico\*, mas farisaico\*, como os de Saulo, o fariseu helenizado que ensinava que se só nesta vida esperamos Cristo, o Messias, somos os mais miseráveis dos homens, e que polemizou contra a Lei, do mesmo modo que Shimon ben Yochai, quando diz aqui que os que estudarem o *Zohar* não dependerão da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, nem estarão sujeitos às leis do “deves fazer” ou do “não deves fazer”. A confissão de fé do *Zohar* se reduz a confessar a Deus, um Deus um tanto panteístico — “todas as almas formam uma unidade com a Alma Divina” —, e a imortalidade da alma humana em uma vida de além-túmulo, com Inferno e Paraíso. E ainda as fantásticas lendas de anjos de todos os graus, ofícios e misteres. Fundem-se poesia, filosofia e religião. Mas não filosofia sistemática, como a de Averróis ou a de Espinosa; não filosofia congelada em teoremas, mas sim fluida e corrente, líquida e não poucas vezes vaporosa.

Reverendo o *Zohar*, nos perguntamos se sua inspiração não vem da terra e do céu espanhóis, do páramo

---

\* Para essas duas palavras, ver os termos “fariseus” e “saduceus” no Glossário no final do livro, como é o caso para todas as palavras seguidas de asterisco. (N. do E.)

leonês e castelhano, das serras e dos esteiros andaluzes e levantinos. Há nele a luz do planalto hispânico e de ribeiras mediterrâneas também hispânicas. O conteúdo, a matéria de suas idéias — ou fantasias — tem muito pouco ou nada de original, como não tem o de Santa Teresa, São João da Cruz, Lúlio e os místicos muçulmanos. A originalidade está onde sempre está, na expansão, no tom, teor e acento, no estilo íntimo, entranhado, não na razão — *ratio*, de *rer*, falar — com o *logos*, mas sim no espírito, no *rúach*, no sopro sonoro, que é a substância da palavra. E tudo nos faz crer que ainda que o rabino Moisés de Leon o tenha escrito em aramaico, sentiu-o melhor em romance espanhol — língua *español* (não espanhola) como ainda a chamam — e, sem dúvida, não em ídiche, nem em neo-hebraico reformado. A mística é, em sua maior parte, filologia, lingüística. A língua espanhola pensou e sentiu Deus em Santa Teresa.

O *Zohar* é, para o Antigo Testamento, o que para este e para o Novo são os livros de nossos místicos cristãos espanhóis. E, em outro aspecto, nos lembra — e Ariel Bension o entreviu — o nosso Quixote. Shimon ben Yochai nos parece um Dom Quixote, cavaleiro andante em direção ao divino, à conquista do outro mundo, o do mais além, entre visões ao mesmo tempo angélicas, dantescas e cervantinas. E com algo de pré-colombianas.

Há também no *Zohar* um sentido católico, na estrita significação de catolicidade, de universalidade, admitindo qualquer influência boa, fosse sua fonte judaica ou não o fosse. E, se se afasta do catolicismo — não da

catolicidade — no estrito sentido histórico, é porque seu individualismo não é, como o católico romano, monacal ou monástico. Não cabem nele monges ou monjas. “O misticismo espanhol” — nos diz o autor — “não idealizou nem o eterno masculino, nem o eterno feminino, mas sempre o eterno humano.” E ainda que não se possa tomar isso assim, em conjunto, como exato, e nem tampouco aquela sua outra afirmação, de que nos místicos hispânicos das três grandes religiões não há rastro de influência daquele helenismo que distinguiu a obra dos místicos em outros países europeus, pois nos nossos sente-se constantemente Platão e os neoplatônicos e alexandrinos, o certo é que o *Zohar* sefardi afasta-se do catolicismo monacal em sua maneira de sentir o amor entre homem e mulher, com um sentimento profundamente semítico. É curioso, por outro lado, que o que o *Zohar* diz do amor do casamento, entre homem e mulher, para formar a verdadeira individualidade humana, a familiar, tenha um sabor, um tom, um teor profundamente platônico e helênico. Não de monasticismo oriental, que não foi de origem helênica, mas sim egípcia.

Apesar de tudo isso, o *Zohar* é um livro de uma religiosidade profundamente hispânica, ibérica. Nele se respira o cerne da fé de nosso povo — limpa de excrescências escolásticas e dogmáticas, ainda revestida de cendais e véus e mantos de fantasia. Da fantasia dos que sonharam a vida da alma nesta nossa Espanha eterna, a dos três povos.



## \* PREFÁCIO \*

Ariel Bension

A polêmica criada em torno do *Zohar* (o livro conhecido como a Bíblia dos Místicos), começando por sua repentina revelação na Espanha no fim do século XIII, estabeleceu várias correntes de opiniões diferentes no que se refere à sua origem e compilação. O ônus da prova recai sobre o fato de suas raízes remontarem a mistérios que datam da antigüidade. Mas não tenho dúvidas de que a compilação, os retoques, a revisão ou re-criação (chame-se como quiser) e a designação do título [*Zohar*] ocorreram na Espanha — aquela Espanha que atingiu o ápice de seu desenvolvimento místico. As fontes do *Zohar* podem ser encontradas especial-

mente nos antigos fundamentos da tradição judaica: o Pentateuco\*, os Profetas, Daniel, o Apocalipse, o Livro de Enoque, os Talmudes<sup>19</sup> (*Mishná\**, *Guemará\** e *Hagadá\**), os *Midrashim\** e a literatura gaonítica<sup>20</sup>. Estes, juntamente com outros tesouros místicos do espírito judaico, tiveram uma excelente oportunidade de florescer no solo fértil da Espanha, durante o período em que um desenvolvimento místico similar ocorria nos povos das outras duas fés: a cristã e a muçulmana. Também não devemos nos surpreender pelo fato de certas similaridades haverem se infiltrado nas obras desses três grupos de místicos, e de algumas dessas semelhanças terem adentrado a revisão final do *Zohar*, feita por algum autor cuja identidade ainda não foi estabelecida, mas que deu a forma final ao livro algumas décadas depois de ter sido revelado por Moisés de Leon.

Deve-se creditar ao *Zohar* a intenção de estabelecer a síntese entre os mistérios ocultos e a Lei revelada, para que a mística judaica — até então prerrogativa de poucos escolhidos — se tornasse parte integrante da vida judaica, um bem dileto do judeu religioso racional e do povo em geral. Sua influência na vida judaica tornou-se cada vez mais forte, especialmente depois do

---

<sup>19</sup> Há dois Talmudes: o *Talmud* de Jerusalém, terminado no século V d.C., e o *Talmud* da Babilônia, terminado no século VI d.C. Ver o Glossário no final do livro. (N. do E.)

<sup>20</sup> Ver no Glossário o termo "Gueonim". (N. do E.)

exílio da Espanha<sup>21</sup>, e até a mera leitura mais atenta de trechos do livro chegou a ser vista pelos devotos como um ato de mérito.

Até hoje, aqueles que apóiam a idéia de que o *Zohar* seja uma criação mais recente<sup>22</sup> apresentam como prova as fontes conhecidas do tesouro cultural judaico-espanhol que precederam a sua revelação. Mas devemos considerar também o vasto tesouro cultural dos muçulmanos e cristãos da mesma época na Espanha, assim como o espírito e a atmosfera do próprio país.

Além disso, espero que este livro consiga dissipar os preconceitos criados pelos anticabalistas e provar que, apesar das dúvidas que cercam sua autoria, a data de sua criação e o lugar de sua origem, o valor ético e estético do *Zohar* é indiscutível.

Como o *Talmud*\*, que se divide na *Halacha*\* (a parte legal) e na *Hagadá*\* (a parte narrativa), o *Zohar* também inclui a exegética e a narrativa. Mas, enquanto no *Talmud* a linha divisória entre os dois é bastante clara, no *Zohar* é muito difícil separar um do outro. Isso

---

<sup>21</sup> Em 31 de março de 1492, a Rainha Isabel de Castela e seu marido, Rei Fernando de Aragão, assinaram o decreto de expulsão dos judeus da Espanha, pelo qual aqueles que se negassem a ser batizados tinham três meses para organizar seus negócios e deixar o país. 170.000 judeus não aceitaram o batismo e deixaram às pressas as terras espanholas. Nesse mesmo ano, os exércitos da Rainha de Castela e Aragão expulsaram os mouros de Granada, último reduto que lhes restava na Península Ibérica. Dois fatos marcantes para a fundação do Estado espanhol foram, justamente, o casamento da Rainha de Castela e do Rei de Aragão e essa expulsão definitiva dos muçulmanos das terras européias. (N. do E.)

<sup>22</sup> Isto é, fim do séc. XIII. (Nota da Tradutora)

constituiu, sem dúvida, um empecilho adicional para o leitor leigo, seja ele judeu ou não judeu, que não está acostumado a este método de apresentação e o acha confuso.

Por este motivo, tomei a liberdade de eliminar tais elementos, que nada acrescentam à melhor compreensão das revelações místicas: a essência do *Zohar*. Reuni, no quadro de cada revelação<sup>23</sup>, os trechos referentes ao mesmo tema, que agora estão espalhados e dispersos no vasto oceano do *Zohar*. Com o objetivo de interligar em um todo coerente os vários trechos referentes a cada revelação, não me preocupei com a ordem ou o lugar onde o material foi encontrado; meu intento foi criar uma unidade temática e uma continuidade pictórica.

Dividi as revelações em duas partes. Na primeira parte, reuni as revelações que teriam sido feitas por Shimon ben Yochai para seus discípulos durante a vida, sob o título de *Idra Rabba Kaddisha*, ou Grande Assembléia Sagrada. Na segunda parte, as revelações que tratam das esperanças e expectativas no âmbito dos eventos futuros — seja o futuro do indivíduo ou da humanidade, de Israel ou de outras nações, seja um futuro na terra ou no mundo vindouro — reuni sob o título de *Idra Zuta Kaddisha*, ou Pequena Assembléia Sagrada, que ocorreu

---

<sup>23</sup> As revelações feitas pelo rabi Shimon ben Yochai a seus discípulos 1) durante sua vida, *Idra Rabba*, 2) nas últimas horas que antecederam sua morte, *Idra Zuta*. (N. do E.)

na véspera de sua morte. E ainda, buscando tornar mais vívida para o leitor a atmosfera solene e poética que permeava esses encontros, eu me permiti por vezes recriar a cena da Assembléia.

O que quer que eu tenha feito para tornar o assunto mais próximo do gosto moderno, a substância das revelações permaneceu intacta, ainda que com uma nova estrutura. Como um vinho antigo em cântaros novos. O ritmo do *Zohar* não foi alterado<sup>24</sup>. E se verá que ele é, verdadeiramente, a Bíblia dos Místicos, revelando a alma de Israel, da criação ao fim dos dias. Mas qualquer tentativa de fazer justiça completa à beleza e ao esplendor do *Zohar*, à plenitude dos tesouros espirituais ocultos nas suas páginas, me levaria muito além daquilo a que me propus neste livro. Portanto, fui obrigado a me contentar em destacar somente uma pequena parcela deste tesouro, expressando ao mesmo tempo pensamentos e sentimentos que assaltam quem caminha por esse jardim. Mas àquele que nunca cruzou seus portões deve-se aconselhar a munir-se, antes de entrar, de um novo espírito e de um novo coração.

Muitos foram impedidos de desfrutar as belezas do *Zohar* por considerarem-no, com freqüência, exagerado ou destituído de sentido. Mas o *Zohar* não deve ser julgado pelo ponto de vista moderno. Para avaliar este

---

<sup>24</sup> Essa última frase foi retirada na edição espanhola. (Nota da Tradutora)

livro, devemos conhecer melhor o momento histórico em que viveram as gerações junto às quais ele cresceu, e aquelas que realizaram sua revisão final. Examinado através dessas lentes históricas, o *Zohar* nos revela as várias formas da evolução da cultura judaica, que começou na Terra de Israel, continuou na Babilônia e recebeu seu selo final na Espanha. E isso deve nos convencer de que a mística judaica é merecedora de um lugar de honra no panteão da cultura mundial, e que seus criadores são dignos de estarem entre aqueles que glorificaram a condição espiritual.

Com o objetivo de mostrar a continuidade e a evolução desta mística entre os exilados espanhóis, até os dias de hoje, achei que não poderia haver um tema melhor para a conclusão deste livro do que a descrição de um grupo de sefardim chassídicos pertencente ao Beit-El em Jerusalém, do qual meu falecido pai — descendente de exilados espanhóis que se estabeleceram em Fez — foi um dos mestres do século passado. Junto a este grupo passei os primeiros anos da minha vida — a idade em que nos impressionamos mais facilmente com tudo o que é idealista, elevado e nobre. E em minha alma foi capturado, por meio de um contato direto e vivo, o espírito da vida maravilhosa que me cercou naqueles dias, na casa, nas ruas, na escola e na sinagoga. Ao longo dos anos seguintes, quando voltei meu olhar para o Ocidente e me envolvi na vida mística à minha volta em outros países, encontrei a analogia

entre a vida do grupo místico que conheci e tudo o que contribuiu para formar a bela e poética vida dos judeus na Espanha — a vida que os sefardim conseguiram preservar em todas as suas perambulações. Infelizmente, contudo, essa vida mística está começando a desaparecer e corre o risco de cair em completo esquecimento, a não ser que seja levada de uma forma nova e atraente ao conhecimento desta nova geração.

O Retrato do Mestre, Shimon ben Yochai, e de seus discípulos<sup>25</sup> é constituído de lendas retiradas de fontes fornecidas do *Talmud* da Babilônia, do *Talmud* de Jerusalém e do *Zohar*, organizadas de modo a apresentar o quadro mais compreensível e coerente possível. A descrição da celebração da *Hilulá\** da morte do mestre é um retrato moderno extraído da vida: a festa anual de Meron\*, onde o mestre foi enterrado. O primeiro a mencionar essa celebração foi um viajante italiano, em 1322.

Quanto às revelações do *Zohar*, aquele que busca o texto exato e não está familiarizado com as fontes originais deve ir às traduções literais. Infelizmente para essa pessoa, nenhuma das traduções disponíveis no momento pode afirmar ser exata.

Apesar do fato de este livro ser, em princípio, uma pesquisa histórica, não tomei notas rigorosas das fontes

---

<sup>25</sup> Primeiro capítulo dos Apêndices, p. 291. (N. do E.)

exatas que me forneceram material, mas me contentei em enumerar os livros que me serviram de guia. Deste modo, espero poupar o leitor do rigor demonstrativo da pesquisa científica, que freqüentemente o afasta de livros onde poderia encontrar muita nutrição para a alma e muito alimento para o pensamento.

Finalmente, a vasta influência exercida pelo *Zohar* sobre posteriores obras poéticas, filosóficas e místicas durante os últimos seis séculos ainda está por ser revelada em sua totalidade — não só nos poucos exemplos judaicos dispersos que eu trouxe ao âmbito deste livro, mas mesmo no trabalho de conhecidos autores não judeus, como me propus a mostrar em um livro no momento em processo de preparação. E será visto que o *Zohar*, tão pouco compreendido pelo público judaico em geral quanto pelo não judaico, era conhecido em cada geração, desde a sua descoberta, por certos espíritos escolhidos — por poetas, filósofos e místicos — que escreveram livros possuidores de valor eterno, onde podemos descobrir traços da influência do *Zohar*.

*Cairo, janeiro de 1931*



## \* O PONTO DE VISTA HISTÓRICO \*

Ariel Bension

Não é por acaso que este livro maravilhoso nos foi revelado envolto em tanto mistério, que foram tecidas lendas sobre seu criador, o tempo e lugar de sua criação. Como em todos os livros do espírito humano, que incorporam a qualidade divina, este livro estava destinado a tornar-se um bem imortal de toda a humanidade, porque suas verdades repousam em nossa própria alma.

Aqueles que revisaram o *Zohar*<sup>26</sup> conseguiram fazer com que todo o livro transmitisse uma impressão de an-

---

<sup>26</sup> Primeiro, o rabino Moisés de Leon, no século XIII, que o compilou, e, tempos depois dele, um nome ainda desconhecido. (N. do E.)

tigüidade. Devido a seu início não convencional e a seu final indefinido, a afirmação de que as revelações que contém vieram diretamente do céu, para uma personagem divina cuja grandeza supera até mesmo a de Moisés, parecia mais fácil de ser aceita. A chave que abre as portas secretas deste “Livro da Alma” não será encontrada nos caminhos já trilhados pelo espírito humano. Nem é uma chave que abrirá portas terrenas. Só a possuirão aqueles que se elevarem muito acima da terra. Em sua verdade há uma qualidade que coloca o *Zohar* acima da verdade ordinária. Não conhece envelhecimento nem morte, mas tem o vigor e a força da juventude eterna. Um frescor como o do orvalho o envolve.

Nas revelações do *Zohar* o homem pode encontrar seu ego transcendental, assim como pode encontrá-lo nos momentos sublimes que ocorrem nas visões dos profetas, videntes e cantores divinos. Seus segredos tornam as maravilhas da criação transparentes aos nossos olhos, como uma casa de mistérios vista através de paredes de cristal.

A quantidade de material histórico relativo ao *Zohar* que chegou até nós é extremamente exígua e nem mesmo a geração a quem ele foi revelado sabia mais sobre suas origens do que sabemos hoje. Como já dissemos, o manuscrito do *Zohar* deve ter recebido seu selo final na Península Ibérica. Contém muitos elementos religiosos que devem ter sido introduzidos por rabinos, tempos depois de sua criação. Também se mencionam

outras intervenções posteriores, entre elas a pontuação. O livro contém alusões à ascensão e dominação de Ismael, a nação circuncidada, na Terra Santa.

Ainda que seja difícil obter dados históricos exatos a respeito da origem do *Zohar*, sabemos que rabi Moisés de Leon (1250-1305), místico espanhol, o trouxe à luz no final do século XIII. Ele era natural de Leon, mas passou a última parte da vida em Arévalo, na província de Ávila, essa terra mística embalada nos braços das austeras *Sierras*, que mais tarde testemunhou o nascimento da maior mística cristã espanhola, Santa Teresa. Erudito e cabalista, Moisés de Leon afirmou que o *Zohar* era um manuscrito antigo que lhe havia chegado às mãos de modo milagroso. Ele foi atribuído a rabi Shimon ben Yochai — um tanaíta\* do século II e personalidade das mais destacadas entre as mencionadas no *Talmud*\* — a quem, segundo se conta, havia sido revelado durante os treze anos que passou em solidão. Ben Yochai também era conhecido pelos livros apocalípticos cuja autoria lhe foi creditada. Contudo, antes de ser descoberto por Moisés de Leon, não se tinha notícia do *Zohar*, nem sua existência havia sido mencionada em livro algum.

Mas, tão logo o *Zohar* foi revelado, espalhou-se todo tipo de lendas a respeito de sua origem. Uma delas afirma que Nachmânides encontrou o manuscrito quando visitou a Palestina e o enviou à Catalunha, onde foi parar nas mãos do rabi Moisés de Leon. Mas, como nem os discípulos de Nachmânides, nem qualquer outro na

Palestina menciona a existência do livro antes de sua descoberta na Espanha, a história carece de fundamento.

Muitos ficaram curiosos para ver o manuscrito original. Rabi Issac de Acco, durante uma visita à Espanha no início do séc. XIV, procurou De Leon e exigiu dele a promessa de mostrar-lhe o manuscrito original. Mas De Leon morreu antes de poder cumprir o compromisso. Em seguida, alguns moradores ricos de Ávila visitaram sua viúva e lhe ofereceram muito dinheiro, e até um noivo rico para sua filha, em troca do manuscrito. Mas a viúva negou a existência de qualquer manuscrito antigo; insistiu em dizer que o marido era o autor, e que ele o atribuía a ben Yochai para dar-lhe um cunho de antigüidade. Este fato, é claro, levantou muitas discussões a respeito da autêntica paternidade do livro, do lugar de sua origem, da data de sua criação, etc. Em meio a essa polêmica — que vem se tornando cada vez menos fervorosa, com o passar do tempo — a personalidade de rabi Moisés de Leon se turvou. Seu nome foi vilipendiado e ele foi considerado um defraudador — o que causa admiração, pois suas obras conhecidas o atestam como um místico merecedor de consideração e respeito<sup>27</sup>. Até hoje, não temos uma visão clara deste homem em relação a seu tempo e às influências que o cercaram. Quando

---

<sup>27</sup> Obras de Moisés de Leon: *Shushan ha-Edouoth* (1285); *Sêfer ha-Rimon* (1287); *Nefesh ha-Hohma* (1290); *Sêfer Shekel ha-Kodesh* (1292); *Sêfer ha-Sodoth* (1293); e *Sêfer ha-Shem* (data desconhecida).

estudamos Moisés de Leon, sua época e sua obra, quando consideramos a estima com que era tido por alguns de seus contemporâneos, que estavam entre as maiores personalidades de seu tempo, somos forçados a concluir que a inteira verdade ainda está por ser descoberta. Se não fosse a crítica adversa fortalecida pela declaração de sua viúva de que o *Zohar* era sua própria criação, Moisés de Leon teria indubitavelmente encontrado seu lugar adequado na história da mística judaica.

Por outro lado, considerá-lo uma fraude por ter atribuído o *Zohar* a uma personagem da antigüidade não é inteiramente justo, pois havia o costume, entre os escritores da época, de atribuir a autoria das obras a personagens históricos muito conhecidos, a fim de assegurar o interesse do leitor. Ao atribuir o *Zohar* a Shimon ben Yochai, cujo nome sempre foi alvo da mais alta veneração no mundo judaico, o objetivo de seus criadores era simplesmente fazer com que suas revelações fossem aceitas por eruditos e céticos.

Como foi dito, Moisés de Leon gozou da amizade e respeito de alguns grandes eruditos de sua época. O mais ilustre deles, Todros Abulafia — homem de grande riqueza e de influência ilimitada nos círculos de poder, patrono das artes —, era considerado a maior figura de seu tempo. De Leon dedicou suas obras a Abulafia com as seguintes palavras: “Ao meu patrono, o Príncipe Todros.” Rabi Menahem Ricanetti, místico italiano contemporâneo de Moisés de Leon, considerava-o o autor do *Zohar*,

e via o livro como uma nova revelação. O grande místico palestino rabi Moisés Cordovero refere-se a ele com reverência em *O Jardim de Romãs (Pardês Rimonim)*.

Depois de ler as obras de Moisés de Leon, tanto os manuscritos quanto os livros impressos, na opinião do presente escritor há pouquíssima probabilidade de que De Leon tenha alguma relação com a verdadeira criação do *Zohar*. Apesar de seu profundo misticismo e de muitas das idéias que permeiam sua obra assemelharem-se ao *Zohar*, sua obra carece do espírito visionário, poético, sublime; da profundidade de conteúdo combinada à beleza da forma e da expressão; da grandeza que culmina em vôos de elevada fantasia; da arte erudita expressa com a simples sinceridade que nos saúda a cada página do *Livro do Esplendor*. Aqueles que apóiam a idéia de que Moisés de Leon foi o autor do livro, indicam como prova certas alusões veladas. Em uma passagem, o *Zohar* refere-se a Moisés da cidade de Leon como um de seus criadores. Em outro trecho, lemos a predição: “E este livro será revelado no fim dos dias por Moisés, que deve preceder a chegada do Messias. Então, por meio do *Zohar*, os seguidores da *Cabalá* serão iluminados pela verdade sublime.” E, em outro lugar, lemos: “O pastor fiel (Moisés) é modesto demais para atribuir a si mesmo suas próprias revelações, por isso a Lâmpada Sagrada (Shimon ben Yochai) fala por ele. O segundo Moisés precipitará o advento do Salvador. E este novo Moisés, que se assemelha à pomba da Arca de Noé, terá

sucesso.” De novo, no *Zohar*, em um fragmento chamado O Pastor Fiel, a expressão “O Inteligente brilhará como o esplendor do céu” — uma citação do Livro de Daniel — é tomada como uma alusão aos nove autores do *Zohar*, dois dos quais são naturais da cidade de Leon, e os sete restantes, do reino de mesmo nome. Mas, pelas razões já citadas, não há necessidade de aceitar-se isso como prova. Além do mais, estas podem ser referências a outro Moisés, ou podem ter sido enxertadas mais tarde no manuscrito do *Zohar*.

Os méritos de Moisés de Leon encontram-se, para nós, no seguinte: como místico proeminente de seu tempo, e sendo atribuída a ele a autoria de vários livros importantes sobre a mística, De Leon não só trouxe o *Zohar* à luz, mas trabalhou muito para divulgá-lo em hebraico — uma língua mais conhecida dos judeus do que o aramaico, a língua do *Zohar*. Ao incorporar muitas das idéias do *Zohar* a seus próprios livros, que foram escritos em hebraico, ele também preparou o caminho para uma melhor compreensão do *Livro do Esplendor*.

Foram muitas as lendas criadas em torno de rabi Moisés de Leon, conhecido pelo povo como “o homem do Nome”, porque podia fazer milagres com o nome de Deus. Corria a notícia de que ele havia escrito o *Zohar* sob a influência desse Nome Oculto. Em seu livro *Shekel ha-Kodesh*, De Leon diz: “E eis que revelarei a vós um mistério muito profundo de grandeza sublime: o homem que está neste mundo só está aqui pela asso-

ciação dos três elementos, que são um. São eles: a alma racional, a alma vital e a alma sensível. E foi apenas pela união dessas três forças que o homem se fez perfeito. É graças a essa unidade misteriosa nele manifesta que ele se torna o reflexo do que está acima, isto é, a verdadeira Imagem de Deus.”

Já vimos que a combinação das tradições clássicas subjacentes ao judaísmo e das idéias fantásticas ricamente ornamentadas, essencialmente espanholas, dá ao livro seu caráter único: em primeiro lugar, como uma obra de antigüidade, ainda que carregando o selo de seu tempo e, além disso, como um livro da mais alta espiritualidade, mesmo que exibindo, por vezes, um toque quase grotesco de fantasia ligeira. Para nós, o valor do *Zohar* encontra-se nisto: ele exerceu uma imensa influência no judaísmo, e especialmente na vida sefardi — tanto na vida religiosa como prática — desde o século XIV até hoje.

Há uma crença de que o *Zohar* foi trazido à terra por anjos, encarregados de ensiná-lo ao homem, pois este havia perdido a nobreza e esplendor originais. Por meio deste misticismo, o homem haveria de retornar ao seu estado original de bondade. Foi a tentativa da forma mais nobre de judaísmo de conservar o nível mais alto. O conceito de religião (como o de filosofia, arte ou poesia) passa por uma mudança ao sofrer a influência da específica lei de evolução que está presente em cada geração. Uma tal mudança no campo espiritual judaico pode ser atribuída à influência do *Zohar*.

Presume-se que o *Zohar* revele os segredos de Deus e da criação, na forma de comentários sobre as Escrituras. Discute abertamente sobre todas as coisas que se referem ao espírito humano. Às vezes ascende a grandes alturas, ensinando doutrinas dignas de orgulho até no espírito mais elevado de nosso próprio tempo. Mas o mais notável — e é isso que o faz ultrapassar o pequeno círculo de intelectuais para uma esfera mais ampla de compreensão — é que ele não permanece o tempo todo nas alturas. Às vezes desce a profundezas surpreendentes e chega a tocar o próprio pó. Além disso, não há uma devoção servil aos textos das Escrituras. Frequentemente, o verso citado é apenas um impulso para alguma revelação mística, pondo-se em relação com outros versos da Bíblia que podem parecer, ao leitor leigo, não ter ligação alguma entre si. A verdade é que, ao longo do comentário, o verso torna-se sem importância, enquanto as revelações místicas passam a ser o motivo dominante e principal. Na realidade, a conexão entre os versos foi organizada de maneira a apresentar aquilo que é necessário para simbolizar a revelação. Por exemplo, a *rosa*, no *Cântico dos Cânticos*, é usada para representar a Comunidade de Israel, e o *jardim*, o Paraíso.

O *Zohar* também se caracteriza pela diversidade de estilos. Às vezes, o estilo, a forma, e mesmo o pensamento nos fazem lembrar aquele tom inocente, extático e ainda assim autoritário da Bíblia em alguns de seus períodos mais antigos, aquela simplicidade cândida

que marcou a infância de Israel. Ao lado disso, também está presente o espírito das novas descobertas da Idade Média. Não há, no conjunto, uma meticulosidade de estilo, uma elegância de pensamento a ser observada do começo ao fim, mas há altos e baixos no livro, assim como na Natureza. A forma e o modo de expressão são bastante peculiares. Não sentimos que são os escritores que nos falam, não é a linguagem que nos comove, apesar de sua beleza mágica. É antes a sensação de que o espírito divino, que tudo permeia, nos fala através das páginas do livro, com a voz da autoridade e da vida. Os autores parecem às vezes desviar-se demasiadamente do assunto inicial. É como se, maravilhados pela variedade de novas e estranhas experiências que se lhes apresentaram, eles perdessem de vista o assunto, diante dos episódios inesperados com que se depararam no caminho. Mas, uma vez que a revelação é libertada desta matéria externa, sua beleza torna-se aparente.

Há passagens no *Zohar* que são enlevantes em forma, ritmo, pensamento, simplicidade e beleza, como se estivessem além de qualquer comparação com os preceitos ditados para a observância da religião prática. Pertencem, antes, à verdadeira religião, que é a adoração instintiva daquele Algo Divino que está em tudo.

O *Zohar* cria um conceito filosófico embalado e protegido pela religião. Ele nos ensina que há uma substância universal que está constantemente pensando e agindo. Ela emana do universo, mas não está incluída no próprio universo. Ensina que criar significa pen-

sar, estar em existência, desenvolver a si mesmo. Nele não encontramos a idéia da criação do mundo a partir do nada, nem o retorno final ao nada; mas sim a idéia da evolução de formas sem fim — formas pelas quais a Substância Divina se manifesta e se desenvolve, através de leis de pensamento que são imutáveis —, a crença de que tudo o que existe é parte da Sabedoria Divina antes de surgir em forma concreta. Portanto temos dois mundos: o superior e o inferior.

A Sabedoria, o *Zohar* nos diz, é o espelho límpido da Majestade de Deus. Sendo Deus um, Ele é Todo Poderoso. Às vezes, podemos nos incomodar com a falta de naturalidade das imagens que o *Zohar* usa para nos apresentar Deus. Mas devemos nos lembrar de que isto é para nos ajudar a chegar a uma conclusão: são infinitas as formas em que Deus pode se manifestar.

O *Zohar* é a quintessência do desenvolvimento de muitas gerações de pensamento místico. Porém, assim como muitas obras compiladas no Oriente, carece de sistema, uniformidade e homogeneidade. Não parece haver ordem ou associação de idéias. Isso confundiu o leitor comum, que foi assim excluído dos tesouros que recompensam aqueles que buscam mais profundamente. Outra complicação foi o fato de o *Zohar* ter sido escrito em aramaico, que era a língua na qual os eruditos da época, especialmente eruditos em misticismo, estavam habituados a escrever seus pensamentos. Em aramaico, também, era mais possível dar ao assunto aquele tom de

antigüidade que convinha às figuras heróicas dos tempos antigos que percorrem as páginas do *Zohar*.

Nas muitas conversas sobre revelações mencionadas no *Zohar* — discussões entre o mestre e seus discípulos — vemos vigorar uma atmosfera que contrasta diretamente com a severidade associada às Academias Rabínicas da Babilônia, e mesmo às da Terra Natal da Judéia. Nas discussões do *Zohar* prevalece um ambiente simples de conversa casual. É uma conversa que transcorre com modéstia, organizada segundo o espírito democrático, muito diferente dos discursos usados pelos sábios do *Talmud*. Não há pedantismo. O tempo e o espaço são escolhidos conforme a oportunidade se apresenta. Não há espera para um lugar sagrado e apropriado ao assunto específico a ser tratado; nem há qualquer discriminação a favor de qualquer das pessoas presentes, exceto pelas revelações especiais na Grande e Pequena Assembléias. Fosse o encontro com um velho senhor ou com uma criança, fosse com um homem rico ou pobre, o mestre e seus discípulos mostravam-se interessados em ouvir a mensagem espiritual de todos com quem entravam em contato. Tanto a ingenuidade quanto o amor orientavam suas ações e manifestavam-se em expressões de felicidade, em demonstrações de amor e em lágrimas que revelavam a profundidade de seus sentimentos ao ouvirem as revelações. Quando falavam de fatos vivenciados durante suas perambulações, usavam a linguagem simples da sinceridade. E esta simplicidade é característica tanto do modo como relatavam suas

lendas simbólicas quanto do tipo de discurso que surgia em suas reuniões místicas.

O *Zohar* não é uma obra literária no sentido corrente do termo, nem pode ser comparado a qualquer das obras místicas que o precederam. Ao percorrê-lo, o leitor pode por vezes ter a impressão de entrar em uma mansão espiritual cujo ar rarefeito e luzes brilhantes põem seus sentidos ordinários à prova. Em outros momentos, pode deparar-se com frases e trechos de rara beleza e frescor de espírito. Mas essa não é a beleza comum às obras místicas que buscam mais a perfeição literária do que a revelação mística. Há uma atmosfera mística que pode surgir do silêncio de uma completa absorção, ou por meio de um repentino raio de iluminação.

Aqueles que não imergem na atmosfera do *Zohar* e não conseguem apreciar suas belezas, podem julgá-lo apressadamente como um conjunto de sonhos fantásticos. E outros são incapazes de apreciar o valor do *Zohar* porque acreditam somente naquilo que seus olhos podem observar: o material e o concreto. São incapazes de penetrar este véu de prata límpida, além do qual o mundo do espírito e da alma torna-se o mundo real. Por outro lado, a plenitude das cores exóticas deste mundo novo simplesmente ofusca os olhos acostumados só aos tons de cinza da vida ordinária. Tais homens não saberiam sentir a felicidade que acompanha a entrada em um mundo novo; felicidade de uma experiência estranha. Eles querem sujeitar tudo com que entram em

contato ao bisturi da crítica ordinária. Colocam cada nova experiência no microscópio de seus conceitos realistas, das coisas como eles as conhecem. Perplexos com o labirinto das leis misteriosas que governam esse novo universo, eles não percebem a vastidão do mundo do qual foram excluídos por suas próprias limitações. Os homens de mente sóbria dirão: “O que pode nos revelar um homem que está longe da urgência da vida, que vive em grutas subterrâneas, além de idéias impraticáveis, muito distantes da vida real?”

Apesar de o *Zohar* ter um estilo obscuro, onírico, não seria correto considerar o livro apenas uma casa de sonhos. Ele conservou centelhas de luz dos séculos passados, e está repleto de esclarecimento para os séculos futuros, no estilo do pensamento oriental, baseado na emoção e na intuição. Podemos também encontrar um toque de puro lirismo, ou alguma expressão que nos aproxima da natureza, mas iluminada e aprofundada para exprimir sensações que estão além do natural. Toda a atmosfera sugere uma nação que viveu lutando com obstáculos, e os têm vencido.

Quanto às fontes de inspiração do *Zohar*, devemos procurá-las no velho e sagrado país da Galiléia, e em Jerusalém — aquela Jerusalém criada pelos céus, da qual nos fala o *Zohar*. Basta começar o estudo da Bíblia dos Místicos, e o estudante não mais se contentará com admirar a forma externa da caixa, mesmo sendo de ouro puro e cravejada de pedras preciosas. Ele a abrirá, para examinar o tesouro que ela abriga. Pois quem, ao segurar

o vaso de rosas nas mãos, não se apressa em sentir seu perfume? E, ao examinar o tesouro oculto que o *Zohar* contém, temos que concluir que aqueles que o criaram foram homens capazes de penetrar nas profundezas em que a alma vagueia em nossa Casa da Vida.

Suas páginas estão saturadas com o amor eterno: um amor espiritual, romântico, extático, subjacente à devoção a tudo o que é bom, verdadeiro e belo na vida. No *Zohar* foram derramados os tesouros místicos e espirituais de uma nação, tal como foram conservados nas tradições oral e escrita, acrescidas ainda de maior plenitude e profundidade com o passar dos anos.

O encanto do livro não é aquele que nos conduz para a vida ordinária; seu encanto é acreditar na vida eterna! Pois encontramos centelhas de um fogo que está queimando em profundas cavernas ocultas para a visão humana: a possibilidade de viver para além do ordinário e acima do medíocre, mesmo em nossos contatos diários, para que nossa relação com o Infinito torne-se gradualmente mais clara e compreensível. O olhar é treinado para ver a vida e suas ações, o homem e suas experiências, de um ponto de vista diferente daquele a que estamos acostumados.

Como é rico e colorido o material que o *Zohar* retirou do Livro dos Livros! Em suas páginas podemos conhecer os pais do mundo: o primeiro Adão; Eva, a Mãe da humanidade; as Matriarcas e os Patriarcas; José, Moisés, David e outros heróis bíblicos, descritos em linguagem pitoresca e vestidos com trajes lendários, tão

queridos aos judeus orientais. Todas as imagens assumem uma nova graça, particularmente a figura de Raquel — símbolo da tristeza eterna, assim como do cáldo amor da mãe por seus filhos exilados, cobrindo-os com suas asas protetoras —, quando ela surge à meia-noite para orar pela salvação e restituição dos filhos. Nenhum outro livro jamais nos revelou a infinita variedade desse caleidoscópio de cores. Também nenhum outro mostrou com uma fé tão sincera a beleza espiritual que se encontra escondida na alma do povo judaico.

No *Zohar*, muitos aspectos abstratos da tradição judaica receberam uma forma de vida mais alta do que a ordinária. Às vezes, a forma que lhes é dada é masculina, e outras vezes feminina. Nós os encontraremos como reis, rainhas, príncipes e princesas, como se fossem realmente dotados de vida. Aprendemos a conhecê-los e a amá-los, e em retribuição eles nos dão felicidade. A Torá, o *Shabat* e a Língua hebraica; as três coisas que acompanharam os exilados judeus em suas perambulações — e cuja presença ajudou a preencher um vazio criado pela carência de um país e de um rei, pela falta dessa segurança que se encontra no solo e na terra natal — passaram a ser vistas como amigos compartilhando seus problemas. O judeu, portanto, persuadiu-se de que a bênção divina o acompanha mesmo no exílio, cercandoo com o carinho e cuidado que um pai daria a um filho amado.

Esse fato é melhor ilustrado na interpretação do *Cântico dos Cânticos* pela tradição mística. Ali, Deus é

o Amante e canta para Seu Amado: a Comunidade de Israel. E por sua vez Israel, *o amante*, canta para a sua *amada*: a Princesa do Shabat. Pois o *Shabat* é dotado de uma beleza divina e torna-se uma noiva, esplêndida e resplandecente. Toda noite de sexta-feira, ao pôr-do-sol, Israel, *o amante*, adianta-se para saudar a Noiva Shabat, com canções de boas vindas e louvor. Então cada indivíduo, cada comunidade judaica e todo Israel disperso pelo mundo exultam no *Shabat* e nisso encontram alegria.

Reina no *Livro do Esplendor* uma certa democracia de espírito que é singular. Por exemplo, vemos nas figuras místicas da Carruagem Divina espíritos de diferentes graus e formas de vida — pássaros e animais e homens —, que estão em conflito uns com os outros no mundo ordinário, unidos na tarefa divina designada a elas, cooperando e complementando-se.

Outro traço característico do misticismo do *Zohar*, que marca a influência que teve na sua geração e nas subseqüentes, é a acentuada tendência ao uso de símbolos e expressões sensuais e eróticos, particularmente a união sexual, para designar verdades espirituais sublimes. Duas razões são geralmente apontadas para isto: primeiro, essa é a forma de expressão que a mente compreende com maior facilidade; e segundo, que isto emana de um sistema que tende ao panteísmo e à unidade de todas as coisas. Tanto os símbolos quanto sua expressão referem-se à nostalgia e ao imenso desejo da alma de unir-se com Deus e, através de Deus, com todas as coisas e perder-se completamente nessa união. Mas,

para além dos símbolos sensoriais externos, as coisas são tratadas com uma seriedade e uma pureza próprias de sua origem sublime. Assim, os místicos encontraram no *Cântico dos Cânticos* uma expressão para assuntos divinos. Este conceito básico deu origem a uma série de poemas erótico-místicos, criados pelos místicos sefardim de gerações posteriores da Galiléia.

O *Zohar* foi capaz de congregar todos os estratos do judaísmo. A classe intelectual foi atraída pelos problemas elevados, mensagens místicas e filosofia poético-religiosa que contém. A classe não ilustrada, pelos conceitos lendários e éticos, pelas esperanças que apontavam para o futuro, e pelo espírito de valor que emana de todas as páginas e que ajudava as pessoas a suportarem as tribulações e o exílio, bem como sua sorte neste mundo. As massas também se sentiram atraídas pela atmosfera festiva e santa, que permanece como um halo ao redor do livro. Chegaram a considerar o *Zohar* como um livro de santidade, de esperança, de milagres, de salvação, de cura para corpos doentes e conforto para almas enfermas. Para elas, era um livro para ser lido em todas as ocasiões, de festa ou de lamentação, de nascimento ou de morte. “Já basta que a alma compreenda o que a boca do indivíduo inadvertidamente expressa”, diz o *Zohar*. A canção que encanta, a elegia, a cantiga de festa impregnada com a profunda tristeza que gerações de exílio tornaram inerente a ela; a melodia que fala longamente de promessa e coragem, depois de ter incorporado as águas vívidas de fontes profundas que se

encontram nos mistérios secretos — essa melodia que é ouvida na iminência do infortúnio, em noites de lamento, no limiar da felicidade ou às portas da sepultura, quando um mortal querido se perde da vista humana. Todas essas melodias tornaram-se tradicionais com a leitura do *Zohar*, unindo o judeu oriental ainda mais a tudo aquilo que ele tem de mais caro. E nisso reside a grande fascinação que o *Zohar* provocou nos exilados da Espanha. Mesmo aqueles que não conseguiam entender seus mistérios tiveram os corações aprisionados pela fé em um livro que personificava tudo o que os ligava à terra e ao céu. O *Zohar* levou grande alento à vida dos exilados, fortalecendo sua crença nas promessas da tradição judaica. E gradualmente esse misticismo, com sua solene pureza de alma, surgiu para Israel no exílio como um salvador luminoso, para trazer luz à sua escuridão. Por exemplo, o *Zohar* nos conta que um fio de Graça percorre os dias de exílio e solidão; que mesmo que Israel não saiba encontrar em seu próprio centro as forças para elevar-se às alturas, de onde virá a verdadeira salvação, ainda assim ela virá no *fim dos dias* da fonte de toda salvação. E a fé de Israel — apesar da escuridão do momento, apesar do sofrimento e do exílio — deve ser mais forte do que a morte. Ele nunca deve deixar de crer na restauração da Tenda do Rei David.

O mestre, Shimon ben Yochai, diz a seus discípulos: “A alusão ao Livro Sagrado do *Zohar* é feita no Livro de Daniel: ‘E aqueles que têm sabedoria brilharão como o esplendor do firmamento.’ Saibam que o *Zohar* reflete

a luz da Mãe Suprema (*Shechiná*), que é a fonte da penitência. E aqueles que estudam o *Zohar* provarão da Árvore da Vida e não estarão mais sujeitos a provas. Então, Israel não dependerá mais da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e não terá mais que se submeter às leis do 'deves fazer' e 'não deves fazer'."

Assim, o *Zohar* se transformou no guia perpétuo dos exilados, e a leitura diária de alguma passagem do livro tornou-se um dever tão sagrado para os exilados espanhóis quanto a leitura de um trecho da Bíblia. Liam-se fragmentos dele em todas as ocasiões, de tristeza ou alegria, em público ou entre os familiares, na sinagoga ou em casa. Poemas místico-eróticos, baseados nas revelações do *Zohar*, eram cantados para receber a Rainha do *Shabat*\*, em uma sala cheia de luz, sob um candelabro de sete braços, com a mesa adornada para a festa do *Shabat* e exalando a fragrância da mirra. Tudo isso naturalmente atraía as multidões.

Também estavam presentes todos os elementos que poderiam ter atraído o coração da mulher para este movimento místico. Pois o *Zohar* tinha a mulher como tão importante para o cosmo e tão responsável pela criação quanto o homem. Portanto, poderíamos esperar encontrar mulheres judias místicas, assim como encontramos místicas nas demais fés, como Santa Teresa e outras. Mas os rabinos dos tempos antigos cuidaram de construir um muro de tradição em torno do estudo religioso, o que fez dele um espaço fechado à mulher judia.

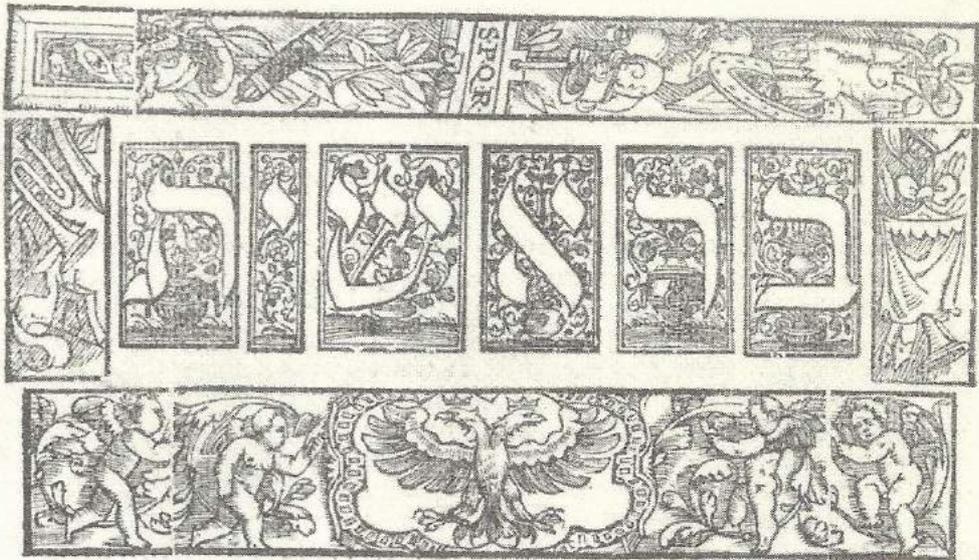
A mesma proibição tradicional a manteve afastada do estudo do *Zohar*. Embora o movimento místico judaico tivesse um caráter religioso democrático, ele não soube derrubar a barreira que manteve a mulher judia excluída do estudo religioso. Temia-se que a destruição de um princípio tão fundamental compromettesse todo o movimento. E isso é uma pena. Pois, no *Zohar*, a mulher teria encontrado aquele elemento ao qual todo o seu ser responde tão profundamente: o sentimento de amor, o amor pelo qual o homem se torna o princípio das criações, e através do qual ele influencia tanto os mundos inferiores quanto os superiores. Ali estava um elemento de êxtase, especialmente atraente às mulheres, que não poderia deixar de exortá-las a viver uma vida idealista. Mas a chance de entrar pelos portais desta nova vida lhes foi negada. E, exceto por duas famosas místicas de Safed\*, o centro da *Cabalá*, que eram consideradas profetizas — uma das quais, chamada Francisca, alcançou um grau elevado de fama —, não há outras menções a mulheres que tentaram atravessar tal barreira. Por outro lado, quando Shabetai Tsvi<sup>28</sup>, buscando ser aceito por todos os judeus como Messias, quebrou as barreiras em favor das mulheres e lançou seus apelos místico-eróticos,

---

<sup>28</sup> Estudioso das obras de cabalistas em sua juventude, Tsvi (1626-1676) declarou-se o Messias. Inicialmente, não foi levado a sério, mas em certo momento teve um número significativo de seguidores em todas as comunidades judaicas. (N. do E.)

as mulheres acorreram em grande número e estavam entre seus seguidores mais fervorosos. A elas deve ser atribuído muito do sucesso (ainda que temporário) de seu movimento.

Uma surpresa nos espera ao abrir as páginas do *Livro do Esplendor*, tal é a fragrância e frescor que emana daquilo que se encontra entre suas capas emboloradas! A linguagem flui com encanto; freqüentemente apelando, às vezes advertindo. Suas parábolas são cheias da maturidade da sabedoria. Vigorosas pinceladas delineiam a beleza Divina — descrições que abrem à força as portas que limitam nossos horizontes. E a beleza que aí encontramos não é a beleza maciça e física dos gregos, pois o *Zohar* é governado por um princípio muito diferente daquele que inspirou os gregos. Sua beleza está na essência mesma da santidade da vida eterna, repleta de uma infinita variedade de cores e movimento, enquanto sua fragrância é a da juventude. Pois estas são as qualidades comuns a todas as idades — sentimentos humanos que não mudam nem com o tempo, nem com a eternidade. E o valor moral de sua mística está em fazer com que o ato mais humilde de serviço contribua para a perfeição de todo o universo. Assim o *Zohar* é o livro não só de Israel, mas de toda a humanidade.



**א בריש**

תורמנתה דמלכא גליף גלופי  
 בשחירו עלאה בוצינא דקדינותא  
 נפיק גו סתים דסתיו מרישא דאין  
 סוף קיטרא בגולמא נקיץ בעוקא לא חוור ולא אונכ  
 לא סומק ולא ידוק ולא גוץ כלל כד מדיד משעה  
 עביד גוונין לאנהרגו לנו בנו בוצינא נפיק חד נביעו  
 דמניה אצטבעו גוונין לתת סתים גו סתומין מרוא דאין  
 סוף בקע ולא בקע איירא דיליה לגא אתירע כלל עד  
 דמנו דחיקו דבקינותא (סל דקיסומיס) נחיר נקודה  
 סל כסולא) חרגא סתימא עלאה בחר החווא נקודה  
 סל כסולא) לגא אתירע כלל ובגין כך (סל ובגין כך  
 אקרי ראשית מאמר קדמא דכלא) סל לטא רטא

**והמשכילים**

חריקע ומצדיקי חריבים ככביים לעולם ועד  
 זוהר סתומא דסתיו מין במש איירא דיליה דמטי ולא  
 פטי כחאי נקודה (סל כסולא) וכדין אתפשט זואו  
 ראשית ועביד ליה היכלא ליקריה לחושבתייהו (סל  
 יקרא לסיכלא לעומתים) חמן ורע ורעא לאולדא  
 לתועלתא דעלמין ורוא דא ורע קדש מצבתה וזר  
 דורע ורע ליקריה כחאי ורע דמשי דארעון טכ דאתחמי  
 לנו ועביד ליה היכלא דאיהו תושבתייהו דיליה ותועלתא  
 דכלא כחאי ראשית ברא חווא סתימא דלגא אתירע  
 לחיכלא דא היכלא דאקרי אלקיס ורוא דא בראשית  
 ברא אלקיס זוהר דמניה כלתו מאמר דרז איתכריאו  
 ברא דאתפשטותא דנקודה דזוהר סתים דא א כחאי  
 כתי ברא לירת תוחא דכתיב ויברא אלקיס ארז האדם  
 בצלמו וזוהר רוא (סל לא) בראשית קדמא דכלא  
 אהיה שמא קדישא גליפא כסמיו אלקיס גלופא  
 בעמרא אשר היכלא סמיו ובגין שריאורא דרוא  
 דראשית (סל דמלסות) אשר ראש דנפיק מראשית  
 וכד אתתקן לבתר נקודה והיכלא כחאי כדין בראשית  
 כליל ראשיתא עלאה בחמתא לבתר אתחלף גוון חוור  
 היכלא ואקרי בית נקודה עלאורי אקרי ראש כליל דא  
 ברא בראשית כד איהו לא כחורא בכללא חורא  
 עד לא חוי ישובא בכותא וכדין דאודרע לתקונא דישוב  
 כדין אקרי אלקיס סמירא סתימא זוהר סתים ובגין כד  
 בגין בגויה לאולדא וביתא קיימא בפשימו דתקונא  
 דאין ורע קדש ועד לא אתעזארה ולא אתפשט

פשימו דישובא לא אקרי אלקיס לא כלא בכללא בראשית  
 לבחר דאתתקן בשמא אלקיס אפיך אינון חולדין סן  
 החוא ורעא דאודרע בידה מאן החוא ורעא אינון אחוון  
 גליפן רוא דאורייתא דנפקו מהחוא נקודה החוא  
 נקודה ורע בגו החוא היכלא ורעא דתלת נקודין חלל  
 שרק חילק ואתכליל דא ברא ואתעבי דו רוא חורא  
 קול קול דנפיק בחבור חורא בשעתא דנפק נפקת בת  
 זוגת בהדיה דכליל כל אחוון דכתי את השמים קול  
 ובת זוגו האו קול דאקרי (סל לטא) שמים אינו  
 אהיה כחרא זוהר דכליל כל גוונין כגונא דא עד חכא  
 יחור אלקינו וזוהר אלן חלת דהגין לקבל רוא דא  
 עלאה בראשית ברא אלקיס בראשית רוא קדמא  
 ברא רוא סתימא לאתפשטא מתמן כלא אלקיס רוא  
 לקיימא ברא לחתא את השמים ולא לאפרשא לון  
 דכרונקבא את כד נטיל אתוון כלתו כללא דכלתו  
 אהוון אינון רישא וסופא לבתר אתוסף גא לאתחברא  
 כלתו אתוון ברא ואקרי אתוון ועתה מזהה את כלם  
 את רוא אלני והכי אקרי השמים דא יהו רוא עלאה  
 גא חקונא דבר ונוקבא ואת רוא ויהוד וכלא חד הארץ  
 דא אלקיס בגונא עלאה למעכד פירין ואיבין שמא דא  
 כלילא בתלה דוכתי וסתמן אתפשטא שמא דא לכמת  
 סמיון עד חכא רוא דסתרא דסתין דגליף ובני וקיימ  
 באורח סתים כסתרא דתי קרא סמין ולחלא בראשית  
 ברא שית מקצה השמים ועד קצה השמים שית סמיון  
 דמתפשטן מרוא עלאה באתפשטותא דברא מגו נקודה  
 קדמא ברא אתפשטותא דחד נקודה דלעילא וקבא  
 אנליף רוא שמא דמכ אתוון

**והמשכילים**

זוהר כגונא דחננוי  
 דמנני ובגונא דלהון  
 אוליך אבתי דרז אתוון נקודו ואתנענען אבתי דרז  
 כחילין בתר מלכיהון גופא אחוון ורוא נקודו כלתו  
 נטיל במטלונ בתר ונעני וקיימי בקימיו דרז כד נונא  
 דטעמי נטיל נטיל אתוון נקודו אבתי דרז כד איהו פסיק  
 אינון לא נטילין וקיימין בקימיהו והמשכילים נחירו  
 אתוון נקודו כוודר נונא דטעמי חריקע אתפשטותא  
 דנונא כוון אינון דמתפשטי בפשימו ואולי כגונא  
 ומצדיקי חריבים אינון פסוקי דטעמי דפסקי במטלונ  
 ובגין כך אשתמע מלה יחירו אתוון נקודו ונהרין  
 כחדא במטלונ בראשית דסתיו דמטלונא באינון  
 ספר חוור א ג ז ו ש פ

*Figura da página anterior:*  
Página de rosto da edição Cremona do *Séfer ha-Zohar* (1558-1560)

*Texto de fundo da capa:*  
Transcrição do texto inicial desta compilação do *Zohar* (ver página 73)

# O ZOHAR

O LIVRO DO ESPLENDOR

**PARTE I**

**REVELAÇÕES FEITAS À  
GRANDE ASSEMBLÉIA**

**(IDRA RABBA)**

**P**or todo o país, em volta do Mar da Galiléia, o mestre, Shimon ben Yochai, passeava com seus alunos. Algumas vezes eram doze, outras talvez dez, esses fiéis discípulos a quem o mestre ensinava a Torá e explicava a Palavra de Deus como a haviam revelado os profetas e os mestres de Israel: a Lei Escrita conservada para toda a posteridade no livro imperecível, a Bíblia.

E ele disse a seus discípulos: “Infeliz é o homem que vê na interpretação da Lei a recitação de uma simples narrativa, contada em palavras de uso comum. Se fosse só isso, não teríamos dificuldade alguma em compor hoje uma Torá melhor e mais atraente. Mas as palavras que lemos são apenas a túnica exterior. Cada uma

delas contém um significado mais alto do que o que nos é aparente. Cada uma contém um mistério sublime que devemos tentar penetrar com persistência. Os que tomam o traje exterior pela coisa que ele cobre, não encontrarão muita felicidade nele — exatamente como os que julgam o homem apenas por sua vestimenta exterior estão fadados à desilusão, pois são o corpo e o espírito que fazem o homem. Sob a vestimenta da Torá, que são as palavras, e sob o corpo da Torá, que são os Mandamentos, encontra-se a alma, que é o mistério oculto. É o mistério oculto que faz a Lei dada por Deus superior a todas as leis feitas pelo homem, ainda que essas últimas possam aparecer mais grandiosas e parecer mais lógicas. Há uma alma dentro de uma alma, que respira com a Lei.”

Apesar disso, o mestre hesitava em revelar-lhes o que suas almas anelavam saber, e que sua alma anelava revelar; mas um dia, na Hora da Misericórdia, o mestre foi ao campo com seus alunos. Era o momento de o sol se pôr, mas o céu estava cheio de sinais e maravilhas. O sol se tornou mais e mais brilhante, e permaneceu sem se pôr. A lua apareceu com toda sua majestade, e as estrelas, em todo seu brilho. Os alunos olharam interrogativamente o mestre, e um deles disse: “Mestre, não parece que tenha chegado o tempo — do qual tão frequentemente nos tens falado — de revelar-nos os mistérios que jazem ocultos na Lei? Quanto tempo devemos gastar com buscas vãs e ocupando-nos com uma Lei que repousa num pilar? Queremos começar a trabalhar

para o Senhor, pois o tempo urge e os trabalhadores são poucos. E ainda esses mesmos poucos devem permanecer na margem da vinha, pois estão incertos quanto ao caminho a seguir. Por isso, nós te rogamos, mestre, que nos armes com a sabedoria, com a inteligência e com o conhecimento. Revela-nos essas verdades que os santos do Mundo Superior ouvem com alegria e tentam compreender.”

O mestre ainda hesitava, e exclamou: “Ai de mim se vos revelo os mistérios, e ai de mim se não os vos revelo!” Nisto os discípulos se assustaram, mas rabi Abba disse: “O mestre não deve temer revelar-nos os mistérios, pois está escrito: ‘O Senhor revela sua lei aos que O temem!’ E nós somos dos que temem o Senhor.” E como olhassem assediando-o, ele chamou cada um por seu nome, e estavam presentes: Eleazar, o filho do mestre, e Abba; Yehuda e José, o filho de Jacob; Isaac e Hizquiya, o filho de Rab; Hiya; Yosse e Jessé. Eles estenderam as mãos ao mestre, com as palmas viradas para cima e os dedos apontando para o céu. E assim unidos, como em uma comunhão santa, seguiram-no a um campo, perto do qual corria um regato gorgolejante, e se sentaram debaixo de uma árvore com grandes ramos estendidos.

Mas o mestre permaneceu em pé por algum tempo, suas mãos levantadas em oração. Então sentou-se em meio a seus discípulos, e disse: “Que cada um estenda sua mão para mim.” Eles estenderam as mãos em sua direção, e ele tocou em seqüência cada uma delas. Então

colocou seu filho, Eleazar, em frente a ele, e Hiya no lado oposto. E, enquanto esperavam assim, sua cabeça mergulhou lentamente no peito e ele murmurou: “Nós somos a síntese de todas as coisas.” Os outros temeram perturbá-lo. E, estando sentados em silêncio, ouviram um grande tropel, como se as hostes celestiais se precipitassem para ouvir as palavras de Shimon ben Yochai. Uma chama passou sobre a terra, e os alunos começaram a tremer.

Então o mestre levantou a cabeça e disse: “O traidor revela segredos, mas aquele que tem um coração fiel guarda bem a palavra que lhe foi confiada. É um traidor o que não tem fé; e o que não tem fé não tem a serenidade de espírito necessária para apreender o significado dos mistérios. Aquele que não tem espírito sereno acha que os mistérios ficam girando em sua cabeça, como um castor gira na água. Lança fora tudo que venha a perturbar seu espírito. Que a ligeireza de nossa língua não nos faça pecar, pois a sorte do mundo depende dos mistérios secretos. E devemos, especialmente, guardarnos de sair do caminho da verdade, nem por um tênue fio de cabelo.”

— 1 —

O OUTRO LADO DA CORTINA

Todos escutavam atentamente, e o mestre disse: “Eis que eu vejo todas as luzes brilhando do outro lado da cortina. O Santíssimo estendeu uma cortina sobre quatro pilares, para as quatro direções do mundo. Um desses pilares vai desde o Mundo Inferior ao Superior. Um chefe o guarda e tem as chaves que abrirão a cortina. Entre os pilares vejo dezoito pedestais iluminados pela Luz Suprema. Escutai-me, pois estais destinados a brilhar como lâmpadas no mundo e a iluminar os caminhos da compreensão. Percebi agora coisas que ainda não foram vistas pelo olho do homem desde que Moisés subiu pela segunda vez ao Monte Sinai. Meus olhos estão preenchidos pela visão do Ancião numa vasta

iluminação. Sei, também, que meu rosto está brilhando, enquanto Moisés não sabia que seu rosto brilhava quando ele falava com o Senhor. Entretanto, Moisés era maior do que os profetas! Pois quando Deus falou a Moisés com uma voz alta, ele não tremeu; mas os outros profetas tremeram, ainda que a Palavra Divina lhes fosse revelada em um murmúrio e em visões!”

Então ele abriu os olhos e, vendo seus alunos, disse: “Que o espírito do Senhor permaneça sobre vós: o espírito da sabedoria e da compreensão, o espírito da força e da determinação, o espírito da ciência e o espírito do temor ao Senhor! E que o espírito que vem do Cérebro Misterioso do Ancião desça e desperte os seis espíritos que correspondem aos seis degraus do trono do rei Salomão. E que se apresse o dia em que está destinado a vir o Messias, e venha e sente sobre o Sétimo Assento, formado pelo Ancião Ele mesmo. Pois, na época da vinda do Messias, nenhum homem terá que pedir a outro que lhe ensine a sabedoria.

“Eis que eu vejo todos os mundos esperando impacientes pelas palavras que saem de nossos lábios, pois todas as palavras que se falem nesta Assembléia são santas. E o ar que sai de nossos lábios forma cortinas através das quais a Luz Suprema se torna visível.

“Com sua compreensão ordinária, o homem não pode compreender a revelação dos mistérios. Tudo que vos revelarei só pode ser revelado aos mestres, que sabem como guardar o equilíbrio porque foram iniciados.

“A alma vivente que Deus soprou dentro de nós é o selo estampado no homem, que lhe permite elevar-se aos mistérios mais altos, ao próprio coração de tudo que está oculto. E sabeis que as almas de todos os que vivem, assim em cima como embaixo, dependem da alma que alcançou o estado mais alto. Aquele que eleva sua alma a Deus é capaz de alcançar a fonte mais alta. Todas as almas não formam senão uma unidade com a Alma Divina. Aquele que perde sua alma destruiu a Harmonia Divina.

“Sabeis que todos os mundos superiores e inferiores estão compreendidos na Imagem de Deus. Tudo foi e tudo será. Nunca mudou e nunca mudará. É o centro de toda perfeição. Encerra todas as imagens de cada coisa de que estamos conscientes com todos os nossos sentidos e em todas as formas. Mas nós só a vemos como uma reprodução, pois ninguém a viu e ninguém pode vê-la em sua verdadeira forma. Tudo que sabemos é que o homem traz a maior semelhança com o original. E sabeis que essas coisas só são reveladas aos que cultivam o campo.”

REVELAÇÃO DO MISTÉRIO  
DA EXISTÊNCIA DE DEUS

**E**a voz do mestre repentinamente tomou um timbre prazeroso, quando ele começou a revelar-lhes os mistérios da existência de Deus: “Já não é tempo de temer o Senhor, mas de amá-Lo. Ele que é o Ancião dos Anciãos; o Mistério de todos os Mistérios; o mais Desconhecido do Desconhecido. Ele tem uma certa forma que nos é conhecida, e, mesmo assim, Ele nos é desconhecido. Sua vestimenta nos aparece como branca; Seu aspecto, brilhante. Ele está sentado sobre um trono de faíscas de fogo, que está submetido à Sua Vontade. Ele não tem princípio nem fim.

“Antes que pusesse Sua Coroa para estabelecer Seu Reinado, Ele delineou e encerrou o Ilimitado den-

tro de limites. Correu uma cortina diante d'Ele, e nela Ele começou a desenhar Seu Reinado. Mas nada existia, exceto em nome. A real existência se fez manifesta somente depois da aparição do Santíssimo através do véu. E a Presença Suprema se fez manifesta desta maneira: quando Deus quis criar a Torá, que havia estado oculta por eternidades, antes da criação do mundo, ela se atreveu a dizer: 'O que tiver de estabelecer Sua Lei deve primeiro estabelecer Seu próprio Ser.'

"Entretanto, o Mistério dos Mistérios não é senão imperfeitamente precisável. Mediante Suas obras alcançamos uma débil compreensão de Seu Ser. Deus é o Ser Infinito, e não se deve vê-Lo nem como o conjunto de todos os outros seres, nem como a soma total de Seus próprios atributos. Não obstante, sem os atributos e os benefícios que recebemos deles não seríamos capazes de compreendê-Lo ou de conhecê-Lo.

"Antes que qualquer forma tivesse sido criada, Deus estava só; sem forma e semelhante a nada. E porque o homem não é capaz de conceber Deus como Ele realmente é, não lhe é permitido representá-Lo, nem em pintura, nem por Seu Nome, nem inclusive por um ponto. Mas depois de ter criado o homem, Deus quis ser conhecido por Seus atributos: como o Deus da Misericórdia, o Deus da Justiça, o Deus Todo-Poderoso, o Deus dos Exércitos e Aquele Que É. É só pelo conhecimento de Seus atributos que podemos dizer: *toda a terra está cheia de Sua glória*. Tampouco Ele deve ser comparado ao homem, que vem do pó e está destinado à morte. Ele

está acima de todas as criaturas e é maior que todos os atributos. Nem atributo, nem imagem, nem corpo; assemelha-se mais às águas, sem forma e sem limites. Entretanto, quando as águas estão espalhadas na terra, somos capazes de concebê-las e falar delas sob variadas formas: primeiro, há a fonte; daí, o rio que brota dela e espalha suas águas sobre a terra. Depois, a bacia, dentro da qual fluem as águas, e que forma o mar. Então, o mar, de onde as águas correm em sete canais, fazendo dez formas no total. Mas se se rompessem essas formas, as águas escapariam e retornariam à sua fonte original, enquanto as formas em que estavam contidas cairiam em ruínas. Dessa maneira foram criadas as dez *sefirot*\*: a primeira sefirá, a Coroa, é a fonte de onde brilha uma luz sem fim, e que chamamos o Infinito ou *Ein Sof*\*, já que não temos meios à nossa disposição para compreendê-lo. Então vem um vaso tão concentrado quanto um ponto, como a letra *Yod*\*; esta é a Fonte da Sabedoria, por meio da qual nós invocamos o Deus da Sabedoria. Depois vem um vaso tão imenso quanto o mar; este é a Inteligência, e nos dá o epíteto Deus Inteligente. Mas, entre a Sabedoria e a Inteligência, Deus derramou Sua Própria Substância, de modo que deste mar saem os sete canais ou atributos: Misericórdia, Justiça, Beleza, Triunfo, Glória, Realeza e a Fundação<sup>29</sup>. Assim, podemos designar Deus como: o Grande, o Misericordioso, o

<sup>29</sup> Ver a Figura da p. 289. (N. do E.)

Forte, o Magnificante, o Deus da Vitória e Aquele Que É a Base de todas as coisas.

“Deus separa a Si mesmo de todas as coisas, ainda que Ele não esteja separado delas: pois todas as coisas estão unidas com Ele, do mesmo modo que Ele está unido com elas. Ao dar forma a Si mesmo, Deus deu vida a tudo o que existe. E ocorreu o seguinte: no princípio, o som da Palavra chocou-se com o Vazio e formou um Ponto imperceptível, a origem da Luz. Este ponto foi Seu Pensamento. Do Ponto Ele evoluiu para uma forma misteriosa, que cobriu com uma veste cintilante. Esta é o Universo, que é ao mesmo tempo uma parte do Nome de Deus. Então emanaram d’Ele dez luzes que brilham na forma que tomaram d’Ele e enviam raios luminosos em todas as direções, como um farol. O Ancião é um farol elevado que reconhecemos pelas luzes multiformes e brilhantes reveladas a nossos olhos. Todas as partes do Santo Nome são luzes.

“O Santo Nome encerra um grande segredo: quando o mistério dos mistérios quis manifestar-Se, Ele criou um Ponto, que era o Pensamento Divino. Neste, Ele delineou todo tipo de Imagens e gravou todo tipo de figuras. Então, Ele também gravou a Lâmpada, que é o mais santo de todos os mistérios... a mais profunda emanção do Pensamento Divino... Isso foi o princípio do edifício que existiu antes de qualquer outra coisa existir, e que é conhecido como parte do nome: *MI* (Quem?, que significa: Ele nunca será conhecido de fato). Mas quando Deus

quis ser conhecido de maneira mais plena, Ele pôs uma vestimenta preciosa e criou *ELEH* (Isto, que significa: toda criação). E esses dois juntos fazem o nome *ELOHIM*, que significa: O Sagrado Ponto Embaixo. Para ele é conhecido o Paraíso-sobre-a-Terra e seu mistério. O Sagrado Ponto projeta uma luz em quatro direções, e ninguém pode suportar seu brilho. Só os raios que emanam dele podem ser contemplados. Mas como todas as coisas criadas estão plenas de um profundo desejo de se aproximar dos raios que emanam do Sagrado Ponto, formou-se em seu pólo extremo outro ponto de luz, conhecido como O Sagrado Ponto Embaixo: *ELOHIM*. No entanto, *ELOHIM* é composto da mesma luz que O Sagrado Ponto em Cima, o qual é *Ein Sof*.

“Agora, tentemos compreender a ciência da Unidade Sagrada. Olhai a chama de uma lâmpada. Primeiro, vemos duas luzes: uma, de uma brancura brilhante; a outra, escura ou azulada. A luz branca está em cima e se eleva em linha reta; a luz escura está embaixo e parece formar a base para a outra. Mas tão intimamente juntas surgem elas, que nos parecem uma única chama. Porém a base, que é a luz escura, está ligada ao pavio, embaixo dela. A luz branca conserva sua brancura luminosa sempre imutável, enquanto a mais baixa, a luz escura, parece se constituir de muitos matizes. A luz escura age em duas direções opostas: em cima está conectada à luz branca, enquanto embaixo está ligada ao material que a alimenta e, sendo gradualmente absorvido nela, eleva-

se à mais alta ou branca luz. Assim todas as coisas são absorvidas no Todo Supremo.

“A Glória de Deus é tão sublime e está tão acima da compreensão humana, que deve permanecer um mistério eterno. Entretanto, há três maneiras pelas quais o homem pode perceber a Glória parcial de Deus. A primeira é a visão que o olho pode ter de longe, mas só um raio infinitesimal penetra nele. Não é o bastante para banhar a alma do homem. Assim, a primeira visão permanece como algo visto de muito longe e apenas com o olho exterior. A segunda maneira é aquela em que o olho submerge sem a devida preparação em um resplendor que não é capaz de suportar. Ofuscado e confuso, vê-se obrigado a impedir por si mesmo a entrada do grande resplendor, depois de só ter sido capaz de abarcar um raio diminuto da Visão Suprema. A terceira maneira é quando a visão é olhada como em um espelho brilhante. Nele o olho pode permanecer, enchendo-se tão completamente de beleza que, por fim, esta penetra no ser mais íntimo e inunda a alma com uma Luz perene. E a alma, tendo apreendido o significado interior da Luz que a inunda, pode se aquecer em sua radiança e se satisfazer a todo momento com a alegria que ela transpira.

“Mas a Essência de Deus está tão acima da inteligência do homem e dos anjos, que ninguém pode chegar perto o bastante para compreendê-la. *Os seres que vivem aqui embaixo dizem que Deus está no alto, enquanto os anjos no Céu dizem que Deus está sobre a terra.* Deus é

conhecido por cada um segundo a profundidade de sua própria compreensão. Pois cada homem só pode se unir ao espírito de sabedoria tanto quanto permite a vastidão de seu próprio espírito. E todo homem deve tentar aprofundar seu próprio conhecimento de Deus tanto quanto lhe permita sua própria compreensão. Mas a Essência Divina deve permanecer um mistério profundo.”

## A FACE GRANDE E A FACE PEQUENA

“**D**eus é o Mestre no manto branco e de Rosto resplandecente. O branco de Seu Olho forma quatro mil mundos, e cada um dos justos deste mundo herdará quatrocentos mundos iluminados pelo branco do Olho. Milhões de mundos têm sua base e seu suporte na Cabeça d’Ele. O Orvalho que brota na Cabeça e dela cai ressuscitará os mortos no mundo futuro. Este Orvalho é o maná dos justos no mundo vindouro. Ele é branco, como o diamante é branco, embora emita todas as cores. Cada dia são emitidos do Cérebro treze mil miríades de mundos, que recebem sua subsistência d’Ele, e cujo peso Ele suporta. A brancura de sua Cabeça lança luz em todas as direções. Devido ao comprimento do Rosto,

o Ancião dos Dias é conhecido como a Face Grande, que é composta de três naturezas ou princípios superpostos: macho, fêmea e filho. A fim de criar os mundos que só podem existir em Deus e por meio de Deus, a Face Grande estendeu um véu em frente de Si mesma, e neste véu está gravada a Essência Divina, conhecida como a Face Pequena. Em frente a esse véu estão colocados muitos outros véus a certos intervalos, e, vista através desses véus, a Essência Divina aparece sob diferentes formas: como Misericórdia (o coração), como Força (o braço), como Sabedoria (o cérebro), etc., e essas formas são conhecidas como *sefirot*.

“O Cérebro é o símbolo da água, e o Coração, do fogo. Um simboliza o Trono de Misericórdia; o outro, da Punição. Quando os pecados do homem são grandes, Deus deixa o Trono de Misericórdia e senta-Se no Trono de Rigor.

“O Ancião dos Dias e a Face Pequena são um e o mesmo. Ele é o centro de toda perfeição. E essa é a Imagem na qual estão contidas todas as outras imagens: a imagem que pode ser vista por toda parte e em todas as formas. Mas o que vemos é tão-somente o que nós mesmos nos temos esboçado a partir das reproduções com as quais estamos familiarizados. Ninguém pode ver a Imagem autêntica e real. A reprodução que lhe é mais semelhante é a do homem. Mas todos os mundos superiores e inferiores estão compreendidos na Imagem de Deus.

“No Mundo Superior os dois olhos formam um, e ele sempre está aberto. Está sempre sorrindo e sempre feliz. Ele nos é conhecido sob vários nomes, tais como: o Olho Aberto, o Olho Supremo, o Olho Santo, o Olho da Providência, o Olho da Vigilância, o Olho Bom. O Olho Bom derrama bênção sobre todas as coisas para as quais seu olhar se volta. Com a ajuda do espírito da Sabedoria, os santos podem contemplar esse Olho. E os santos o verão “olho a olho” quando Deus regressar a Sion. Se o Olho Superior cessasse de olhar para dentro do Olho Inferior, o mundo pereceria. A luz do Olho Superior penetra no Olho Inferior, e dali se lança em todas as direções.

“Para imaginar a Cabeça Branca, deveis pensar num peixe do mar, que não tenha nem pálpebras nem sobancelhas, que nunca dorme nem necessita de cobertura para seus olhos. O branco do Olho eclipsa qualquer outra brancura. É a quintessência de toda brancura. É uma brancura com três matizes. O primeiro matiz projeta uma luz que ilumina três lâmpadas: Glória, Majestade e Júbilo. O segundo matiz projeta uma luz que ilumina três lâmpadas: Força, Graça e Beleza. O terceiro reflete a luz oculta do Cérebro, e ilumina a lâmpada do meio, que é a sétima e a partir da qual são iluminadas todas as lâmpadas deste mundo.

“Quando a Testa está descoberta, as orações de Israel são aceitas. Ela só está descoberta no momento da oração do anoitecer do início do *Shabat*. Durante a

semana, o Rigor rege a Face Menor, mas no dia do *Shabat* transforma-se em Clemência: cessa toda irritação, a misericórdia se difunde e a oração é aceita. Enquanto na terra a testa descoberta é considerada um sinal de insolência, no mundo de cima é antes um sinal de amor e clemência. Da Testa projetam-se trezentos e setenta mil raios, dirigidos ao Éden celeste, que os reflete para baixo, para o Éden terreno: um Éden ilumina o outro. O Éden celeste está escondido e nenhum caminho se aproxima dele; mas o Éden terreno tem trinta e duas vias de acesso. Mesmo assim, ninguém sabe como chegar a ele. Ninguém conhece o Éden terreno exceto a Face Pequena, e ninguém conhece o Éden celeste exceto a Face Grande.

“Ainda que os espíritos, os anjos e as almas sejam seres imateriais, comparados ao Ser Supremo são como corpos materiais. Pois Ele é a Alma das Almas. Ele está fora de todas as coisas e, no entanto, dentro de todas as coisas. Ele está em todas as direções e preenche os espaços superiores e inferiores. Não há outro Deus fora das dez *sefirot*, das quais todas as coisas emanam e dependem. Ele preenche cada *sefirá* em comprimento, em largura e em espessura. E só Ele sabe como unir a *Shechiná* a cada *sefirá* e a cada folha luminosa que pende da Árvore Sefirótica e é parte dela, assim como os nervos, a carne, os ossos e a pele são partes do corpo. Ele não tem nem corpo, nem membros, nem órgãos femininos. Ele é Um. E não há nenhum outro. Queira Ele unir-se à *Shechiná* em todos os graus do Mundo das Emanações, formados pelas almas dos virtuosos.”

O mestre parou de falar, e os discípulos se sentaram e refletiram sobre tudo o que ele lhes havia revelado. E cada homem lutava em sua alma com as limitações de sua própria compreensão, tentando apreender a Visão tal como ela lhes havia sido revelada.

E aconteceu que três dos que haviam escutado a grande Revelação, obcecados por um grande desejo de unir suas almas uma vez mais com a Fonte de sua Origem, morreram, e seus colegas viram que eram levados pelos Anjos Santos detrás da Cortina. E uma grande tristeza se apoderou de toda a Assembléia. E rabi Shimon exclamou: “Ai, ai, é como eu temia. O castigo do céu desceu sobre nós, porque nos atrevemos a participar na revelação de mistérios tais que nunca haviam sido revelados desde o tempo de Moisés.” E a cabeça do mestre tombou de tristeza em seu peito. Mas uma Voz veio do Céu, dizendo: “Feliz és tu, Shimon ben Yochai! E felizes são todos os que estão contigo, pois vos foi revelado o segredo de coisas que nunca haviam sido reveladas, nem mesmo às legiões celestes. Mas sabeis que os que querem penetrar o significado interior desses mistérios, que fazem tremer os de cima e os de baixo, expõem-se à morte. Quando a alma aprende sobre o Ancião, ela é consumida pelo desejo de voar para Ele assim que os mistérios lhe são revelados. E a alma, por seu grande desejo, rende-se ao Beijo: então os anjos levam a alma para trás da Cortina, e ela começa sua jornada para cima.”

E o consolo foi penetrando nos corações dos colegas à medida que escutavam essas palavras confortan-

tes. E a Voz do Céu falou a eles uma vez mais: “Vós, que vos atastes ao Senhor, vosso Deus, estais vivos neste dia!” Então os discípulos se levantaram e cada um seguiu seu caminho. E, aonde quer que fossem, finos aromas precediam-nos. E o mestre disse: “O mundo e tudo o que há nele é bendito por nossa presença!” E as faces de todos eles brilharam de tal maneira que ninguém se atreveu a olhá-los.

— 4 —

## A VISITA DO PROFETA ELIAS

Outra vez os discípulos se reuniram para ouvir as palavras do mestre, que lhes expunha os grandes mistérios. Eles esperaram pela Hora da Misericórdia. Andaram sob as árvores da floresta, até que o céu se tivesse banhado de resplendor vermelho, anunciando-lhes que havia chegado a Hora. Então estenderam suas mãos ao mestre e seguiram, enquanto ele os guiava a um espaço aberto, onde se sentaram, como antes, num semicírculo de frente a ele, com as mãos estendidas. E o mestre tocou a mão de cada um antes de começar a falar.

“E onde está, eu pergunto, o que leva a cinta e o manto de peles? Sei que está entre os primeiros a chegar e ouvir a revelação de santos mistérios.” Então os

discípulos viram o profeta Elias aparecer. Três raios de luz emanavam de sua face. Ben Yochai o saudou com essas palavras: “Mestre, por que não vieste vestido com os trajes para a Festa?” E o profeta respondeu: “Mestre, eu te juro por tua vida que sete dias antes do encontro de tua Assembléia já foram escolhidos no céu os que haveriam de aparecer diante da Presença Santa durante o período de tua reunião. Eu era um dos mais ansiosos por estar presente; mas o Santíssimo enviou-me para realizar um milagre em benefício de Rav Hamenouna, que estava encarcerado junto com seus colegas em uma fortaleza por ordem do rei. Depois de libertá-los, permaneci um pouco com eles, para ajudá-los. Então, em meu regresso, vi três de teus discípulos sendo levados atrás da Cortina. Perguntei o que significava aquilo, e me disseram que era a porção enviada ao Santíssimo por tua assembléia. Feliz é tua sorte e a de teus colegas, pois muitas lâmpadas serão por vós iluminadas no mundo futuro!” E o mestre disse ao profeta: “De fato, os justos estão unidos mais intimamente com a Fonte das Almas durante os sábados e as festas do que em qualquer outro momento.” E Elias lhe respondeu: “Sim, o sábado é bendito porque é o sétimo dia. E tu, rabi Shimon, és abençoado porque és o sétimo. E teus colegas são benditos por tua causa.”

Mas alguns dos discípulos lamentavam a morte de seus três colegas, remoíam a sua partida e não podiam ser consolados. Vendo sua dor, um dia o mestre pronun-

ciou uma palavra, e eis que eles viram seus três colegas, que os anjos haviam levado atrás da Cortina. Viram como os conduziram sobre as montanhas, de onde fluíam riachos de perfumes, nos quais eram banhados e purificados. Então viram-nos sentados nos lugares elevados entre os justos e rodeados de uma grande Glória. E os discípulos se regozijaram ao ver a felicidade de seus colegas, que transcendia tudo o que eles jamais haviam sido capazes de imaginar. Não lamentaram mais por eles, e até sentiram o anseio de estar onde eles estavam. Não saíram mais do lado do mestre, mas mergulharam num entendimento dos mistérios que ele lhes revelava.

## REVELAÇÕES SOBRE A *SHECHINÁ*

**E**rabi Shimon ben Yochai começou a revelar a seus discípulos na Grande Assembléia os mistérios acerca da *Shechiná*:

“Acima de todos os anjos está colocada a Senhora ou *Shechiná*, que cuida do palácio do Rei Supremo. Ela também tem suas legiões de anjos, cada um deles com seus sessenta rostos e armados com uma espada. Quando voam sobre a terra, eles usam seis asas. Estão envolvidos numa chama de fogo e suas espadas emitem luz em todas as direções. São os Querubins que permanecem diante do Jardim do Deleite e, com espada flamejante, guardam o caminho que conduz à Árvore da Vida. Sabei que o caminho que conduz à Árvore da Vida é a Senhora.

Quando a Senhora se move, todos os exércitos celestes se movem com ela. Todas as mensagens que o Rei Supremo envia para baixo devem primeiro passar por suas mãos. E todas as mensagens deste mundo ao Rei Supremo chegam a ela, que as transmite. Ela é o mediador perfeito entre o Céu e a Terra. E ainda que não pareça compatível com a Glória do Grande Rei que Ele confie tudo à Senhora, inclusive a condução de suas guerras, podemos contudo compará-lo em nosso próprio mundo a um rei que se uniu a uma mulher de alto grau, dotada de qualidades notáveis. E como o rei quer que todo o povo conheça e aprecie as qualidades de sua rainha, ele confia todas as grandes obras do reinado a ela e pede a seu povo que a obedeça e a respeite.

“Quando pensamos que o Santíssimo é infinito e que ele preenche tudo, podemos compreender que qualquer idéia de criação teria sido impossível sem o *Tsimtsum*\* [contração]. Pois como podemos pôr água numa taça que já está cheia até a borda? Como Deus era tudo, Ele não podia nem aumentar nem diminuir. Mas como a Luz de Deus é de uma tal pureza e de um tal esplendor que eclipsa tudo — até os anjos e os Anímais Sagrados, até os Serafins e os Querubins —, então, a fim de tornar possível a existência dos dois mundos, o celestial e o material, o Senhor retirou sua Luz poderosa de uma parte de Si mesmo — como um homem corta um de seus ligamentos a fim de evitar que o sangue da parte de cima entre em contato com o sangue

da parte de baixo. Explicamos assim a formação dos quatro mundos: Emanação (*Atsilut*), Criação (*Beriá*), Formação (*Ietsirá*) e Ação (*Assiá*). Os dois primeiros mundos ou graus estão repletos da Luz Santa de Deus. Ali tudo é Deus e Deus é tudo. Os últimos dois graus constituem a parte da Essência de Deus onde a luz foi diminuída a fim de permitir às almas, aos anjos e aos mundos inferiores existirem. É a essa parte do Infinito, que é a parte inferior da Essência Divina, que os nossos mestres deram o nome de *Shechiná*. A *Shechiná* já desceu à terra dez vezes, pois a criação é a obra da *Shechiná*, que se ocupa dela como uma mãe de seus filhos.

“Assim como o sol busca a lua, Deus busca a *Shechiná* e não a encontra, pois os pecados do mundo os separam. Os mundos da Emanação e da Criação permanecem sobre o Trono de Deus. Ali é impossível distinguir Deus da *Shechiná*, porque ali todas as coisas são um. Mas abaixo do trono, nos mundos da Formação e da Ação, começam as distinções. Como todo pecado que o homem comete dá vida a um demônio, esses demônios são a barreira que se interpõe entre o Santíssimo e a *Shechiná*. Faz-se às vezes a pergunta de por que Deus não extermina esses demônios que se põem entre Ele e a *Shechiná*. Mas nós vimos que o desejo do Pensamento Supremo foi que, quando o homem atraiu para si mesmo o pecado e a morte — por comer o fruto proibido —, lhe fosse permitido o livre-arbítrio, de maneira que pudesse, pouco a pouco, elevar os mundos inferiores à condição

do superior. Mas o livre-arbítrio seria impossível sem o ímpeto demoníaco em direção ao mal. Daí que a *Shechiná* prefira sofrer as penas da invasão dos demônios, a debilitar as probabilidades de felicidade eterna dadas ao homem.

“O Santo Rei é a beleza, enquanto a Rainha, a *Shechiná*, é a atividade perpétua das emanações divinas que permeiam toda a existência. O Rei é o sol, enquanto a Rainha é a lua, sua luz sendo a verdadeira reflexão da do sol.

“Quando Israel se congrega para rezar na sinagoga, unem-se três legiões de anjos. A primeira é a dos santos anjos, que louvam a Deus todos os dias. A segunda é a dos que louvam a Deus simultaneamente com Israel. E a terceira é composta das virgens celestiais que servem à *Shechiná* e a preparam para sua apresentação diante do Rei. A terceira legião está acima das outras.

“A Árvore da Vida esparge os perfumes com os quais a Senhora se prepara para sua entrada sob o dossel nupcial de seu Esposo. E o Esposo se une a ela. Nesse momento, as hostes celestiais são unidas em um só corpo, animadas pelo desejo de contemplar a Glória de Deus. Mas no fim dos dias a união será perfeita e constante.

“A Senhora é a Esther celeste, quem luta contra os maus desígnios do demônio, assim como Esther lutou contra os de Haman. O demônio tenta exterminar a raça humana, mas a Senhora está cheia de compaixão por seu povo e intercede por ele junto ao Rei Celestial.

“Quando Israel vivia na Terra Santa e cumpria todos os seus deveres perante Deus, tudo estava normal. O trono celestial que permanecia sobre Israel estava perfeito. Mas, quando Israel manchou a Terra Santa com seus pecados, expulsou a *Shechiná* de sua morada e a lançou ao exílio entre outras nações. Por causa disso, a profecia cessou, e mesmo o Segundo Templo não pôde vingar, porque a *Shechiná* não havia voltado de seu exílio. Desde o momento em que a *Shechiná* partiu para o exílio, o pacto entre Israel e Deus foi quebrado e começou a tomar sua força do outro lado. Por isso, tanto a *Shechiná* quanto Israel estão no exílio — da mesma maneira que um pacto entre um homem e uma mulher pode se quebrar por algum tempo. O divino prazer da união se transforma em sofrimento, com o triplo isolamento que envolve o Pai — Deus, a Mãe — a *Shechiná* e o Filho — Israel. Os filhos — Israel — também estão separados uns dos outros e vivem isolados no exílio. E Israel carrega as penas de todas as nações, pois Israel é o coração das nações.”

## REVELAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO

**E** foi ao anoitecer da lua nova que o mestre e seus discípulos passeavam na orla do Mar da Galiléia. O arco celeste acima deles parecia ter absorvido em si mesmo o azul profundo das águas, enquanto o mar estendia-se calmo e pacífico qual lago de prata salpicado de estrelas cintilantes. E um dos discípulos lhe disse: “Mestre, que bela é a criação... e só vemos uma parte infinitesimal dela! Quão mais profundas e mais magnificentes devem ser as coisas que estão ocultas à nossa vista imperfeita! Mestre, pedimos que nos ilumines quanto aos mistérios escondidos da criação.”

Então o mestre lhes fez sinal para ocuparem seus lugares de costume, em um semicírculo à sua frente, e

começou a revelar-lhes os mistérios da Criação. Ele lhes ensinou até tarde da noite e até o romper do dia, parando somente à meia-noite para recitar a oração pela destruição do templo. E ele lhes ensinou:

“Antes que o Ancião dos Dias, Ele que é o mais oculto de todos os mistérios, preparasse o primeiro Reino ou as formas dos Reis, não havia nem limites nem fronteiras. E o Santíssimo começou a imprimir essas formas e a desenhá-las em Sua Própria Substância. Estendeu um véu diante de Sua Face e desenhou nele os reinos, traçando seus limites e formas. Contudo, não lograram existir. Estes foram os Reis que reinaram sobre as terras de Edom\*, antes que um rei reinasse sobre Israel — os Reis celestes e o Israel celeste. Mas ainda que esses reis tenham sido criados e nomeados, não puderam existir até Deus ter descido entre eles e velado Sua face diante deles<sup>30</sup>.

“Existiram mundos antigos que foram destruídos — mundos sem forma, que eram como faíscas de fogo, pois assim faz o ferreiro ao bater o ferro, lançando faíscas em todas as direções. Mas eles não puderam existir porque o Ancião dos Dias não tinha ainda tomado forma — o trabalhador ainda não estava em sua tarefa. E também porque o Homem ainda não havia sido formado.

<sup>30</sup> Como se vê no próximo parágrafo, muitos universos foram criados antes desse, muitos reinos com seus reis, ou com suas forças hierárquicas espirituais, mas que não puderam subsistir, pois o equilíbrio para sua sustentação ainda não havia sido alcançado. (N. do E.)

A forma do Homem compreende todas as coisas, e todas as coisas podem sustentar a vida por meio dela. Como o Homem não havia ainda sido criado, os mundos que o precederam não puderam nem viver nem se sustentar, e caíram em ruínas até que a forma do Homem tivesse sido estabelecida. Depois da criação do Homem, todos eles renasceram, mas sob outros nomes.

“Antes de se estabelecer o equilíbrio, o Rei e a Rainha — o mundo real e o mundo ideal — não se olhavam face a face. Portanto os primeiros Reinos morreram e os primeiros mundos tombaram em ruínas. Esse equilíbrio pertence completamente à vida interior e só repousa em sua própria invisibilidade. E as balanças sustentarão o que não é, o que é, e o que ainda há de ser.

“Então, tendo criado vários mundos, o Eterno deu lugar em Seu Pensamento à criação daquele em que nós vivemos. E quando essa última criação estava a ponto de ser cumprida, todas as coisas deste mundo, todas as criaturas do universo e tudo o que havia de ter vida e existir aqui embaixo passaram diante de Deus em suas formas atuais. Pois o que foi outrora também será no futuro, e o que será foi.”

“A forma do universo estando já presente em Seu Pensamento, Deus formou também as almas que haviam de pertencer aos homens. Todas apareceram frente a Ele na forma que haveriam de tomar mais tarde no corpo humano. E Ele viu um número de almas cujo caminho seria corrompido na terra. Quando o tempo

da alma chega, ela é chamada diante do Eterno, que lhe diz: 'Vai aonde és chamada e anima o corpo do qual serás parte!' Mas a alma recua e roga: 'Mestre do universo, tem piedade de mim! Sou tão feliz neste mundo em que me encontro. Não quero deixá-lo por esse outro, onde me exporei a todo tipo de impureza!' Mas o Santíssimo diz à alma: 'Desde o momento em que foste criada, não tiveste outro destino senão o de ir aonde eu agora te envio!' E, cheia de sofrimento, a alma toma seu caminho de descida à terra para viver entre os homens."

— 7 —

A LUZ SUPREMA

“**E**ntão Deus criou o Mundo, fazendo com que saísse uma centelha da Luz Suprema. E Ele fez com que um vento soprasse de cima contra um vento que soprava de baixo. Do choque do encontro desses dois ventos, uma Gota emergiu e se elevou das profundezas do abismo. Esta Gota uniu os ventos e da união desses ventos nasceu o Mundo. A Centelha então se elevou ao Mundo Superior e se colocou à Esquerda. E a Esquerda se levantou e se colocou à Direita. Mas essa mudança é contínua. Agora a Centelha ocupa o lado Direito, e a Gota, o Esquerdo. E logo é o contrário. Dessa mudança contínua surge um fluxo e refluxo. Quando uma deixa a

Direita para ocupar seu lugar à Esquerda, a outra está deixando seu lugar à Esquerda para mudar para a Direita. Essas duas se encontram e se unem. E é durante o encontro e a união da Centelha de luz de cima com a Gota vinda de baixo, que a paz reina tanto em cima quanto embaixo.

“Então Deus fez um raio da Luz Oculta emergir. Esse raio imediatamente projetou um número incalculável de luzes visíveis, que formaram o Mundo Superior. As luzes visíveis do Mundo Superior, por sua vez, lançaram raios. Esses raios o Arquiteto celeste tornou opacos. E assim formou-se o Mundo Inferior. Como o mundo inferior é uma luz escura, que não emite raios, tem que estar em contato constante com o Mundo Superior. Mas a luz do Mundo Superior também tem necessidade de permanecer em contato com o Mundo Inferior. É somente por manter o contato entre os mundos superior e inferior que essa luz é capaz de projetar algum raio. Mas a luz aqui embaixo que não está conectada com a luz do Mundo Superior dá lugar a incontáveis demônios. Tudo que existe na terra é formado segundo o modelo do Mundo Superior, e não há uma só coisa aqui embaixo que não tenha sua contrapartida no Mundo Superior. Essa contrapartida a regula e a governa. Quando pomos em movimento as forças do que somos capazes aqui embaixo, também estamos, ao mesmo tempo, pondo em movimento as forças de cima, que as controlam.

“O Ponto Indivisível<sup>31</sup> — ilimitado e desconhecido por causa de sua força e de sua pureza, lançou de si a aura, que atua como um véu para o próprio Ponto divisível. E a aura, apesar de ser uma luz menos pura e a do Ponto, é, ainda assim, brilhante demais para ser olhada. E a aura também lançou de si uma luz, um véu que é um traje que vela e suaviza a Luz. Assim, todas as coisas foram formadas por um movimento de luz sempre para baixo e para fora de si.

“Ou podemos tratar de compreender isso de outra forma: o Ponto Indivisível ou Ponto Supremo irradia uma Luz de tal transparência, limpidez e sutileza que penetra em todo lugar. Ao redor do Ponto, a penetração de sua própria Luz forma um anel ou um Palácio. A Luz do Ponto Supremo, como é de um brilho inconcebível, faz a Luz do Palácio, que lhe é inferior, parecer um círculo escuro ao redor dela. Mas a Luz do Primeiro Palácio, ainda que possa parecer escura em comparação com o Ponto mesmo, é de um imenso esplendor, que irradia outro anel ou Palácio, formando uma espécie de envoltório ao redor do primeiro. Assim é que, emanando do Ponto Supremo, todos os graus da criação não passam de envoltórios um do outro. O envoltório do grau superior forma o *cérebro* do grau seguinte. Essa forma de criação no Mundo Superior também se repete

<sup>31</sup> A versão em espanhol traz “Ponto Invisível”. (Nota da Tradutora)

no Mundo Inferior. O homem é feito de cérebro e seu envoltório, o espírito e o corpo.

“E Deus criou o corpo do homem conforme o modelo do Mundo Superior. Força e vigor irradiam do centro do corpo, onde está o coração, que nutre todos os membros. E o coração se une ao cérebro, que está na parte superior do corpo. O Mundo, que é também um corpo, foi formado da mesma maneira. Quando Deus criou o mundo, Ele pôs as águas do oceano ao redor da terra. E, no coração do mundo habitado, Deus pôs Jerusalém. E no coração de Jerusalém, a Montanha Santa. A Montanha abriga a sede do *Sanhedrin*\*, no coração do qual está o Templo. E no coração do Templo está o Santo dos Santos, onde repousa a *Shechiná*. E esta é o coração do Mundo.

“E o Mundo Superior foi criado da mesma maneira. Ali também um Oceano o envolve, e, acima dele, outro Oceano. No coração do Rio de Fogo está o Palácio Celeste, onde reside o *Sanhedrin*, ao qual ninguém tem acesso senão o descendente da casa de David. E no centro do *Sanhedrin* está o Santo dos Santos, que é o coração do Mundo Superior e de toda criação.

— 8 —

OS SETE CÉUS

“**E** Deus criou sete céus em cima e sete terras embaixo; sete oceanos e sete rios; sete dias e sete semanas, sete anos e sete vezes sete anos, e os sete mil anos da duração do mundo. E cada um dos sete céus em cima tem suas *estrelas*, seus corpos astrais e seus *sóis*. Cada um tem sua hierarquia, com poder de executar a Vontade Soberana. E os que servem são diferentes em cada céu: em alguns, os servos têm seis asas; em outros, quatro asas. Em alguns, têm seis rostos; em outros, dois rostos. Alguns são feitos de *fogo*; alguns, de *água*; e alguns, de *ar*. E todos os céus estão colocados um dentro do outro, como as camadas de uma cebola.

Todos obedecem à Palavra do Criador. Pois acima de todos está Deus. Bendito seja Ele!

“E os sete céus têm cada um suas *estrelas* fixas e suas *estrelas* móveis. Levaria uma centena de anos para se caminhar ao longo de cada céu. E a altura de cada um é cinco vezes tão grande quanto sua superfície. Levaria quinhentos anos para atravessar a distância que separa um céu do outro. E acima de todos eles está o *Arabot*, o céu mais alto, cuja superfície levaria mil e quinhentos anos para ser percorrida e sua altura exatamente outro tanto. A Luz de *Arabot* é tão grande que ilumina todos os outros céus. Acima do *Arabot* está o céu do Animal Santo. Uma garra do pé do Animal Santo é tão grande como todos os firmamentos. E a altura de cada Animal é como sete vezes a distância entre a terra e o céu. O céu do Animal Santo é como um cristal ígneo. Ali se encontram as legiões da Direita e da Esquerda.

“Em cada um dos céus há um soberano, que governa a Terra e o Mundo. Só a Terra Santa não é governada por um desses soberanos, mas por Deus Ele mesmo. E o poder que emana de cada um deles é trazido do céu à terra. Pois cada soberano está preenchido de cima com o poder que ele dá ao mundo de baixo. No meio de todos os céus há uma porta chamada Gabillon, sob a qual se encontram mais setenta portas, guardadas por setenta chefes, cada um sendo um raio de Luz igual a duas mil lâmpadas.

“Nosso mundo forma o centro do mundo celeste. Está cercado por portas que conduzem aos reinos supe-

riores. Em cada porta estão legiões de anjos. Esses anjos são alimentados por uma árvore imensa que sai de três rochas colossais, e cujos galhos tocam ao mesmo tempo o Céu e a Terra. Nosso mundo está sob a proteção dos ramos dessa árvore e permanece invisível, já que sua luz é ocultada pelos ramos. Este mundo pode exercer seu poder somente quando as sombras da árvore o cobrem e quando todas as portas que lhe dão comunicação com o Mundo Superior estão fechadas. Mas, quando hinos de louvor se elevam da garganta do homem, duas portas se abrem; uma ao Norte e a outra ao Sul, e a chama celeste desce à Terra e envia sua iluminação em seis direções. Se todas as portas do mundo não estivessem guardadas por anjos, os demônios teriam entrado e o teriam destruído há muito tempo. Mas quando hinos de louvor se elevam ao Céu, Deus Ele mesmo desce à Terra e fortalece o mundo com a Presença Divina.

“Quando Deus quis criar todas as coisas, Ele começou criando algo que era ao mesmo tempo macho e fêmea; e estes, por sua vez, Ele os fez dependentes de alguma outra forma que é ao mesmo tempo macho e fêmea. E a Sabedoria (*Hochmá*) — que é a primeira *sefirá* depois da Coroa (*Kéter*), tornada manifesta pelo Criador — brilha na forma de ambos, macho e fêmea. E quando a Sabedoria se torna manifesta, produz a Inteligência (*Biná*)\*. E outra vez temos macho e fêmea: a Sabedoria é o Pai; a Inteligência, a Mãe. Esses são os dois pratos da Balança. Por causa deles, tudo se manifesta

na forma de macho e fêmea. Sem Sabedoria não haveria começo, já que a Sabedoria é o Pai dos Pais, a origem de todas as coisas. Dessa união a Fé nasce e se espalha no mundo. *Biná* é produzida pelas duas letras do nome de Deus: *Yod\**, *Hé\**. Assim, *Biná* é realmente *Ben-Yah*, Filho de Deus, o qual é a perfeição de tudo que existe. Quando o Pai, a Mãe e o Filho (que é Misericórdia — *Chéssed*)\* estão juntos, há a síntese perfeita. E, quando eles estão juntos, a Filha (que é Rigor — *Guevurá*)\* também está com eles.

“Mas saibei que isto é a súpula do tema inteiro: tudo no Mundo Inferior foi feito à imagem do Mundo Superior. Tudo que existe no Mundo Superior se manifesta aqui embaixo como num retrato. Tudo é uma única e mesma coisa.”

— 9 —

REVELAÇÕES SOBRE O HOMEM

Um dia, quando os discípulos se haviam reunido para ouvir as palavras do mestre, o rabi Shimon notou que um dos jovens, que era dolorosamente acosado pelas enfermidades da carne, encontrava-se muito preocupado com seus próprios males. E o mestre lhes falou assim:

“Não creiais que o homem não seja mais que carne! O que realmente faz o homem é sua alma. E assim como Deus forma o Ponto Oculto, do qual todas as hostes celestes e todas as regiões superiores formam o envoltório, assim também é o homem representado por sua alma mais interna, da qual todas as partes do corpo formam o envoltório. A carne, a pele, os ossos e o resto são apenas

uma vestimenta, um véu, não são o homem. E, quando o homem deixa o mundo, ele se desprende de todos os véus que o cobrem. Apesar disso, não devemos desprezar nossos corpos, pois as diversas partes do corpo se conformam aos segredos da Sabedoria Divina. A pele representa o firmamento, que se estende sobre tudo e cobre tudo como uma veste. A pele lembra o lado mau do universo, isto é, o elemento que é apenas externo e sensível. Os ossos e as veias são como a carruagem celeste: as forças que existem internamente e que consideramos os servos de Deus. Entretanto, tudo isso ainda é uma veste, pois é só em seu ser interior que encontraremos o mistério do Homem Celeste. Assim como é o Homem Terrestre, assim é o Homem Celeste interiormente. Pois tudo que acontece aqui embaixo é apenas a imagem de tudo que acontece em cima. É nesse sentido que compreendemos que Deus criou o Homem à Sua Própria Imagem. Mas, assim como no firmamento vemos diferentes figuras formadas pelas estrelas e os planetas, contando-nos coisas ocultas e mistérios profundos, também sobre a pele que envolve nossos corpos existem linhas e formas que podem ser vistas como as estrelas e planetas do corpo. E todas elas têm um significado oculto.

“A Essência da Sabedoria Suprema é composta de Terra e de Céu, do divino e do humano, do material e do imaterial, assim como o homem é composto de corpo e alma. O homem é a síntese de todos os Nomes Santos. No homem estão contidos todos os mundos, tanto

o superior quanto o inferior. O homem contém todos os mistérios, mesmo aqueles que existiram antes da criação do mundo.

“Já que a forma do Homem compreende tudo que está nos céus em cima e na terra embaixo, Deus a escolheu como Sua Própria Forma. Nada podia existir antes da geração da forma humana, que contém todas as coisas. E tudo que existe é pela graça da existência da forma humana. Mas devemos distinguir entre o homem de cima e o homem de baixo, já que um não pode existir sem o outro. Da forma do Homem depende a perfeição da fé. O que nós chamamos Homem Celeste, ou a primeira manifestação divina, é a forma absoluta de tudo que existe, a fonte de todas as formas e idéias: Pensamento Supremo. O Homem é o ponto central ao redor do qual gira toda a criação. Sua figura é a mais nobre de todas as que arreiam a Carruagem de Deus.

“Deus criou o Homem de tal modo que dentro dele está uma parte de todos os espíritos celestes. Mas não são os espíritos que dão uma parte deles mesmos ao homem. Se fosse assim, daí, num momento de irritação, cada espírito poderia retirar-se e, então, o que restaria do homem? Mas, quando Deus criou o homem, nele imprimiu a imagem do Reino Santo em sua totalidade, o que significa a imagem de todas as coisas. Esta imagem é a síntese de todas as coisas, tanto em cima como embaixo. É também a síntese de todas as *sefirot*, e de todos os seus nomes, suas denominações, suas formas e suas variações.

“Deus criou o homem à Sua Própria Imagem a fim de que pudesse dedicar-se ao estudo da Torá e andar em Seu caminho. Adão foi feito da mesma terra da qual foi erguido o Santuário da Terra. E a terra onde estava o santuário era a síntese dos quatro pontos cardeais do mundo. Esses pontos cardeais estavam unidos, no momento da criação, com os quatro elementos: *fogo, água, ar e terra*. Ao mesclar esses quatro elementos, Deus criou um corpo que espelhava os mundos superiores. Assim, nós dizemos que o corpo é composto dos elementos dos mundos superior e inferior. Os quatro elementos primários constituem o mistério da fé. São a origem de todos os mundos. Ocultam o mistério das hostes celestes. Esses quatro elementos correspondem aos quatro elementos terrestres: fogo, água, ar e terra, que são os símbolos do Mistério Supremo. No momento da criação do Homem, o Santíssimo formou o corpo com a terra na qual está o Santuário Terrestre, e formou a alma com a *terra* na qual está o Santuário Celeste. Quando o corpo foi feito da terra, os outros três elementos vieram e pediram para ser incluídos também. Assim, o Homem representa todos os elementos.

“Quando Deus criou o mundo, deu à terra todas as forças geratrizes de que necessitava. Mas ela era como uma flor encerrada num botão, pois não produziu fruto algum até a criação do Homem, quando as forças geratrizes da terra se tornaram visíveis ao mundo. Porque, produzindo fruto, a terra demonstrou que tinha forças

geratrizes escondidas dentro dela. Os céus também não enviaram nutrição alguma à terra até depois da criação do Homem. Assim, os frutos do Céu e da Terra se fizeram visíveis no mesmo momento — o da criação do Homem. Então, o céu começou a produzir chuva nas estações próprias, e a terra exteriorizou suas forças geratrizes. E, com a aparição do Homem, música foi ouvida pela primeira vez sobre a terra, pois foi então que a voz da pomba-rola foi ouvida no campo. E na voz da pomba-rola estava a Voz de Deus, ouvida pela primeira vez na terra depois da criação do Homem.

## OS PRESENTES DE DEUS AO HOMEM

“Por Seu amor à humanidade, Deus provê a cada homem uma oportunidade para alguma ação boa, por meio da qual possa salvar-se de castigo no mundo futuro. Para isso, Deus oferece ao homem um presente especial ao lhe enviar um homem pobre com o qual possa se mostrar caridoso. Praticando um ato de caridade, o homem atrai para si um raio da Graça Divina, que vem do Lado Direito.

“Mas o maior presente de Deus ao homem é o *Shabat*. E aquele que faz a si mesmo perfeito no *Shabat* é de fato abençoado, pois esse dia é coroado com setenta coroas. E todas as coisas estão em alegria, em bênção e em santidade nesse dia. E a santidade do dia de *Shabat* é igual à do primeiro *Shabat*, que é o *Shabat* da Criação. A fim de separar o *Shabat* dos outros dias da semana, recitamos uma bênção do fogo em sua conclusão. Pois embora todos os fogos estejam apagados ou escondidos no *Shabat*, um único fogo existe nesse dia: é o Fogo Sagrado, diante do qual todos os outros fogos se escondem. É o fogo do altar sobre o qual Isaac estava para ser oferecido como um sacrifício.

“Quando pronunciamos a bênção do fogo ao final do Sábado, quatro legiões de anjos descem para se iluminar nesse fogo abençoado. Pois no dia de *Shabat* todas as legiões de anjos são absorvidas pela Lâmpada

Suprema; mas ao final do *Shabat* elas são separadas da Lâmpada Suprema.

“Logo que Israel começa a santificar o *Shabat*, na Árvore da Vida as folhas começam a crepitar. E um vento do mundo vindouro sopra em seus ramos e esparge os perfumes da vida futura sobre este mundo, fazendo com que as almas santas emerjam. E essas almas despertam outras almas, de maneira que a Árvore da Vida se enche de regozijo, porque cada israelita é provido de uma dessas almas santas para o *Shabat*. E o *Shabat* está cheio de alegria.

“No *Shabat*, é proibido falar de assuntos dos dias de trabalho, inclusive dos negócios relacionados à sinagoga. É um dia que deve ser consagrado à oração e ao louvor, e ao estudo da Torá. Falar de assuntos de todo dia é uma profanação do *Shabat*. E quando um homem profana assim o *Shabat*, dois anjos vêm para baixo, põem suas mãos sobre sua cabeça e dizem: ‘Ai deste pobre homem, que não pode participar do Santíssimo!’

“Quando o *Shabat* está para acabar, devemos prolongar a última cerimônia ao máximo, pois a *Shechiná* é nosso hóspede nesse dia, e precisamos nos esforçar por reter conosco tanto quanto possível um hóspede tão venerável.

## A FORMA DO HOMEM

“Durante o momento em que a união terrestre se cumpre, o Santíssimo envia para baixo uma forma na qual está impresso o Selo Divino, e que se assemelha à forma do homem. Essa forma completa a união terrestre. Se o olho tivesse o poder de ver essa forma, observaria em sua cabeça uma imagem semelhante a um rosto humano. Ela é o modelo segundo o qual fomos procriados. Mas, antes que essa imagem desça à terra e repouse sobre nossa cabeça, a procriação não pode ter vez. É essa Imagem de Deus que nos recebe quando chegamos pela primeira vez à terra. É essa imagem que cresce conosco enquanto crescemos. E é em companhia dessa imagem que deixamos a terra. No momento em que a alma está pronta para descer a seu domicílio terreno, aparece diante do Rei do Céu vestida numa forma sublime, sobre a qual já estão gravados os traços pelos quais este homem particular há de ser conhecido na terra. A Imagem Divina nos precede sobre a terra e espera por nossa chegada desde o momento em que a concepção teve lugar. Está sempre presente durante o ato conjugal.

“Os dias que hão de constituir a vida do homem estão todos unidos no momento de seu nascimento. Então eles descem à terra, um depois do outro, e cada um exorta o homem a não pecar em seu dia. Quando um

dia vê que o homem não o escutará, mas está determinado a pecar, ele se enche de vergonha. Então retorna para as regiões superiores e dá o testemunho dos atos do homem. Mas é apartado do resto de seus dias para sempre. Entretanto, se o homem se arrepende, então o dia, que foi banido do céu devido aos pecados do homem, tem permissão para voltar. De outro modo, o dia desce à terra e toma posse de uma certa casa. Depois de tomar a forma de homem, tenta induzir o dono da casa a fazer o mal. Mas se o dono só faz o bem, então o dia é forçado a também fazer o bem. Ao fim dos dias, quando o toque de chamada aos dias do homem é dado pelo Rei Supremo, este dia falta. E, como a coroa dos dias do homem está incompleta, ele não pode ser coroado.

“Nossa alma sente o anelo por Deus durante a noite, e nosso espírito busca Deus desde o romper do dia. Quando o homem dorme, sua alma o deixa e sobe ao Mundo Superior. Mas nem todas as almas são capazes de chegar à presença do Rei Celestial. Quando a alma deixa o corpo, ela deixa em seu lugar sua sombra, a fim de conservar a vida no corpo enquanto ascende de região a região, passo a passo. Durante a ascensão, ela entra em contato com espíritos impuros, que a esperam na entrada das regiões superiores. Se a alma é em si mesma pura, eleva-se por cima do poder desses espíritos e continua seu vôo para o alto. Mas se sua tendência é ser impura, ela é incapaz de continuar, permanecendo toda a noite em companhia dos Poderes do Mal. Mas

as almas dos que não fizeram mau uso de seus corpos podem elevar-se sem esforço acima das importunações dos espíritos do mal. E o homem cuja alma alcança a Fonte de sua Origem todas as noites está seguro de participar da vida futura.

“Deus e Sua *Shechiná* provêem o homem de sua alma, enquanto seu pai e sua mãe o provêem de seu corpo. O pai fornece o branco dos olhos, os ossos, as veias e o cérebro. A mãe supre-o da parte escura dos olhos, da carne e da pele. Céu, terra e todos os corpos celestiais também cooperam na formação do homem. Então, há a ação do Espírito do Bem e do Espírito do Mal, sendo o homem moldado por ambos simultaneamente. O sol e a lua o provêem de luz. Animais e pássaros o provêem de alimento. Todas as árvores e plantas da terra se combinam para dar-lhe o alimento de que necessita.

“O homem é guiado por três coisas: a lógica, que é inspirada pela alma santa; a paixão, inspirada pelo mau desejo; e o instinto de auto-preservação. As duas últimas arrastam o homem para baixo, enquanto a primeira o eleva. A paixão destrói o instinto. A paixão é ansiosa por agir a fim de fazer o mal e freqüentemente perverte os instintos do corpo em direção a seus próprios modos perniciosos.

“Estai atentos”, disse o mestre a seus discípulos, “para não serdes conduzidos à tentação. O Espírito de Tentação não tem poder sobre o homem, a menos que

ele se tenha entregue aos prazeres do vinho e da vida luxuosa. Sabemos que os justos comem apenas o suficiente para conservar-se com vida, mas a barriga do perverso é insaciável. Ao Espírito de Tentação não importa a conta que a alma terá de prestar quando subir ao mundo de cima. Cuida somente de seduzir o corpo e satisfazer seus próprios desejos. Quando a alma do culpado é lançada no Inferno, o Espírito de Tentação é lançado abaixo com ela, para que possa observar a desolação que produziu. É exatamente como o Anjo da Destruição, que leva o homem à perturbação a fim de privá-lo de sua alma. Mas, se no momento da tentação o homem pensar no dia de sua morte, ele romperá não só o poder do Espírito de Tentação, mas seu coração mesmo. Esse espírito tem prazer somente na falsa alegria engendrada pelo vinho e pela vaidade. Na alma humilde não há lugar para o Espírito de Tentação. Por outro lado, o Espírito do Bem cresce e se faz mais forte por meio do estudo da Torá. E o homem pode sempre se livrar do Espírito de Tentação pensando na conta que terá de prestar no último dia, quando nenhum homem pode ajudá-lo. Então só as boas obras que realizou na terra o apoiarão. E aquele que se arrependeu sinceramente será como aquele que nunca pecou.

“O homem foi criado pelo mesmo princípio misterioso pelo qual o foram os céus e a terra. E, como Deus criou macho e fêmea, supomos que toda figura que não representa macho e fêmea não se parece à forma celeste.

Nem o Santíssimo elege ter Seu domicílio onde não estejam unidos macho e fêmea. Nem Ele envia para baixo Suas bênçãos senão no lugar onde o macho e a fêmea estejam unidos. Pois o macho não merece o nome de homem enquanto não estiver unido com a fêmea.

## OS TIPOS DE HOMEM

“Consideremos agora os traços exteriores do rosto. Este mistério é conhecido apenas pelos sábios que penetraram nas profundezas da sabedoria. Esses traços não são congênitos, mas tomam sua forma de acordo com a conduta do homem. As vinte e duas letras do alfabeto estão impressas em cada alma, que por sua vez as imprime no corpo que anima. Os traços gerais transmitidos pela mãe formam quatro tipos gerais, que são: o rosto de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia. Então a alma imprime sobre o rosto os diversos traços pelos quais reconhecemos o homem. Estes também formam quatro tipos gerais. O primeiro tipo é o que anda no caminho da verdade. O iniciado pode reconhecer o homem virtuoso por seus traços especiais. O homem virtuoso apresenta os seguintes traços distintivos: uma pequena veia cruza horizontalmente a têmpora direita; e outra, a esquerda. Esta última se divide em duas em seu final, e estas duas estão cruzadas por outra, que corre verticalmente. Esse mistério é expresso pelas letras *Vav\** e *Taf\**.

“O segundo tipo é o do homem que, tendo andado pelo mau caminho, se arrepende antes que seja tarde demais. Este tipo tem o rosto de um leão, ainda que, depois de arrepender-se, o rosto mude ligeiramente. À primeira vista, semelhante rosto inspira antipatia; mas gradualmente somos atraídos por ele. No rosto se vêem três

veias: uma, da têmpora direita à maçã; a segunda, embaixo do nariz, de onde segue ao encontro das duas no lado esquerdo; e as duas últimas se encontram mediante uma terceira. Este mistério se expressa na letra *Kuf*\*.

“O terceiro tipo é o de um homem que desertou completamente o caminho reto. O Espírito Santo o abandonou, e o espírito da impureza o acompanha. Tem o rosto de um boi. Vemos nele três manchas vermelhas em cada maçã, às quais se sobrepõem três veias vermelhas pequeninas. Este mistério é explicado nas letras *Caf*\*, *Rêish*\* e *Taf*\*. Quando esse homem se converte, as manchas permanecem, mas as veias desaparecem.

“O quarto tipo é o de um homem que voltou outra vez à terra para corrigir as faltas cometidas em sua vida anterior. Seu rosto sugere o de uma águia. Uma prega profunda aparece na maçã direita, verticalmente e perto da boca, e duas pregas verticais muito profundas na maçã esquerda. Os olhos desse homem nunca brilham, mesmo quando ele sente alegria. Sua saúde é frágil, e, quando tem seu cabelo e barba cortados, muda completamente de aparência.

“Antes que o homem tivesse pecado, as outras criaturas eram capazes de reconhecer em seu rosto os traços especiais de santidade e força, que elas sabiam derivar diretamente da Divindade. E até mesmo os animais selvagens respeitavam e temiam o homem. Mas, depois que o homem pecou, esses traços especiais desapareceram. A criação bruta vê no rosto do homem seu medo perpétuo do perigo e da morte. E agora nem o

respeitam nem o temem, mas guerreiam contra ele. Pois o rosto do homem é um livro em que estão escritos seus atos e o estado de sua alma, que os iniciados, que são da linhagem do Rei David, são capazes de ler.

“As linhas da mão, e especialmente as da mão direita, são importantes. Cinco linhas fracas na face interna do indicador, em sua base, e quatro linhas na ponta, bem como quatro linhas verticais do lado de fora do mesmo dedo indicam o homem descuidado e preguiçoso. Poderia ter êxito se empreendesse alguma coisa, mas sua preguiça o impede. Esse mistério se expressa na letra *Zain*\*. Uma linha vertical no lado de dentro do dedo grande mostra um homem que é cuidadoso e reflete antes de cada ato. Duas linhas verticais no mesmo dedo, que não desaparecem quando está estendido, mostram um homem que pensa pouco e age espontaneamente. Três linhas verticais no mesmo lado, junto com duas ou três linhas naquele lado do dedo que toca o dedo anular, mostram um espírito fino e cuidadoso, que sempre busca o caminho reto. Três ou quatro linhas no lado de fora e o mesmo número no lado de dentro do dedo grande mostram um homem que pensa somente em fazer o mal. Mas as linhas da mão não são permanentes, e por meio do arrependimento um homem pode mudar sua natureza.

“Sabei que nada se perde no mundo, nem mesmo a respiração que sai de nossa boca. Como todas as coisas, ela tem seu lugar e seu destino, e Deus a fez parte

de todas as Suas Obras. Nada cai no espaço vazio, nem mesmo as palavras e a voz do homem, mas todas as coisas têm seu lugar e seu destino.

“Se Deus não tivesse posto dentro de nós tanto o desejo do bem como do mal, que são a luz e a sombra, não restaria ao homem mérito ou culpabilidade”, disse rabi Shimon ben Yochai. Mas um dos discípulos perguntou: “E, sem recompensa ou castigo, não seria melhor para o homem ter sido criado incapaz de cometer pecado ou mal?” E o mestre respondeu: “Foi o desejo do Pensamento Supremo que o homem, depois de haver atraído a morte sobre si, retivesse seu livre-arbítrio, de tal modo que, pouco a pouco, ele pudesse elevar os mundos que estão abaixo do Trono Supremo ao nível dos que estão acima dele. Tal como Deus o criou, assim será o homem. Por sua causa foram feitas as Leis da Criação. E a Torá é sua veste de Divindade. Sem o homem e sem a Torá, a Presença Divina era como um homem pobre que não tem com que se cobrir. Devemos pois considerar o Homem como a soma total, assim como o denominador comum mais elevado da Criação. E essa é a razão de o homem não ter sido criado até o Sexto Dia. Assim que o homem apareceu, tudo estava cumprido, tanto nos mundos superiores como nos inferiores. Pois tudo está contido no homem. Ele combina em si mesmo todas as formas.”

## — 10 —

### SOBRE ADÃO

“Consideremos agora o primeiro homem: Adão. Quando Deus criou o mundo, Adão estava destinado a regê-lo, a governar as criaturas tanto de cima quanto de baixo. Ele se movia em um halo de glória e, quando convocava as coisas vivas, estas se prostravam diante dele e estavam ansiosas por servi-lo. Deus o levou ao Jardim, que havia preparado especialmente para ele, para lhe dar prazer. Anjos o serviam e atendiam a cada um de seus desejos. A ele foi dito para obedecer a apenas um mandamento: não tocar o fruto de uma certa árvore. Como Adão não pôde se controlar e obedecer ao único mandamento, foi julgado e castigado.

“Quando Adão habitava o Jardim do Éden, ele estava vestido como os [seres] do Céu: num brilhante traje feito da Luz Superior. Mas, quando foi expulso do Jardim e forçado a atender a suas necessidades mundanas, Deus mostrou a ele e à sua mulher como fazer túnicas de pele para si próprios. Quando um homem faz uma boa ação, uma centelha da Luz Superior vem para baixo e se une a ele. Ela lhe serve de traje quando ele entra no outro mundo e é obrigado a apresentar-se a seu Criador. Por causa desse traje, está capacitado a saborear as alegrias do eleito, e lhe é permitido olhar o Espelho Luminoso face a face. E a alma, para ser perfeita, deve ter dois trajes: um para o mundo terrestre e outro para o mundo vindouro.

“Antes de cometer seu pecado, Adão escutava somente a Sabedoria que nos traz a luz do alto. Ele ainda não se havia separado da Árvore da Vida, e consagrava-se ao serviço de seu Mestre. Então Samael desceu sobre o dorso da serpente para desviá-lo. Mas, como sua eloqüência é mais atraente para a mulher, já que a serpente emana do princípio feminino, apresentou-se a Eva, que levou a mensagem a Adão. Quando sucumbiu ao desejo de conhecer as coisas da terra e de estar no meio delas, Adão se desencaminhou: conheceu o mal e esqueceu o bem. Adão e Eva haviam escutado a Voz do Céu e compreendido a Sabedoria mais alta, mas depois de pecarem não compreenderam mais nem a Voz na Terra.

“Quando Adão foi expulso do Jardim do Éden, foi enviado à mais baixa das sete terras, chamada *Erets*.

Ela está cheia de sombras, pois a luz nunca penetra ali. Adão se assustou e, por misericórdia, foi-lhe permitido ver a Espada Flamejante. Quando o *Shabat* tinha passado e Adão se arrependeu, foi transportado um grau acima, à terra seguinte, chamada *Adamá*. Aqui há alguma luz e as constelações são visíveis. Há também o dia. Os homens que nela habitam são muito altos, pois são os filhos de Adão, dos cento e trinta anos em que ele viveu com demônios fêmeas. Estão sempre tristes e não conhecem júbilo algum. Às vezes vêm voando à nossa terra e cometem crimes. Sobre essa terra, *Adamá*, nasceram Caim e Abel. Quando Caim pecou, foi expulso de *Adamá*; mas, quando se arrependeu, ele foi trasladado à sexta terra, *Arqa*, onde havia a luz do sol. Todos os que vivem em *Arqa* são os descendentes de Caim. Eles têm duas cabeças, mas não possuem senso. Quando Adão deu nascimento a Set, foi elevado de *Adamá* à terra mais alta, que é a nossa e se chama *Tebel*. É a única em que se come pão, e representa todos os diferentes aspectos das outras seis terras.

“Quando Adão pecou, Deus falou com ele, dizendo-lhe: ‘Ai de ti, Adão, que enfraqueceste o Poder Mais Alto!’ A Luz apagou-se e Adão foi arremessado do Jardim do Éden. E a Voz continuou: ‘Eu te trouxe ao Jardim, Adão, para que preparasses presentes para Meu Altar; mas não titubeaste em Me ofender, e agora teu quinhão deve ser a morte.’ Mesmo assim, quando Adão morreu, o Santíssimo, que é todo compaixão, ainda o conservou

perto do Jardim no qual antes havia sido tão feliz. Numa gruta próxima ao Jardim, Adão e Eva se esconderam, e eles notaram que uma luz tênue ali penetrava, vinda do Jardim. E Adão está assim entre este mundo e o outro. Quando o homem morre, ele encontra Adão e lhe diz: 'Ai, Adão, por causa de teu pecado, sou obrigado a deixar este mundo!' Mas três vezes ao dia Adão entra no Jardim para confessar seus pecados aos Patriarcas. E vê a Glória dos justos no Jardim do Éden, e os ouve louvar a Deus por ter sido condescendente com eles — os Filhos de Adão —, dando-lhes a oportunidade de achar refúgio sob a sombra de Suas asas.

“Assim, vemos que, quando Deus criou o homem, era a intenção divina que ele não mudasse e nenhuma vicissitude o atingisse, graças à sua fé e à sua proximidade da Árvore da Vida. Mas Adão e Eva pecaram por afrouxar esses laços e se atarem à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. E atraíram o castigo da morte, não só para eles, mas para toda Criação. Pois, quando Adão e Eva começaram a adorar as variantes do Bem e do Mal, todas as coisas criadas foram conduzidas a fazer como eles fizeram. Daí que todas as coisas criadas devem sofrer a morte. Então o homem se tornou o joguete das paixões e das vicissitudes. Mas no mundo vindouro o homem será outra vez ligado à Árvore da Vida, e a Morte desaparecerá do mundo.”

## REVELAÇÕES SOBRE A ALMA

**E**is que foi na profunda solidão da noite, quando o corpo já não se ocupa de suas próprias necessidades e o homem pode dirigir seu pensamento ao destino mais alto, que os discípulos se encontraram. E eles procuraram o mestre e lhe pediram que revelasse o mistério que subjaz à alma. E ele se levantou de sua cama e os conduziu para fora, na tranqüilidade da noite. E quando tinham ocupado seus lugares de costume, ele os ensinou, dizendo:

“Por meio da Vontade do Altíssimo, uma Árvore poderosa cresce. É a mais alta de todas as árvores que crescem no Mundo Superior. Abrange todos os quatro

pontos cardeais da bússola, e suas raízes se estendem por mais de quinhentas léguas. Todas as vontades dependem dessa Árvore. E nenhuma vontade pode agir se não está de acordo com essa Árvore. Em sua base estão as *águas* que dão nascimento a todos os mares. Dali emanam as almas do mundo. Antes de descer à terra, as almas entram nesse Jardim. Ali recebem as sete bênçãos, e são exortadas a guiar o corpo de um modo paternal e a guardá-lo no bom caminho. A alma é então exortada a obedecer à Lei e a observar a Vontade de Deus. E a cada alma são dadas cem chaves, correspondentes às cem bênçãos que o homem deve pronunciar todo dia.

“Todos os condutores de homens em todas as gerações existiram em imagem no Céu antes de descerem à terra. E cada alma aparece no Céu já delineada no corpo no qual foi destinada a entrar. Tudo que o homem aprende neste mundo era conhecido pela alma antes de ela ter descido nele. Isso se aplica apenas às almas dos justos. As almas dos malfeitores devem descer abismo adentro antes de virem à terra. Eles lançam para fora de si a santidade que lhes é inerente e se tornam impuros por meio de seu contato com a fêmea do abismo. Nesse estado a alma vem à terra para animar o corpo ao qual está destinada. Mas, se o homem se arrepende, a alma encontra outra vez a santidade que havia perdido.

“Quando a alma chega à Casa-Tesouro da Vida, goza da brilhante luz branca ali resplandecente. E o

esplendor que emana dela é tal que a alma não poderia suportá-lo se não estivesse ao mesmo tempo vestida com um manto de luz. O próprio Moisés não pôde contemplar esta grande luz até ter-se desprendido de seu envoltório terreno.”

## O PALÁCIO DO AMOR

“**E**m um dos mais altos e misteriosos céus, há um palácio conhecido como Palácio do Amor. Nesse palácio tem lugar a promulgação dos mistérios profundos. Ali estão reunidas todas as almas mais amadas do Rei. E ali está o Rei dos céus unido com Suas amadas almas no Beijo de Amor. Nesse beijo encontra-se a união da alma com a Substância da qual procede.

“Deus anima cada parte do firmamento com um espírito especial. Os santos espíritos, que são os mensageiros do Senhor, sobem de grau em grau; mas nas almas dos justos dois graus confundem-se em um. Por isso as almas dos justos ascendem mais alto, e seu pata-mar é mais elevado. As almas dos justos são superiores

a todos os poderes e a todos os que servem no Mundo Superior. Ainda que seu lugar seja tão alto, elas abandonam sua Fonte e vêm para baixo, para a terra. Podemos comparar isso a um rei que só tem um filho e o envia a um país longínquo para alimentar-se, fortalecer-se e tornar-se saudável. E, quando isso se cumpriu, ele envia a rainha, sua mãe, para trazer seu filho outra vez para casa. Assim também faz o Santo Rei com seu Filho — a Alma Justa. Ele o envia a este mundo, onde pode se fortalecer e se iniciar, por meio do estudo, nos costumes seguidos no palácio do Rei. Então, quando ouve que Seu filho cresceu e que chegou o tempo de trazê-lo de volta ao Palácio, Ele lhe mostra Seu amor enviando a Rainha — a *Shechiná* — para buscá-lo. E, quando esta alma deixa a terra, é acompanhada pela Rainha, que a leva ao Palácio, onde há de viver eternamente. No entanto, os habitantes da terra estão acostumados a chorar quando o filho deixa a terra e vai ao encontro de seu Pai. Mas, se entre eles houver um sábio, ele lhes mostrará que não têm motivo algum para se lamentar. Devem recordar que Moisés disse: ‘Não arrancai os cabelos, nem chorai os mortos, pois sois os filhos do Senhor, vosso Deus!’. Se os justos soubessem o que os esperam, eles celebrariam com júbilo o dia em que devem deixar o mundo. E não é o auge da glória que a *Shechiná* venha em sua carruagem de rainha para buscar os justos e levá-los para dentro do Palácio do Rei, seu Pai, onde gozarão dos deleites eternos?

“Quando há homens justos no mundo, as bênçãos fluem do céu para cá em abundância. Quando Abraão esteve na terra, espargiu bênçãos por ela toda, e Deus lhe mostrou que todos os habitantes da terra seriam abençoados nele. Quando Isaac esteve na terra, tornou os homens cientes de um Juiz sobre tudo, que distribui justiça. Quando Jacó esteve no mundo, ele atraiu a misericórdia de Deus para baixo, na terra, e aperfeiçoou a fé do homem.

“O Rigor não pode ter força na geração que ainda possui homens justos. Mas, quando Deus sente que os perversos não podem continuar impunes, Ele tira os justos de seu meio. E isso nós podemos comparar ao Rei que tem um jardim formoso. Um dia vê que está tomado de ervas daninhas, que arruinam todas as suas plantas queridas. Mas ele deve deixar as ervas daninhas por mais algum tempo, a fim de que as rosas que crescem perto delas possam alcançar sua plenitude de beleza e fragrância. Assim, as ervas daninhas se salvam por mais algum tempo. Mas, quando as rosas alcançam a plenitude de seu florescimento, o Rei diz: ‘Agora vou remover minhas belas rosas da proximidade da grama nociva, e logo poderei arrancá-la e limpar meu jardim.’ Assim age Deus com os justos quando é chegado o tempo de destruir os perversos.

“Em três coisas: o espírito, a alma, e a vida dos sentidos, nós encontramos uma representação fiel de tudo que acontece nos mundos superiores. Pois essas

três coisas não formam senão um só ser, onde tudo está junto e em unidade. A vida dos sentidos não possui por si mesma luz alguma, mas por essa mesma razão está intimamente ligada ao corpo, para o qual procura os prazeres e o sustento de que ele necessita. O princípio animal é a sede da alma. E por cima da alma se eleva o espírito, que a domina e eleva, e derrama sobre ela a Luz da vida. A alma é clareada por essa Luz e depende inteiramente do espírito. Depois da morte, a alma não pode encontrar repouso, nem estão abertas para ela as portas do Paraíso, até que o espírito não tenha ascendido à sua Fonte, para reabastecer-se no Ancião dos Dias por toda a eternidade.

“E este é o resumo do tema: todas as coisas de que o mundo se compõe, bem como a alma e o corpo, retornarão ao Princípio e à raiz de onde brotaram. Pois Deus é o Princípio e Ele é o Fim de todos os graus da Criação. Ele é o único Ser, apesar das inúmeras formas de que Ele se reveste.”

## REVELAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO

Os discípulos, tendo se encontrado à hora da oração, levantaram-se e voltaram seus rostos para o Leste. Mas havia um entre eles que levava o peso da aflição, e ele começou a chorar amargamente. Sua dor penetrou em toda a assembléia, de tal modo que permaneceram em pé num penoso silêncio, o peso abatendo-se do ar parado e das árvores curvadas e sem vida. Mas o mestre lhes fez sinal para ocuparem os lugares de costume em volta dele. E o que estava sofrendo, ele o colocou a seu lado e o consolou com estas palavras:

“Todas as portas do Céu estão fechadas, exceto a Porta das Lágrimas. Os que guardam as portas do Céu abrem-nas para admitir as lágrimas derramadas duran-

te a oração e colocá-las diante do Santo Rei, já que Deus participa das penas do homem. Os mundos de cima sentem pela região de lágrimas o mesmo desejo que o macho sente pela fêmea. Quando o Rei se aproxima da Senhora e a encontra triste, Ele lhe concede tudo o que ela deseja. E, como sua tristeza é o reflexo da do homem, Deus se compadece. Feliz é o homem que chora enquanto está orando! Cada uma das portas do Céu se abre para a oração: 'Oh, Senhor, abre Tu meus lábios e minha boca declarará Teu louvor!' É por meio dessa oração que nós obtemos filhos, os meios de existência e até a própria vida."

Então o mestre continuou a lhes revelar o poder e a atividade da oração. E ele disse: "Há duas classes de oração: uma é pura, e a outra é alta. A primeira é a oração do homem pobre. A segunda é a oração dos justos. O pobre homem que se entrega completamente em prece à adoração, que não pensa em si mesmo, que se abre como um poço esperando encher-se com a Corrente da Bênção — o Amor de Deus fluindo para baixo, dentro dele —, sua oração é pura. Mas o homem justo vai mais longe. Ele mesmo se torna uma fonte, um caminho que conduz os outros a buscarem a Corrente da Bênção. E o que se torna o portador desse Divino contato se chama O Filho Fiel.

"Na oração existe um múltiplo motivo: a perfeição do indivíduo, a restauração dos mundos destruídos, a liberação do bom do jugo do mau, o domínio da beleza

sobre a feiúra, a sujeição do baixo e do degenerado ao alto e nobre. E o que é a oração? É o momento em que sentis Deus em vós próprios num clarão inesperado e revelador; quando vos tornais subitamente conscientes de toda a majestade e do sublime que governa a vida e a Natureza: então vos encontrais prostrados diante da Suprema Grandeza. Quase inconscientemente, vossos lábios começam a pronunciar orações a esta Suprema Grandeza. Nesse momento, o homem sente que é um escravo ante um Grande Rei.

"Aquele que bendiz o Santíssimo atrai vida da Fonte da Vida a este mundo de baixo. Ademais, aquele que pronuncia a bênção recebe uma parte dela para si mesmo, e aquele que diz Amém a ela é também abençoado. E a bênção se estende por todos os mundos e até desce às regiões inferiores, onde assim se anuncia: 'Aqui está o dom enviado ao Santíssimo por Fulano de Tal!' Um mistério supremo jaz oculto na bênção: 'Bendito sejas Tu, oh Senhor, nosso Deus!', uma vez que designa a Fonte Suprema, que dá luz a todos os mundos — a Fonte cujas águas nunca cessam de fluir. Nessa Fonte começa o que nós chamamos o mundo futuro, e deste lugar fluem bênçãos a todas as regiões inferiores.

"Durante sua união com o Ser Supremo, os mundos sentem uma alegria perfeita e suprema, os espíritos imperfeitos se tornam perfeitos, os espíritos até então privados de Luz espalham um grande brilho. E esta união é trazida pela oração do homem. O que sabe

como aproximar-se de seu Fazedor e efetuar esta união será feliz neste mundo e no outro. Os que desejam atrair para si o Espírito de todos os Espíritos, a Alma de todas as Almas; os que desejam que suas orações cheguem diretamente diante do Ser Supremo, o Infinito de quem fluem todas as bênçãos, dobrarão seu joelho em adoração e se prostrarão com seus braços estendidos e o rosto tocando a terra. E o que sabe como efetuar essa sagrada união pela força de sua oração, é capaz de minorar ou até mesmo anular o castigo pronunciado contra o homem, pois então o duro decreto pronunciado contra o mundo pára automaticamente de ter efeito. Pois assim como a fumaça do sacrifício, nos velhos dias, subia ao céu acompanhada do canto dos hinos dos Levitas, do mesmo modo se dá a elevação dos espíritos de um Palácio a outro no momento em que o homem dirige suas orações à Luz Suprema. Então todos os espíritos — as pequenas luzes — são absorvidos na Grande Luz e regados com as bênçãos que fluem eternamente do Santo dos Santos, assim como as águas brotam de uma fonte imperecível!

“No Sétimo Palácio reside o Mistério dos Mistérios, acima de toda compreensão e de todo cálculo. Ali reside a Vontade Eterna que rege todos os mundos: que só pode ser percebida por meio dos atos que A obedecem. No momento da União Suprema, todas as formas e todas as imagens que existem apenas para permitir a concepção do Pensamento Supremo desaparecem, e

permitem que o Pensamento Supremo apareça em toda sua pureza. No Pensamento Supremo repousa a Vontade. Assim o homem, por meio da prece que produz a união, atrai a Vontade Suprema para a terra. E um homem que pode, pelo poder de sua oração, realizar a União Suprema, atrair para baixo a Vontade Suprema, e ajudar todas as criaturas a aquecer-se na misericórdia e bondade amorosa do Fazedor, que age em obediência ao requerimento daquele que ora — tal homem é amado e temido por todas as criaturas.

## A ORAÇÃO SERVE A DEUS

Sabei que a oração é a forma mais alta de servir a Deus. Deus pode ser servido com o corpo ou com o espírito. A maneira mais aceitável aos olhos de Deus é com o espírito. A oração atravessa o espaço e alcança o Céu, onde todas as portas estão abertas para ela. No momento em que a Luz Celeste sai das trevas, uma Voz ordena aos Guardiões das Portas que se permita a entrada à oração. Os Guardiões das Portas se alternam noite e dia. Os do dia se chamam a Luz Grande, e os da noite se chamam a Luz Pequena. Quando os guardiões diurnos das portas ocupam seus lugares, a *Shechiná* desce à terra, e Israel vai à oração e louva o Rei Supremo.

“Quando Israel se congrega na sinagoga para orar, infeliz aquele que fala de coisas profanas, pois ele traz a separação entre o Mundo Superior e o Inferior. Uma falta de fé é mostrada pelo homem que se atreve a falar na presença de Deus como se não acreditasse em Sua existência.

“O Céu que foi criado no segundo dia é o céu mais alto. Deste Céu todos os outros foram formados, tanto os que o rodeiam de perto como os que estão longe. Todos estão entrelaçados dentro deste Céu. Seu arco cinge o mundo inteiro. Quando Israel se levanta para orar na Casa da Oração, ali vem o anjo Metatron, que se mantém na Presença de Deus. Ele toma essas orações e as

esparge sobre a abóbada celeste. E, quando o Santíssimo quer ver a pureza de Israel, Ele olha esta cúpula e vê as orações incrustadas ali como pedras preciosas. Então Seu Coração se enche de amor e misericórdia por Israel. Foi a esta cúpula celeste que David dirigiu os cantos de sua lira. E nessa abóbada celeste nós encontramos os hinos de Israel louvando a Deus.

“Os Guardiões das Portas estão colocados nas quatro direções do mundo. A Leste, o chefe se chama Gazardia. Ele está acompanhado de vários dos Príncipes celestes, que aguardam que a palavra de oração deixe os lábios do homem, a fim de recolhê-la e levá-la ao chefe. Se é uma palavra profunda, o chefe e seus acompanhantes a beijam e a levam ao Céu, dizendo: ‘Feliz é a boca de onde caiu esta coroa.’ Então as Doze Letras do Santo Nome voam para encontrar a palavra e se tornarem um com ela.

“O chefe ao Sul se chama Pasgania. Ele recebe as orações dos que sofrem e estão agoniados. O chefe ao Norte se chama Patia. Ele recolhe as orações dos perseguidos e dos oprimidos. O chefe a Oeste se chama Zabouliel. Ele é o guardião de nove portas que só se abrem com a alvorada, quando as orações começam a se elevar.

“Quando a oração alcança o segundo céu, é recolhida por um chefe chamado Anael, o guardião das doze portas do céu, que se abrem todas à oração. Então aparece o Homem Velho, Machniel, o chefe das seiscentas mil legiões, que são todas asas. Outras legiões estão com-

pletamente cobertas com olhos e são conhecidas como “As legiões do Olho”. Outras também são todas orelhas, e são essas as que escutam as orações do homem.

“Quando a oração chega ao terceiro céu, é recolhida por um chefe chamado Gadria. Um raio de luz é visível neste céu, mas ele nunca é visto no mesmo lugar, pois segue a direção da oração. No quarto céu, as orações são recebidas pelo chefe Shmashiel, rodeado por trezentas e sessenta e cinco legiões, correspondentes aos dias do ano. Este chefe leva a oração ao Paraíso. Então ela vai ao quinto céu, onde é recebida pelo chefe Gabriel, rodeado de legiões que dirigem guerras. Assim que a oração chega, esses chefes e essas legiões são derrotados, e suas forças, abatidas. Prostram-se na presença da oração e a ajudam a elevar-se ao sétimo céu, onde é recebida por Sandalfon, o poderoso e esplêndido chefe celestial, Guardião das Chaves do Mestre. No sétimo pá-lácio todas as orações se unem e formam uma Coroa para Deus.

## A ORAÇÃO DA MEIA-NOITE

“À meia-noite, quando o galo canta, o vento que sopra do Norte é repentinamente parado pelo fluxo da graça que vem do Sul. Então o Santíssimo vem ter Seu deleite com os justos no Jardim do Éden. Feliz é o homem que levanta a essa hora para devotar-se ao estudo da Lei. Pois tal homem é coberto por um Raio da Graça Divina, que se torna seu guardião neste mundo. E todos os anjos, tanto os de cima quanto os de baixo, são compelidos a tomar conta do homem coberto por este raio de graça.

“A oração da meia-noite tem um supremo valor para os que se ocupam noite e dia do estudo da Torá. Não os que apenas se ocupam do estudo de seu vestuário exterior, nem tampouco de seu corpo, mas os que se ocupam do estudo da alma da Torá e da alma de seus segredos. Pois é no momento da meia-noite que Deus vem ao encontro das almas no Paraíso, para deleitar-se com elas e brincar com elas na plenitude da alegria. É o momento, também, em que Raquel — o símbolo da mãe, a *Shechiná* — se levanta todas as noites para chorar por seus filhos amados, que perambulam de exílio em exílio, de perseguição em perseguição, fugindo dos tigres do mundo. Então a oração de Raquel se eleva e voa até o Trono Altíssimo, e desperta a compaixão de todos os mundos e do Próprio Rei Supremo.”

O mestre parou de falar, e os alunos, sentados e em silêncio, meditavam sobre tudo que lhes havia sido revelado naquele dia. E, quando se levantaram para partir, o sol se punha no céu do Oeste em uma labareda de glória. E os discípulos gritaram ante a beleza que banhava o mundo. E o mestre disse: “A beleza é como o sol, lançando sua luz e calor sobre tudo, sem exceção nem diferença. A beleza emana tanto da Sabedoria como da Graça. É a mais alta expressão da vida e da perfeição moral. E a beleza, em sua expressão mais sublime, é o Rei Supremo.”

## REVELAÇÕES SOBRE O AMOR

Ainda que todos os que estivessem reunidos na Assembléia se amassem uns aos outros e estivessem ligados pelos mais íntimos vínculos, notava-se que rabi Abba e rabi Eleazar eram mais devotos um ao outro que todos os demais. O mestre viu sua intimidade com prazer e disse, um dia, a todos eles: “A comunhão de quaisquer dois amantes é o fundamento da Sabedoria, seja este amor o do mestre pelo discípulo, ou o amor de um homem por seu companheiro, ou o amor de um homem por uma mulher. A instrução que um professor dá a seu aluno os aproxima um do outro e da Natureza mais que a união de um homem com uma mulher. Os céus e suas hostes são o vestido, enquanto Israel é o corpo; mas a

verdade só é encontrada na alma: isto é, na forma real de seu Amado.” E o mestre continuou suas revelações sobre o Amor:

“É por meio do temor que um homem é levado a amar. Há, contudo, duas classes de temor: o temor do Infinito, que acompanha o sentimento de amor a Deus; e o temor que nada é senão medo, estéril e destrutivo. O homem que obedece a Deus por amor chegou ao mais alto grau, e já pertence, devido à sua santidade, à vida futura. Aquele que ama a Deus é coroado com graça e se mostra compassivo com todos. Mas servir a Deus por medo é também serviço, ainda que estabeleça uma união menos elevada entre Deus e a alma. O amor não é senão um grau mais alto que o temor, mas no amor repousa o mistério da Unidade. É o amor o que aproxima os graus mais altos e os inferiores. É o amor que eleva todas as coisas àquele sublime grau no qual, e somente no qual, todas as coisas podem ser unidas. Nas altas esferas espirituais encontramos regiões que se chamam o lugar-morada-de-amor.

“O amor, em união com a Força que sempre gera, é a base secreta da Torá. Quando o Trono Supremo é adornado com a coroa formada pela Lei Escrita, as formas das letras, as vogais e seus sons estão todos escondidos no interior do Trono. Então a imagem da Lei Escrita penetra na Lei Oral e a fecunda, assim como uma mulher é fecundada por um homem. E a santidade se estende por todas as regiões superiores. O que faz as

Leis é o *Iessód Eros*. Quando o Pentateuco é retirado da Arca para ser lido, as portas dos céus de misericórdia se abrem e o amor celestial é despertado. Mas a Lei não deve ser buscada em cima, nos céus, nem tampouco nas profundidades do mar, senão bem perto do homem: em seus lábios e em seu coração.”

## O AMOR ENTRE O HOMEM E A MULHER

“Mas, mestre”, perguntou um de seus alunos, “o amor entre o homem e a mulher não é também uma experiência elevada e enaltecadora?”

“O mundo”, disse o mestre, “se apóia na união do princípio masculino com o feminino. A forma na qual não encontramos ambos os princípios masculino e feminino não é uma forma completa nem superior. O Santíssimo não estabelece Sua residência em lugar algum onde tal união não exista. O nome Adão foi dado a um homem e a uma mulher unidos num só ser.

“Na véspera de Sábado, um homem deveria ter relações com sua mulher, pois nesta noite uma alma adicional foi concedida a cada um de nós, e, sob a guarda desta alma, as relações conjugais certamente não poderão ser maculadas pelo demônio.

“Oposto ao espírito criador de Deus, que é um espírito positivo e, portanto, masculino, encontramos a *Shechiná*, a Senhora ou espírito que recebe. Este espírito mora na Esfera *Malchut*, como a Rainha. Às vezes o Rei do Céu vem a ela, une-se com ela e lhe dá prazer e deleite. Por meio dessa união, a salvação vem a todo o mundo.

“Antes de vir a esta terra, cada alma e cada espírito se compõe de um homem e uma mulher, unidos em um só ser. Ao virem à terra, essas duas metades são se-

paradas e enviadas para animar dois corpos diferentes. Quando chega o tempo do casamento, o Santíssimo os une como antes, e eles outra vez tornam-se uma alma e um corpo. Mas esta união depende da vida do homem e do caminho que ele está trilhando. Se viveu uma vida pura e piedosa, gozará de uma união semelhante à que precedeu o seu nascimento e que era a união perfeita. Assim, o homem e sua companheira pertencem um ao outro para sempre. E cada alma busca seu próprio par na outra vida. As almas que não encontraram sua verdadeira companheira na terra erram, depois da morte, em busca de sua alma gêmea. E aquele que não buscou ou não encontrou sua verdadeira companheira sobre a terra é, depois da morte, como um átomo levado por todos os ventos. Não encontrará paz até que se tenha unido com sua verdadeira companheira. Os suspiros dos que se separam de seus amados ecoam na alma que busca sua alma irmã.”

## REVELAÇÕES SOBRE AS ESTRELAS

Uma noite o mestre se aproximou de alguns de seus discípulos, que tentavam ler o mistério das estrelas, e disse a eles: “Sabei que na abóbada formada pelos céus ao redor da terra há figuras e sinais por meio dos quais podemos descobrir os mistérios mais profundos e secretos. Essas figuras são formadas pelas constelações e pelas estrelas, que são para o Sábio uma fonte de contemplação e felicidade mística. Essas formas brilhantes são as letras com as quais Deus criou os céus e a terra. Elas formam Seu Nome, misterioso e santo.

“Na véspera do Sábado, uma estrela brilhante se eleva ao Norte, rodeada de outras setenta estrelas de menor brilho. A estrela grande difunde seus raios até

tocar as menores estrelas, e, ao tocá-las, eis que todas se fundem em uma! A estrela então se espraia até que se assemelhe a um imenso fogo projetando chamas em todas as direções. O fogo envolve as mil montanhas e faz uma muralha impenetrável ao redor delas. Do centro desse fogo dispara uma chama que muda de cor a cada momento. Quando percorreu toda a gama de cores, aproxima-se do Ponto Supremo Misterioso, dentro do qual é absorvida.

“Há um firmamento para as estrelas. Ele tem cem janelas, cinqüenta das quais dão para o Leste e o resto para o Sul. Em cada janela há uma estrela. Quando o sol passa por essas janelas, ele projeta faíscas. Então algumas se tornam vermelhas como o cobre e outras amarelas como o ouro. As estrelas do Leste são amarelas. As do Sul são vermelhas. Se à meia-noite vemos três, cinco ou sete estrelas juntas, isso é sinal de que reis pagãos invadirão o Oriente e apanharão o ouro daquela parte do mundo. Se vemos duas, quatro ou seis estrelas brilhando juntas, isso é sinal de que um grande terror reinará nessa parte do mundo. Entretanto, não devemos conceder muita importância às constelações, pois sabemos que tudo vem do Santíssimo e que apenas Ele pode influir em nossas vidas.

“Acima de todos os céus há um Céu oculto e selado com o Selo do Santo. Chama-se *Idra Mashkaná*. Ali há muitas janelas, cada uma com sua própria função. Seis dessas janelas são maiores, e há uma oculta que domi-

na todas as outras. Uma dessas janelas, que se chama Janela do Brilho, é a entrada para uma estrela conhecida pelos Sábios pelo nome de Yad. A tribo de Judá está sob a influência dessa janela e dessa estrela. Aparece na forma de uma mão, com cinco dedos espalhando a luz. A segunda janela se chama Janela da Garra. Dela sai uma estrela conhecida pelos Sábios pelo nome de A Serpente. Tem uma cabeça e uma cauda semelhantes às de uma serpente. Dessa janela saem sessenta milhões de demônios, os quais cravam suas garras sobre os humanos, que são cortados e lançados em um lugar público<sup>32</sup>. Da terceira janela vem uma estrela chamada A Luz da Lâmpada. Sob sua influência, tranqüilidade reina no mundo e abundância é encontrada em todo lugar. Da quarta janela vem uma estrela conhecida como A Uva, porque cada uma de suas faíscas assemelha-se à uva. Pela janela seguinte entra e sai uma estrela, nunca permanecendo em um lugar, de modo que seus atributos nunca foram determinados. A estrela que brilha na última janela chama-se O Decreto. Sob sua influência renovam-se transtornos a cada dia, grandes enfermidades atacam a humanidade e Israel se aflige. Mas quando o Santíssimo enviar a salvação a Israel, a sétima janela, da qual vem a Estrela de Jacó, se tornará visível e permanecerá visível por quarenta dias.”

<sup>32</sup> No inglês, o trecho é diferente: “Dessa janela saem sessenta milhões de demônios, os quais se arremetem contra as unhas humanas, que são lançadas num lugar público”. (N. da T.)

## A MÚSICA DAS ESFERAS

Um dia o mestre passeava com seus discípulos pela floresta. O ar estava muito calmo, mas notaram, no murmúrio do vento pelas árvores, uma certa harmonia — tênue, mas perceptível. Rabi Shimon ben Yochai, ao notar a preocupação deles por essa harmonia, disse: “Escutai bem a música das esferas! Há coros de anjos entoando a música e a harmonia das esferas. Os profetas, os poetas, os visionários e os místicos, quando se sentem possuídos pelo Espírito Divino e seus olhos espirituais não vêem senão a brancura de um espelho, são capazes de se abstraírem deste mundo material e se vêem subindo às alturas, à música da melodia divina.

“E os pássaros, que também contribuem com essa música universal, têm ainda outra significação. Ao voarem pelo éter puro acima da terra, eles vivem na vizinhança dos espíritos e por meio deles sabem o futuro. Um bando de pássaros, por seu vôo e pela posição que assume nas nuvens, revela, aos que podem ler, a vinda de acontecimentos importantes.”

## — 16 —

### REVELAÇÕES SOBRE ISRAEL

Aconteceu certa vez, quando estavam reunidos para uma Assembléia, que o mestre revelou aos alunos os Mistérios relativos a Israel. E explicou a eles: “Quando o Santíssimo revelou os Dez Mandamentos a Israel no Monte Sinai, cada palavra se dividiu em setenta sons, e cada som apareceu frente a seus olhos na forma de uma luz cintilante. Assim, Israel viu com seus próprios olhos a Glória de Deus. E os sons se dirigiram a cada um dos israelitas e lhe disseram: ‘Aceitas a Lei, tanto os preceitos negativos como seus mandamentos positivos?’ E, assim que cada israelita respondeu: ‘Sim’, o som o beijou na boca e selou o pacto. Então Israel notou uma

vasta luz que se estendeu e estendeu, até que tivesse absorvido em si todas as outras.

“Assim também, quando Deus falou a Israel, o povo não apenas ouviu a Voz como viu as Palavras. Pois as Palavras, à medida que saíam da Boca de Deus, se imprimiam nas sombras e ali tomavam forma, de maneira que Israel as ouviu e as viu ao mesmo tempo. E eles viram uma luz mais brilhante que qualquer outra já vista pelo olho do homem. Nem tal luz será outra vez vista até a vinda do Messias.

“Quando os israelitas cruzavam o Mar Vermelho, Deus se manifestou a eles em toda Sua Glória, a fim de lhes dar ânimo para continuar adiante. Mas eles estavam tão entusiasmados com o magnífico espetáculo, que quiseram permanecer em pé como estavam, no leito do mar, a fim de poder continuar desfrutando da Glória com seus olhos. Para fazê-los continuar, Deus transferiu a Visão ao deserto. Só então quiseram os israelitas seguir Moisés ao deserto. E foi ali que eles puderam contemplar a Glória de Deus e ver coisas tais que nunca haviam aparecido aos olhos de um homem mortal, nem sequer a Ezequiel em suas visões.

“Feliz é Israel por ter sido escolhido entre todos os outros povos e trazer sobre si o selo de seu pacto com Deus! Pois todo aquele que traga esta marca e tenha passado sua vida em castidade, que não se permitiu ser dominado pelas forças do mal, nem tinha violado seu voto contraído em Nome do Santo Rei, não será lançado

ao Inferno. No momento em que um homem faz com que seu filho entre no pacto, o Santíssimo reúne as hostes celestiais e anuncia a elas: ‘Vede o filho que eu trouxe ao mundo!’. E Elias, o profeta, desce à terra para estar presente na circuncisão. Essa é a razão de o homem ser sempre prevenido a deixar vazia uma cadeira durante a cerimônia e dizer: ‘Este assento é para Elias, o profeta!’ Depois da cerimônia, o profeta volta ao mundo de cima e dá testemunho do acontecimento. E quando o homem deixa esse mundo, as legiões de anjos, que vêm para castigar os maus, arrastando-os para o Inferno, não tocam o que traz a marca do pacto e se tenha conservado puro, pois ele está unido com o Santo Nome.

“Deus favoreceu Israel sobre todos os povos, permitindo que o Espírito Santo emergisse do povo. Jacó consagrou a tribo de Levi para o serviço de Deus. E Deus ungiu suas cabeças com o óleo sagrado vindo do alto. E dessa tribo saiu o Espírito Santo, fortalecido pela fé. Quando Moisés estava para nascer, Deus fez com que o Espírito Santo saísse do Tabernáculo ornado com pedras preciosas. E ele apareceu coroado com duzentas e quarenta e oito coroas. Então Deus preencheu o Espírito Santo de poder e lhe deu cento e setenta e três chaves. Sobre sua cabeça Deus colocou cinco diademas; cada um dos quais lançava uma luz que iluminava mil mundos. Então Deus elevou o Espírito Santo a Seu Palácio e o fez chefe de todas as hostes celestiais. E uma Voz foi ouvida, dizendo: “Inclinai-vos ante este Espírito Santo,

que descerá um dia entre os homens; e a Lei, agora oculta, será revelada.” E a letra *Mem*\* apareceu e colocou sobre a cabeça do Espírito Santo trezentas e vinte e cinco coroas e deu-lhe a posse das chaves celestes. E a letra *Shin*\* — vestindo as três coroas sagradas dos Patriarcas — apareceu, tirou as coroas, e as colocou, junto às Chaves do Senhor, diante do Espírito Santo. Depois veio a letra *Hê*\* e ofereceu ao Espírito Santo a própria Coroa do Rei. Então o Espírito Santo, tendo prometido trabalhar somente para a glorificação do Nome de Deus, desceu à terra nos barcos que navegam os oceanos celestiais. E trouxe consigo as armas necessárias para vencer o Faraó e todas as suas legiões. E também trouxe consigo o *Shabat* e os Dias Santos. E quatrocentos e vinte e cinco chefes celestiais o acompanharam, carregando tochas. Quando o Espírito Santo chegou à terra, encontrou a *Shechiná* já nela, seu rosto radiante. E o Santíssimo disse a Moisés: ‘Eu te conhecia antes mesmo que tivesses sido formado nas entranhas de tua mãe. Eu te santifiquei antes que saíesses de seu ventre e te fiz um profeta entre as nações’.

“Quando Moisés entrou na Nuvem e foi levado para cima, encontrou um anjo poderoso chamado Quemouel, rodeado de seus doze mil seguidores. Mas quando o anjo tentou se aproximar de Moisés, este pronunciou o Santo Nome em suas setenta e duas letras, que o Santíssimo lhe tinha revelado na sarça ardente. Nisso, o anjo recuou doze mil léguas. Moisés continuou sua pas-

sagem na Nuvem, e seus olhos brilhavam como carvões em brasa. Ele encontrou um segundo anjo, mais poderoso e mais radiante que o primeiro, chamado Hadarniel. Sua velocidade era maior que a dos outros anjos pelos dez milhões e seiscentos mil firmamentos de fogo branco que o rodeavam. Quando Moisés o viu, apoderou-se dele um tal medo que não pôde prosseguir. Mas o Santíssimo lhe disse: ‘Moisés, quando Eu te apareci na sarça ardente, não sentiste medo, e agora temes um de Meus servidores.’ Nisso, Moisés chamou sua coragem de volta a si e uma vez mais pronunciou o Santo Nome. Hadarniel começou a tremer e, aproximando-se de Moisés, disse: ‘Feliz és tu, Moisés, pois Deus te revelou mistérios nunca revelados nem aos mais altos anjos.’ Hadarniel se colocou ao lado de Moisés e o guiou. Então Moisés percebeu o anjo Sandalfon, que vive acima dos outros anjos a uma distância de quinhentos anos. Ele está oculto por trás de um véu que separa o Santíssimo, a quem ele oferece coroas feitas com orações de Israel. Quando o Santíssimo coloca a coroa sobre Sua Cabeça, isso significa que a oração foi aceita. Ouve-se daí uma entoação harmoniosa: ‘Bendita seja a Glória do Senhor, no lugar de sua *Shechiná*!’ E Hadarniel temeu acompanhar Moisés quando viu Saldalfon, pois temia ser consumido por seu fogo. E Moisés não podia continuar, mas o Senhor lhe deu coragem e trouxe a Lei à sua frente e começou a ensiná-lo. E a Luz de todos os firmamentos celestiais se reuniu ao redor de Moisés, e quando ele voltou a descer,

trazendo as duas tábuas da Lei à sua frente, todas as hostes celestiais tremeram à sua chegada. Mas, quando Israel começou a pecar, Deus reduziu o brilho do semblante de Moisés a uma milésima quinta parte do que havia sido. Então Deus disse a Moisés: 'Vem para baixo, pois teu povo está pecando'. Quando ele desceu, todos os anjos mais altos queriam consumir Moisés com seu fogo; mas ele mentalmente invocou o nome de Deus, e Deus lhe disse: 'Agarra-te a meu Trono'. E o Santíssimo repreendeu as hostes celestiais, que então permitiram a Moisés descer trazendo as duas tábuas nas quais estavam escritos os Dez Mandamentos.

"No *Cântico dos Cânticos* encontramos, em miniatura, toda a existência de Israel. Pois esse cântico contém de forma concentrada um resumo de: todas as obras da Criação; o mistério dos Patriarcas; o exílio de Israel no Egito; a liberação de Israel do Egito e seu canto na travessia do Mar Vermelho; o Decálogo e a revelação do Monte Sinai; a temporada de Israel no deserto; a entrada de Israel na Terra Santa e a construção do Templo; a dispersão de Israel entre as nações e a sua salvação; o mistério do Santo Nome; e, finalmente, a ressurreição dos mortos e os acontecimentos até o dia que é o Sábado do Senhor.

"Este cântico abarca tudo que existe, tudo que existiu e o que continuará existindo. Todos os acontecimentos que se darão no sétimo milênio, que é o Sábado do Senhor. E quando um homem usa um verso do *Cântico*

*dos Cânticos* como um cântico profano, o Santo Escrito se vela num invólucro, ascende ao Santíssimo e se lamenta: 'Teus filhos, olha como eles estão me profanando e vilipendiando, e usando-me para propósitos baixos.' O *Cântico dos Cânticos* deve ser conservado sagrado, pois cada palavra é uma coroa de honra.

"A relação íntima de Deus com Israel tem sua origem nas fontes antigas dos Livros de Moisés, nas visões proféticas e nas lendas talmúdicas. Essa relação brotou e cresceu enquanto Israel estava em seu próprio país. Mas assim que Israel partiu para o exílio, a *Shechiná* também se foi ao exílio, e a relação se enfraqueceu e murchou. Ela só se renovará quando Israel e a *Shechiná* se liberarem de seu exílio comum por meio da vinda do Messias. O Messias aceita as dores e os sofrimentos da humanidade. A purificação do mundo está concentrada nele. Por isso Israel espera sua vinda."

## OS ESTANDARTES DE ISRAEL

“Os estandartes especiais de Israel portam as imagens dos Animais Santos, que são: o leão, a águia, o boi e o homem. Quatro anjos levam os estandartes.

“O anjo Miguel porta o do leão. Ele está rodeado de trezentos e setenta mil anjos, cada um com a cabeça de um leão. Quando o leão Miguel rugir, todos os firmamentos estremecem e se agitam. Uma chama gira de sua boca e se propaga sobre mil e quinhentos mundos. Os fogos do Inferno são ateados por essa chama. E, quando os culpados ouvem Miguel rugir, eles tremem. Então trezentos e setenta mil filhotes de leão começam a rugir também. Sob o comando de Miguel estão os chefes do Rigor. São providos de quatro faces voltadas para as quatro direções do mundo e iluminadas pela luz branca do sol. O lado que olha o Leste é iluminado pela luz do Júbilo; no lado Oeste, a luz está concentrada; o Norte é iluminado pela penumbra do Sol; a direita e a esquerda estão aqui unidas.

“O segundo estandarte traz a imagem da águia e é carregado pelo anjo Oriel, ao Sul. A respiração do Espírito Misterioso ergue as asas da águia. Quando a águia levanta sua asa direita, ela reúne os trezentos e cinquenta mil mestres alados nascidos da união da águia com o leão. Quando a águia levanta sua voz, todos os grupos de anjos começam a voar.

“O terceiro estandarte traz a imagem de um boi. É segurado pelo anjo Gabriel, que fica ao Norte. Quando o boi surge do abismo, todos os espíritos da raiva correm diante dele. Sete rios de fogo fluem à sua frente e, quando tem sede, ele bebe um rio de fogo. O Sol nunca nasce nessa região. Miríades de espíritos correm para lá e para cá na escuridão, e o fogo que flui nos rios é negro.

“O quarto estandarte porta a imagem do homem. É carregado pelo anjo Rafael, que fica a Oeste, e traz a cura aos que estão doentes.”

## A JERUSALÉM TERRESTRE

“O Santuário de Israel — a Jerusalém terrestre — foi fundado em meio ao regozijo de todos os mundos. A Cidade dos Reis fica no lado de onde vem o Vento Norte. Agora eu vos revelarei como Jerusalém passou a existir. Antes que o mundo fosse criado, Deus jogou no Abismo uma Pedra Preciosa que tinha formado parte de Seu Trono. Uma extremidade dessa pedra tornou-se fixa no Abismo, enquanto a outra emergiu sobre o caos. Então o fim projetado, que no início não era mais que um Ponto na imensidão do espaço, começou a esticar-se à direita e à esquerda e em todas as direções. E nele o mundo se estabeleceu. A formação da terra em volta desse Ponto passou por três fases diferentes: o primeiro círculo é formado de matéria diáfana e límpida. O segundo círculo, que rodeia o primeiro, é feito de matéria menos límpida que o primeiro, mas mais delicada do que a terra. O terceiro círculo é feito de terra opaca, circundada, por sua vez, pelo oceano.

“Essa formação também corresponde à do Santuário — Jerusalém. O primeiro círculo ao redor do Ponto Supremo é o Templo e, em volta deste, a cidade de Jerusalém, cercada por seus muros. O segundo círculo é a Terra Santa. O terceiro círculo é o resto do mundo.

“E, assim como existe uma Jerusalém terrestre, há uma celeste. Sabei que no mundo de cima há um Oceano. E acima dele há um segundo Oceano. O Rio de Fogo

contorna o Palácio Celeste, ao qual ninguém pode ter acesso senão o ‘Descendente da Casa de David’. E no centro de tudo está situado um Santuário dos Santuários. Esse é o Coração do Universo. Ele é nutrido pelo Cérebro Supremo, com o qual é um.

## A SABEDORIA DE SALOMÃO

“**E** Salomão, o sábio Rei de Israel, voltava sua face a cada manhã para os quatro pontos cardeais. Quando, por fim, levantou seus olhos para o Norte, viu avançarem em sua direção dois pilares: um de fogo e o outro de nuvem. Acima dos pilares, viu uma águia gigantesca com asas estendidas, sua asa esquerda se apoiando na coluna de nuvem e sua asa direita, na coluna de fogo. A águia desceu diante do Rei Salomão e inclinou-se à sua frente, e colocou a seus pés as duas folhas que carregava no bico.

“Salomão pegou as folhas, sentiu seu perfume e disse: ‘A primeira folha me foi enviada por ‘Aquele que cai’, e a segunda folha, por ‘Aquele cujos olhos estão

abertos'. Ele soube que os dois demônios lhe haviam enviado notícias. Selou seu trono com o selo no qual estava gravado o Nome de Deus, montou a águia, que se elevou a uma grande altura e saiu voando. A extensão das asas obscureceu a luz do sol, de tal modo que a escuridão reinou por toda a rota de seu vôo. E os sábios, vendo a escuridão, disseram: 'Vede, o Rei Salomão está passando.' Depois de um vôo de quatrocentas léguas, a águia chegou às Montanhas das Sombras, chamadas na Bíblia Taramond, ou Montanhas do Deserto. Ali Salomão apeou, mostrou seu anel e foi-lhe permitido aproximar-se. Quando soube tudo o que queria saber, montou de novo a águia e regressou voando a seu país. Então, quando se sentou em seu trono, pronunciou palavras que mostravam uma tal profundidade de sabedoria que todos os homens se maravilharam com ele."

## O PECADO TAMBÉM SERVE A DEUS

**A** Assembléia se dispersou então, e, quando foram em direção a suas casas, rabi Shimon ben Yochai notou que um de seus discípulos parecia muito abatido. Afundado em seus pensamentos melancólicos, ele se mantinha afastado dos outros. O mestre perguntou a razão aos outros, e disseram que ele estava aflito porque se acreditava culpado de pecado. Então o mestre os fez sentar na ordem de costume e lhes falou sobre o papel do pecado: "Tudo que se faz, tanto nos mundos superiores como nos inferiores, é feito para obedecer à Vontade de Deus. Até o Espírito do Mal obedece à Vontade de Deus. Isso pode ser comparado ao conto do rei que, tendo somente um filho e desejando fortalecer sua

força moral, proíbe-o sempre de aproximar-se de uma mulher devassa, como se isso o tornasse indigno de entrar de novo no palácio real. O filho promete obedecer a seu pai, mas o Rei, desejando testar a força de sua moralidade, convida uma formosa cortesã ao palácio e solicita que empregue todos os poderes de sedução com o filho. A mulher o tenta, mas o Príncipe resiste a ela, e o Rei fica tão feliz com isso que concede grande honra a seu filho. Mas a cortesã, que não havia senão obedecido à vontade do Rei e lhe proporcionado alegria pelo seu filho, também merece recompensa e não castigo. Assim, o Espírito do Mal, que está apenas obedecendo à Vontade do Mestre, é corretamente designado 'bom', pois é o instrumento pelo qual se produz o bem nos que obedecem à Vontade de Deus."

— 19 —

O GRANDE PEIXE

**E**ntão o mestre e seus discípulos embarcaram num bote e cruzaram o Mar da Galiléia. Eles viram os pescadores lançando suas redes. E o mestre começou a lhes revelar o mistério do Grande Peixe que fica no fundo do Grande Rio.

"Do lado direito do Grande Peixe fluem treze Nascentes que dão origem a treze rios, alguns dos quais sobem e outros descem, mas todos estão unidos por minúsculos Regatos que fluem entre eles. Desses regatos, mil rios saem e abrem seu caminho para os quatros pontos cardeais. Desses rios, quinhentos estão à direita e quinhentos do lado esquerdo. Mas a metade de um rio à direita e a metade de um rio à esquerda unem-se

no meio para formar um rio. Nesse rio do meio há um Grande Peixe, com sua cabeça tão vermelha como uma rosa, suas escamas duras como ferro e suas barbatanas alcançando as águas de todos os outros rios. Quando o Peixe move sua cauda, todos os outros Peixes escapam à sua frente, temendo ser destruídos. Fogo jorra de sua boca, e, quando ele se move, uma saraivada de fogos dispara e se espalha entre os demônios. Então as águas em todos os rios se tornam turvas, e de um azul escuro. E as rodas dos quatro pontos cardeais começam a mover-se. Sua cauda em movimento pode alcançar desde os céus até os mundos inferiores. Cada setenta anos, este peixe tem a permissão de entrar nos Rios, mas não lhe é permitido permanecer, para não demolir os mundos de cima e os de baixo. Logo é amordaçado e empurrado ao Abismo, e todos os anjos louvam a Deus, dizendo: “Deixai-nos aparecer diante do Santíssimo e nos prostrar-mos diante de Sua Divina Presença e adorá-Lo, e deixai-nos ser abençoados pelo Senhor que nos criou.”

Chegaram à costa e o mestre, ben Yochai, tendo terminado suas revelações, começou a despedir-se de seus discípulos, para que cada um pudesse seguir seu próprio caminho e meditar sobre tudo que havia visto e ouvido, de modo que pudessem continuar o estudo da Torá com uma compreensão maior. E rabi Shimon ben Yochai chorou e disse:

“Seria melhor que todos os que estiveram presentes nesta Assembléia se reunissem à Assembléia no mundo

de cima. Pois, se eles desaparecerem deste mundo, nunca nada será repetido de tudo o que transpirou aqui. Não. Estou equivocado, pois tudo é conhecido pelo Ancião dos Dias. Ele sabe que eu não revelei estes mistérios para minha própria glória, ou para a glória de meu pai, nem sequer pela de meus colegas, mas apenas com o propósito de vos mostrar o caminho correto a tomar em vossas meditações, para que, no fim, possais ser capazes de cruzar o umbral do Palácio Celeste sem vos sentirdes envergonhados e sem encontrardes obstáculos.”

O mestre os abraçou um por um e disse: “Chamo os céus e todos os mundos superiores para testemunharem que tudo que se falou aqui foi percebido por nós através das cortinas que o Santíssimo correu diante de Seu Rosto. Antes de iniciar nossos estudos, vós, meus colegas, éreis ignorantes de tudo que eu vos pude revelar. Éreis ignorantes de todos esses santos mistérios. Bendito seja o quinhão de todos os que estão aqui presentes.”

E o mestre continuou dizendo: “O traidor revela os segredos, mas o que tem um coração fiel guarda bem a palavra que lhe foi confiada. E traidor só é aquele que não tem fé!”

Voltou a dizer o mestre: “Feliz é o homem que merece esta Graça: que o Senhor sobre ele e que ele desapareça! Há dois tipos de graça: a interior e a exterior. Os sacerdotes do Templo portavam o símbolo do refúgio da graça interior, que está escondida nos recesos da Barba do Grande Rosto. Mas a graça do mundo

é a graça exterior. Que o Ancião dos Dias derrame Sua Graça sobre vós, e que ela vos acompanhe todos os dias de vossa vida! Ide em paz!” E se despediram uns dos outros e cada qual seguiu o seu caminho.

Contudo o mestre continuou a reunir seus discípulos em determinadas épocas e a revelar a eles os mistérios divinos até o dia de sua morte. Nesse dia, reuniu seus discípulos na Pequena Assembléia para lhes revelar os Mistérios Maiores, e eles abriram seus olhos para toda a bem-aventurança que esperava Israel e a humanidade nos mundos além deste mundo.

## PARTE II

### REVELAÇÕES FEITAS À PEQUENA ASSEMBLÉIA (IDRA ZUTA)

Quando o mestre, Shimon ben Yochai, soube que havia chegado a hora de deixar este mundo, chamou seus discípulos fiéis para junto dele. Reuniram-se ao lado de sua cama e permaneceram no quarto em silenciosa reverência, seus olhos fixos no rosto do mestre, a quem desejavam ardentemente conservar com eles, mesmo que por um pouco mais de tempo. O mestre permanecia tranqüilo, seus olhos fechados. Quando abriu os olhos, viu que um fogo rodeava a casa. E levantou suas mãos em oração. Estava feliz e sorridente, e disse: “Que fiquem aqui comigo os que me ouviram revelar os Mistérios Divinos.” E seis ficaram, enquanto o resto saiu. O rabi Shimon ben Yochai disse aos que perma-

neceram: “Somos os Sete Olhos do Senhor.” Mas um de seus alunos disse: “Somos as seis lâmpadas que recebem a luz da sétima!” E outro adicionou: “A Lâmpada Santa é como o *Shabat*, pois o *Shabat* abençoa os outros seis dias. E o mestre é santo, assim como o *Shabat* é santo. Ele é a Lâmpada Santa!”

Viram que no rosto do mestre resplandecia a luz de um grande júbilo. Ele lhes disse: “Quão grande é o júbilo que vos espera neste dia!” E fez sinal para que se aproximassem, e disse: “A hora é propícia. Quero entrar no outro mundo sem sentir vergonha. E quero revelar, na presença da *Shechiná*, os Mistérios Divinos que ainda não foram revelados, para que ninguém possa dizer que eu não cumpri minha missão na terra, guardando os mistérios em meu coração, e os revelarei a vós. Abba escreverá minhas palavras; meu filho repetirá tudo o que eu digo e o resto de vós se sentará e meditará em silêncio sobre as coisas que ouvirá e que se ouvirão em todos os mundos pela primeira vez.” E seu filho aproximou-se e sentou-se diante dele, mas o mestre disse: “Não aqui, meu filho, pois outro vem sentar-se em teu lugar de costume!”

O mestre pôs seu *talit*\* e disse aos que o rodeavam: “Está escrito: ‘Os mortos não Te louvarão, oh, Senhor!’ O que significa que os que estão mortos nunca vêm à Presença de Deus, que é o Deus Vivo e está rodeado pelos que vivem. Pois os que foram ao Inferno ali permanecem.”

E rabi Shimon ben Yochai disse: “Esta Assembléia é mais santa que todas as outras, pois o Santíssimo se reuniu com todos os justos para derramar glória sobre nós! Vejo o ancião Rav Hamenouna, rodeado pelos Setenta Justos, vestindo coroas que refletem a luz cintilante do Mistério dos Mistérios. Eles estão cheios de júbilo porque vieram escutar minhas palavras. Dai-lhes lugar!” Quando os discípulos ouviram essas palavras, o terror os tomou e eles recuaram até o canto mais afastado do quarto. Somente rabi Eleazar e rabi Abba permaneceram perto do mestre, e o ouviram dizer: “Hoje, só eu falarei e todos me escutarão, tanto os que estão acima da terra como os que estão nela. Que feliz sou eu neste momento!”

“Eu sou para meu Amado”, continuou o mestre, “e Seu Desejo O atrai para mim! Durante todos esses anos nos quais estive ligado a este mundo, eu também estive ligado a Deus. E agora Seu Desejo O atrai para mim. Ele está aqui com todas as Suas Santas Hostes. Ele ouve com alegria as revelações e o louvor ao Ancião dos Dias. “Vede, Ele está separado de todas as coisas e, ao mesmo tempo, Ele não está separado delas. Pois todas as coisas estão n’Ele e Ele está em todas as coisas. Ele está estabelecido, já que sustenta todas as coisas e, ao mesmo tempo, Ele não está estabelecido, pois não podemos achá-lo em parte alguma. Estabelecido, Ele projeta nove luzes brilhantes, que lançam luz em todas as direções. Da mesma maneira, uma lâmpada lança luz em todas

as direções: mas, quando nos aproximamos do brilho, nos damos conta de que nada existe fora da lâmpada. Assim é a Luz de todas as Luzes. Em nenhum lugar podemos encontrar Deus. Podemos apenas encontrar a luz que Ele propaga, e que aparece e desaparece. Essa Luz é chamada pelos muitos Nomes Santos. Mas todos os Nomes Santos não eqüivalem senão a uma coisa.

“Vede, agora eu lhes ensinarei coisas que eu mesmo nem sempre soube. E desde que comecei a sabê-las, eu as mantive em segredo e ocultas em meu coração. Agora eu as revelarei na Presença do Santo Rei e de todos os justos que vieram ouvir a Verdade que está em minhas palavras.” E o mestre começou a revelar os Grandes Mistérios que se encontram em: “A imortalidade da alma”, “A ressurreição dos mortos”, “As visões do Paraíso e do Inferno”, “O destino de Israel e da Humanidade” e “A vinda do Messias”<sup>33</sup>.

Todo o tempo uma luz brilhava ao redor da cama de rabi Shimon ben Yochai, tão intensa que os discípulos não podiam levantar os olhos para fitá-lo. Mas sua voz chegava aos mais longínquos recantos do quarto enquanto ele os ensinava.

<sup>33</sup> Alguns dos títulos dos capítulos que estão nas próximas páginas e que contêm as revelações que o mestre fez então sobre esses temas. (N. do E.)

## REVELAÇÕES SOBRE O DESTINO DE ISRAEL

“**R**euni-vos agora em volta de mim e escutai acerca do destino glorioso que espera Israel no futuro. Agora mesmo, quando estive no Céu, vi o Santíssimo ocupando-se com a promessa feita a Israel de que, quando todas as aflições o cercassem, a salvação seria enviada para libertá-lo. O anjo Miguel, que é o protetor de Israel, estava diante do Santíssimo e lhe perguntou: “Quando teus amados filhos serão salvos do jugo de Edom\*? Com certeza já foram suficientemente castigados por seus pecados!” Mas, antes que o Santíssimo pudesse responder, eis que Samamel se apresentou diante d’Ele e disse: “Oh, Mestre do Mundo! Disseste que a comunidade de Israel permaneceria sob o jugo de Edom até o tempo em que

eles pudessem aparecer em Tua Presença, em pureza e em limpeza. Sabes que existem ainda muitos pecadores entre eles.” Nisso, o Santíssimo lançou um olhar de raiva a Sammael, que havia ousado difamar Israel, de modo que o Perverso fugisse três mil milhas e se escondesse. Então o Senhor se voltou para Miguel e disse: “Ai, ai, ai, ele deve ter dito a verdade! Entretanto, eu faço neste dia uma promessa: assim que a Comunidade de Israel abrir seu coração para Mim, mesmo que a abertura seja tão pequena como a do olho de uma agulha, Eu abrirei completamente a eles<sup>34</sup> as portas da salvação.”

“Quando o Templo foi destruído, a *Shechiná* chorou, e todas as legiões do céu choraram com ela a destruição do Santuário. E a *Shechiná* se condoeu, dizendo: ‘Meus filhos estão no exílio, meu santuário está destruído, e eu devo subir aos telhados!’ E voltou a dizer: ‘Oh, cidade cheia de tumulto, cidade cheia de gente, cidade triunfante: teus filhos estão mortos e teus príncipes foram arrastados em grilhões para longe, e tu deves deixar-me para que eu derrame lágrimas amargas sozinha!’ Então o Santíssimo tratou de consolá-la assim: ‘Que tua boca suavize tuas queixas e que teus olhos cessem de verter lágrimas, pois tua obra receberá sua recompensa e teus filhos voltarão das terras dos que os destruiriam.’

<sup>34</sup> Aos israelitas. Notam-se várias silepses como essa ao longo do texto. A silepse é “a figura pela qual a concordância das palavras se faz segundo o sentido e não segundo as regras da sintaxe”, escreve Aurélio Buarque de Holanda. (N. da T.)

“Desde a destruição do Santuário, nenhum dia passou sem sua maldição. Pois enquanto a *Shechiná* viveu no Santuário, velando como uma mãe vela por seus filhos, a bênção se propagou tanto em cima quanto embaixo. Não houve um dia sem sua bênção e sua alegria. Israel era o fundamento do mundo e todos os povos viviam do mérito de Israel. Mas desde que o Santuário foi destruído e a *Shechiná* está com Israel no exílio, o mundo é amaldiçoado e não há júbilo nem em cima nem embaixo. Porém, no dia em que o Santíssimo enviar a salvação a Israel, haverá júbilo em todos os mundos. E eles regressarão chorando, mas Deus os trará de volta em Sua Misericórdia.”

E o mestre continuou falando sobre o exílio: “Quando Israel partiu para seu exílio na Babilônia, a dor deles foi tão grande que todas as hostes do Céu choraram junto. Os Anjos da Paz choraram amargamente. Então Deus reuniu todas as hostes celestes e lhes disse: ‘Que estais fazendo aqui, enquanto meus filhos amados estão cativos na Babilônia? Ide a Babilônia, e eu também descerei lá convosco.’ Assim, quando os Filhos de Israel estavam na Babilônia, o Espírito Profético desceu sobre Ezequiel e ele viu todas as revelações, e disse a seu povo: ‘Não temais, pois vosso Mestre e todos os Poderes celestes vieram aqui embaixo, junto a vós! Eles estão entre vós. Eles participam de vosso exílio!’ Então Israel sentiu-se confortado, sabendo que Deus não os abandonaria. E todo o tempo a *Shechiná* permanece em exílio com Israel.

“O Egito não se tornou uma grande potência até a vinda de Israel àquele país. Com a chegada de Israel, o Egito se tornou a dona do mundo. A Babilônia, também, elevou-se à condição de uma grande potência somente com a chegada dos israelitas. E o mesmo se passou em Roma. O princípio dessas três potências foi muito humilde. Foi apenas devido à presença de Israel que chegaram a ser grandes. Pois aquele que governa Israel é verdadeiramente tão grande quanto se dominasse o mundo inteiro. E o mérito de Israel é este: somente ele aceitou a Lei de Moisés, destinada a restabelecer a união entre Deus e o mundo. E assim como o Nome Divino é Um, ainda que esteja subdividido em setenta nomes diferentes, do mesmo modo Israel é um, ainda que disperso entre setenta nações.

“Mas, enquanto a *Shechiná* está em exílio, a união não é perfeita. A *Shechiná* deve estar livre, para chegar a juntar-se outra vez com seu Esposo. Durante o exílio, a *Shechiná* vive com Israel para guardar seu povo contra o mal. Mas a *Shechiná* não estará sempre longe de seu Esposo. No momento da Salvação de Israel, ela regressará a seu lugar. Quando a *Shechiná* foi obrigada a acompanhar Israel ao Egito, Deus prometeu libertá-la quatro vezes dos quatro exílios de Israel. E é por isso que, na oração que precede a *Amidá\**, a palavra ‘libertação’ aparece quatro vezes, e a palavra ‘verdade’ também aparece quatro vezes, pois é pela Verdade que Israel será

libertado pela última vez. Verdade é a palavra gravada no Selo do Rei. E se até agora a libertação de Israel foi apenas temporária, é porque a Verdade não foi ainda aplicada de maneira perfeita, a ponto de provocar a União Sagrada.

“O Templo, que tinha de ser construído por Deus Ele próprio, não foi ainda construído. Esperamos a construção do Templo, que há de ocorrer durante a época messiânica. Então o Primeiro e o Segundo Templo se erigirão simultaneamente, pois quando os israelitas deixaram o Egito, Deus quis edificar para Si mesmo uma Santa Casa, a fim de vir aqui embaixo e viver entre eles. O templo teria sido obra das Mãos do próprio Deus! Mas, porque o povo pecou, tanto o Primeiro quanto o Segundo Templo foram construídos por mãos humanas, e por isso não puderam perdurar. Mas, no tempo do Messias, Deus Ele mesmo edificará os Templos. O Primeiro estará oculto no mais alto dos céus; mas o Segundo será visível para todo o mundo. Será Jerusalém — aquela Jerusalém que há de ser edificada no fim dos dias. E ali residirá Israel. Pois Israel é o coração da humanidade. Este não pode existir sem os outros membros, nem podem os outros membros existir sem o coração. O coração é delicado e sensível, e sofre mais que os outros membros; mas seu júbilo é também maior. E grande será o júbilo de Israel no tempo do Messias!”

Subitamente, o mestre inclinou-se para frente em sua cama, e, estendendo os braços, implorou a seus

discípulos: “Pensai, pensai sobre o *Echad*<sup>35</sup>! Meditai na união perfeita do mundo de baixo com o de cima! Enquanto a *Shechiná* está em exílio, a união não é perfeita. A *Shechiná* deve ser livre para unir-se a seu Esposo! Meditai larga e seriamente sobre o *Echad!*”

Deixou-se cair para trás, esgotada sua força, e ficou-se quieto. E da quietude saiu sua voz, suave, doce, infinitamente pensativa: “O que é isso que avança como a aurora? Que é belo como a lua? Resplandecente como o sol? E terrível como um exército alinhado em batalha? O que avança é Israel, quando o Senhor o está libertando de seu exílio. E Deus lançará sobre Israel um fino fio de Luz, e, então, um raio maior de Luz; e outra vez mais luz, pouco a pouco. Então o Santíssimo abrirá as portas a Israel nas quatro direções do mundo. E Deus revelará a Luz a Israel um pouco de cada vez. Pois, como alguém que sempre viveu na escuridão, Israel deve acostumar-se à Luz gradualmente.

“Quando o Santuário foi destruído e Israel exilado por causa de seus pecados, o Santíssimo Se retirou ao mais alto céu e recusou olhar seja Israel no exílio, seja o Santuário destruído. Mas a *Shechiná*, devido a seu grande amor, exilou-se junto com Israel. Então o Santíssimo desceu e viu Seu Santuário destruído e Seu Povo exilado. E Ele perguntou por Sua Senhora. Mas ela havia

<sup>35</sup> Um, em hebraico. A prece que é como que a profissão de fé do judeu, recitada toda manhã e toda tarde: “Shemá Israel Adonai Elohênu Adonai echad” (“Ouve Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um”) é uma afirmação e lembrança da unicidade de Deus. (N. do E.)

desaparecido. Então o céu e a terra choraram pelo Santuário destruído. E os céus foram envolvidos por sombras escuras. E o sol e a lua choraram pela destruição do Santuário, de modo que sua luz foi obscurecida por sombras negras. Assim, tanto os céus em cima quanto a terra embaixo ficaram em luto pelo Santuário.

“O homem acostumado a sofrer pode suportar cada novo golpe com fortaleza, enquanto o que levou uma vida fácil se abate sempre que um transtorno o assalta. Assim, quando os israelitas estiveram no cativeiro do Egito, puderam suportá-lo porque seus antepassados já haviam sofrido muito; mas, quando foram arrastados ao cativeiro da Babilônia, sua dor foi tão grande que seus gritos alcançaram os mais altos céus. E todos choraram. Até os Anjos da Paz choraram amargamente, pois Israel já havia vivido como um povo livre e experimentado prazeres régios, de modo que lhe foi muito difícil submeter-se ao jugo do opressor. E os israelitas sentiram que Deus os tinha abandonado para sempre. Então o Santo Rei reuniu Suas hostes celestes e lhes ordenou que viessem aqui embaixo para consolar Seu povo. Daí os céus se abriram, e o Espírito Profético desceu sobre Ezequiel! Ele viu tudo que se passava no Mundo Superior. E pôde confortar o aflito Israel. E assim que os filhos de Israel se asseguraram da Presença de Deus junto a eles, pararam de lamentar sua sorte. Mas porque a *Shechiná* está em exílio com Israel, deveis meditar em *Echad!* Lutai para trazer um fim ao exílio de Israel e da *Shechiná!* E realizai a união, a união perfeita, assim em cima como embaixo!”

## REVELAÇÕES SOBRE O MESSIAS

**A** luz continuou a brilhar ao redor da cama do mestre, enquanto os discípulos, sentados, com os olhos baixos, escutavam a voz amada de Shimon ben Yochai, que lhes ensinava os mistérios santos relativos à vinda do Messias:

“Há um David celeste, assim como um terrestre. Quando Deus quer mostrar clemência ao mundo, Ele olha para esse David, e Seu Rosto se torna iluminado. Este, por sua vez, ilumina o universo e dá vida ao mundo. A beleza deste David infunde brilho a todos os mundos. Sua cabeça dourada é coroada com sete diademas. É devido ao mérito deste David que o amor e a misericórdia despertam em todos os degraus da hierarquia

celeste. É com este David que Deus deseja estar unido e de quem Ele disse: ‘Observai a fragrância de Meu Filho, que é a como a do campo que foi abençoado!’

“No momento da aparição do Messias, Filho de David, muitos sinais e maravilhas se tornarão manifestos e muitos milagres ocorrerão. No Paraíso-sobre-a-terra há um lugar secreto, desconhecido até das legiões celestes. Esse lugar contém mil palácios ocultos. Ninguém senão o Messias pode penetrar ali. Ele vem com frequência a esses palácios, onde encontra os justos sentados em seus tronos. O Messias conduz todos os exércitos formados pelas almas dos justos e reunidos neste Jardim do Éden. No primeiro dia de cada mês e nas festas, o Messias vem aos palácios. No centro dos palácios há um lugar chamado Éden, oculto de todos os olhos. E o Messias permanece oculto nele, até o dia em que virá salvar o mundo. Quando o Messias entra nesse Palácio, Ele se encontra com os Patriarcas e vê Raquel chorando. O Santíssimo tenta consolá-la, mas ela não se consola. Então também o Messias eleva sua voz em lamento, e a desolação se estende por todo o Jardim do Éden, enquanto todos choram com ele. Quando o som do lamento alcança o Trono Supremo, o Santíssimo faz o sinal ao Pássaro para que deixe seu ninho, e dali emerge também o Messias. Logo ocorrem ali certos atos que estão além da compreensão humana. Três figuras são vistas no Trono Supremo: uma é o Pássaro e uma é a figura do Messias, pois todos se elevaram ao mais alto. E

o Santíssimo conjura os dois a disseminar o Todo-Bem no mundo. Então os dois voltam a seus respectivos lugares e o Messias se esconde outra vez como antes.

“A cada Sábado, as almas do Paraíso-sobre-a-terra vão visitar a região conhecida como As Muralhas de Jerusalém, onde estão vários anjos guardiões. Elas podem penetrar nessa região só depois de terem sido purificados. Então as almas vão visitar todos os que sofrem, os que estão enfermos, ou os oprimidos por causa de sua fé. Depois das visitas, as almas vão visitar o Messias. Quando elas lhe contam os sofrimentos de Israel em exílio, e também quantos culpados há em Israel que não conhecem Deus, o Messias chora, pois seu coração fica cheio de dor ao ouvir essa iniquidade.

“No Paraíso há um palácio conhecido como o Palácio dos Enfermos, onde o Messias entra para visitar todas as enfermidades, as dores e os sofrimentos, convidando-os a se apossarem dele. Fazem isso, e o Messias então sofre todos os castigos que Israel merece. Se o Messias não tivesse tomado sobre si todos os castigos merecidos por Israel, ninguém seria capaz de suportar os sofrimentos do mundo. Mas o Messias suporta os sofrimentos de toda a humanidade.

“Nosso conhecimento sobre o Santíssimo é imperfeito, porque Ele é a Alma das almas, o Espírito de todos os espíritos, o mais misterioso de todos os mistérios. Nós O conhecemos somente porque certas portas estão abertas àquelas almas que buscam um conhecimento de

Deus. Uma porta conduz a todos os graus, e é por essa porta e esse grau que conhecemos a Glória de Deus. A primeira porta pela qual alguém deve entrar é a Porta do Justo. Uma vez que se passa por essa porta, todas as outras do Céu se abrem. O que tem o mérito de entrar por essa porta também verá todas as outras portas abertas à sua frente, pois todas as portas mais altas se apoiam nesta. Mas esta porta é realmente desconhecida porque Israel está em exílio! E todas as outras portas são, por conseguinte, desconhecidas! Mas, quando Israel for libertado de seu exílio, ele voltará a se elevar a todos os graus mais altos. Então todos os habitantes do mundo conhecerão e reconhecerão a Sabedoria mais alta, como eles nunca haviam sido capazes de fazer antes. E eis que os olhos dos homens se abrirão e poderão ver a primeira porta, que é a Porta da Tenda, ou a Porta do Justo. E todos confiarão no Messias, que julgará o mundo.”

O rosto do mestre acendeu-se com uma nova radiância, e ele bradou: “Ai daqueles que viverem nesse tempo! Entretanto, felizes os que serão considerados merecedores das alegrias destinadas àqueles que se aquecem na Luz do Senhor. Ele prometeu: ‘Eu os farei passar através do fogo, e os purificarei assim como a prata é purificada. E os provarei assim como o ouro é provado no fogo.’”

## O NINHO DO PÁSSARO

[CONTINUAÇÃO DAS REVELAÇÕES SOBRE O MESSIAS]

“Durante o tempo em que Israel for castigado, com todas as nações e reis em aliança contra ele, quando ele for oprimido por um mal depois do outro, cada novo mal tão terrível a ponto de fazê-lo esquecer o último, então uma coluna de fogo estendendo-se da terra ao céu se fará visível a todos os povos da terra por quarenta dias. O Messias deixará o Paraíso terreno, chamado O Ninho do Pássaro, e se revelará na Terra da Galiléia. Daí a terra tremerá e os homens se esconderão em cavernas. Mas, como a Galiléia foi a primeira cidade a ser destruída na época da destruição do Templo, a Galiléia será a primeira cidade na qual o Messias se revelará. E da Galiléia sairá a declaração de guerra do Messias às

nações opressoras. Depois dos quarenta dias da aparição da coluna de fogo e do Messias, uma estrela gloriosa aparecerá a Leste, composta de todas as cores. Três vezes ao dia, esta estrela brigará com as outras estrelas ao seu redor. Essa visão será evidente aos moradores da terra durante setenta dias. O combate se dará assim: rastilhos de fogo serão disparados da grande estrela no centro e destruirão todas à sua volta. Mas a cada manhã elas reaparecerão e o combate começará outra vez. Isso durará setenta dias. Então a estrela brilhante do centro ficará oculta por doze meses, durante os quais a coluna de fogo reaparecerá como antes. Ao final desse período, a coluna desaparecerá, pois então o Messias terá subido ao céu para receber o poder e a coroa de realeza.

“Quando o Messias descer à terra de novo, a coluna de fogo se tornará visível a todos. O Messias se manifestará por meio de uma declaração de guerra no mundo inteiro. Muitas nações se submeterão a ele. E o poder do Messias se fará manifesto, e todos os homens o conhecerão. Muitos reis lhe declararão guerra, e muitos judeus sem honra se alinharão contra o Messias e ao lado dos reis terrenos. Então o mundo estará na escuridão durante quinze dias, e um grande número de israelitas perecerá nas sombras. Ao fim de doze meses, o cetro de Israel será elevado, o que significa que o Messias surgirá no Jardim do Éden. Os justos porão a Coroa sobre sua cabeça e, sobre seu quadril, um cinturão feito das letras do Santo Nome. Uma Voz vinda da Árvore no Jardim do

Éden pronunciará estas palavras: ‘Levantai-vos, Santos Sagrados, e ide ante o Messias. Chegou o momento em que a Mulher celeste se une a seu Esposo celeste. E eis que o Esposo vingará Sua Esposa, castigando o mundo que recusou conhecê-la. Agora a Mulher está para ser alçada outra vez da terra.

“Então todos os santos do Céu se levantarão e armarão o Messias. Abraão estará à sua direita; Isaac, à sua esquerda, e Jacó, à sua frente. Moisés, o pastor fiel, bailará no comando dos justos no Jardim do Éden. E o Messias, rodeado pelos justos, entrará em seu Palácio, que é o Ninho do Pássaro. Ali, ele verá as reproduções da imagem dos que viveram no tempo da destruição do Templo, assim como as dos justos que morreram pela fé. Ali ele colocará dez vestes, conhecidas como as Vestes da Vingança. Durante quarenta dias permanecerá oculto no Palácio, sem ver ninguém. Então uma Voz vinda do Trono Supremo lhe dirá que deixe o Ninho do Pássaro, e ele ascenderá ao Céu. E, quando o Santíssimo o vir em suas Vestes de Vingança, com cinturão e armado, Ele o abraçará e o beijará na testa. Nisso, trezentos e noventa firmamentos serão destruídos. Então o Santíssimo fará sinal a um dos firmamentos, que permaneceu oculto desde o primeiro dia da criação do mundo, e um Palácio dentro desse firmamento se abrirá, e dele sairá uma coroa na qual estão gravados os Nomes Santos. Esta é a coroa que Deus ele próprio usou enquanto os israelitas cruzavam o Mar Vermelho. Esta mesma coroa

o Santíssimo colocará sobre a cabeça do Messias e o abraçará uma vez mais.

“Então todos os anjos do céu virão para oferecer presentes ao Messias. Ele entrará no Palácio, no qual os anjos são chamados ‘Os que choram por Sion’, já que eles estão sempre pranteando a destruição do Templo. Esses anjos darão um manto de púrpura ao Messias — o Manto da Vingança —, que ele porá, e outra vez permanecerá oculto durante trinta dias no Ninho do Pássaro. Então descerá à terra e se tornará visível por sete dias. O ignorante tremerá de medo, pois não será capaz de compreendê-lo; mas os que foram iniciados nos mistérios da Sabedoria Eterna compreenderão seu significado. Feliz é a sorte deles! Durante esses sete dias, o Messias andará na terra acompanhado pelo Ninho do Pássaro. Ele irá à tumba de Raquel para consolá-la. E ela, que não receberia o consolo do Santíssimo, aceitará o consolo do Messias. Ela se levantará e o abraçará. Então a Luz se propagará por todo o mundo, começando pela cidade de Jericó, a cidade de tamareiras. Durante doze meses, o Messias estará envolto na Luz que sai do Ninho do Pássaro, e depois disso espalhará a Luz entre a terra e o céu. Iniciando sua missão na Galiléia, onde o exílio de Israel começou, ele revelará a Luz que emanava do Ninho do Pássaro e regressará a seu lugar.

“Depois disso”, continuou a voz de Shimon ben Yochai, como se de muito longe, “haverá um grande terremoto, ouvido de um extremo a outro do mundo, a fim

de que todos possam saber que o Messias começou a revelar-se na Galiléia. Aqueles que se consagram ao estudo da Torá serão seus seguidores, mas seu número será pequeno. Ele chamará a si as crianças, pois é o mérito das crianças que lhe dá força. Ele é fortalecido pela inocência das crianças que descansam no peito da mãe! É graças às crianças que a *Shechiná* permanece com Israel no exílio, pois pequeno é o número dos verdadeiros sábios!

“Doze meses mais tarde, quando a *Shechiná* estiver unida com seu Esposo celeste, o Messias reagrupará os que estão dispersos de um extremo a outro da terra, e milagres tão grandes como os que se realizaram no Egito serão realizados pelo Santíssimo. Esse é o mistério dos trinta e dois caminhos que conduzem ao Nome Santo. Mas enquanto esses milagres não se cumprirem, o Nome Santo não será perfeito e o amor não reinará no mundo.

“E eis que há uma torre que se eleva acima de todas as outras! Essa torre simboliza a Lei. Um Pássaro vem, levanta-a e a põe debaixo das asas dos Querubins. Trezentas portas dão acesso a ela. Na porta do meio, há uma luz emitida pelos Rolos da Lei, nos quais o Rei de Israel lerá a parte que começa pela palavra ‘Reunivos...’. Felizes são os justos que ouvirão a voz do Messias quando ele revelar os mistérios da Lei nos Sábados e dias de festa! Pois quando os justos desejam subir à escola celestial, eles se reúnem diante do Rei Messias, que lhes explica o Mistério das Dez Palavras. Quando estão

abertas as portas da Torre, os Querubins abrem suas asas, de modo a fazer com que a Luz do Céu brilhe, e exclamam : 'Quão grande é a bondade que reservaste aos que Te temem!' Quando os Rolos da Lei voltam à Torre e as portas se fecham, vem de cima uma Luz, composta de quatro cores, e ninguém pode olhá-la exceto o Messias. Os Querubins estão silenciosos e a Torre volante regressa a seu lugar entre as outras torres. Nessa porta do meio há uma Coroa muito fina e muito preciosa, cravejada de pedras preciosas, que é invisível a todos. É para ser colocada na cabeça do Messias, quando ele entra na Torre, pelas duas Águias que o acompanham carregando a Coroa. Quando ele começa a ler a Lei, abre-se outra porta, da qual sai voando a Pomba de Noé, sustentando uma Coroa em seu bico sobre a cabeça do Messias. Quando ele recita o Pentateuco, duas Águias estão a seu lado, e ele desce até o último degrau, a Coroa permanecendo sempre em cima de sua cabeça.

"E acontecerá que, no fim dos tempos, o Santíssimo reedificará Jerusalém. Uma estrela fixa estará rodeada de outras setenta estrelas, e será visível por setenta dias. Depois disso, a estrela reaparecerá somente uma vez, e no dia de Sábado. No primeiro dia, a estrela será visível na cidade de Roma, e ali três grandes torres desmoronarão; o grande palácio cairá em pedaços e o soberano morrerá. No dia seguinte, a estrela será visível para toda a terra, e guerras terríveis estalarão em toda parte. Então um grande rei surgirá e conquistará o mundo.

E no dia em que esta estrela desaparecer, haverá um grande terremoto em Jerusalém, propagando-se por quarenta e cinco léguas ao redor do lugar em que estava o Templo. Isso revelará uma imensa gruta subterrânea, da qual jorrará fogo, ameaçando toda a terra. Homens poderosos sairão dessa gruta e dominarão o mundo. Sua linhagem se tornará real e os grandes santos da terra se reunirão à sua volta. Então os olhos de todos os homens verão o Rei Messias, ainda que nesse momento a humanidade estará em grande crise, uma adversidade seguindo-se imediatamente à outra. Mas quando o Santíssimo ressuscitar os mortos, a dor e a morte desaparecerão do mundo."

REVELAÇÕES SOBRE  
A IMORTALIDADE DA ALMA

**S**himon ben Yochai abriu os olhos e viu que as chamas ainda rodeavam sua cama e que do outro lado seus discípulos permaneciam ali, seus rostos iluminados com o êxtase de esperança e fé em tudo o que eles revelava. E continuou ensinando-os:

“Sabei que vossas almas são imortais! A alma parte somente quando o Anjo da Morte tomou posse do corpo. E uma vez mais a alma toma a forma que vestia antes de vir ao mundo. Tampouco pode a alma experimentar uma real alegria até que se sinta vestindo de novo sua própria forma celeste. Pois somente então pode continuar aprendendo o significado dos mistérios profundos. E a alma que não encontra de pronto seu envoltório ce-

leste sabe que não entrará de pronto no Céu, mas apenas após ter sido castigada. Tão logo tenha havido um desejo de arrependimento, mesmo quando não tenha sido levado a cabo, dá-se à alma outra oportunidade e lhe é permitido, depois de algum tempo, regressar a seu Paraíso.

“Assim como o corpo é composto de elementos que vêm dos quatro pontos cardeais, a alma é formada no Mundo Superior pelos quatro ventos que sopram do Paraíso e formam seu envoltório. É esse envoltório que dá à alma a mesma forma que tinha na terra.

“Se a alma que é colocada aqui embaixo deixa de se enraizar, é retirada de novo e de novo e é transplantada até que tenha se enraizado. Pois a alma que não cumpriu sua tarefa na terra é retirada e transplantada outra vez na terra. Infeliz a alma que é obrigada a voltar à terra para reparar os erros cometidos pelo homem cujo corpo ela anima! Pois a transmigração é imposta como um castigo para a alma, um castigo que varia segundo a natureza dos pecados que a alma cometeu. E toda alma que pecou deve voltar à terra até que, por sua perfeição, seja capaz de alcançar o sexto grau da região de onde emanou. Somente as almas que emanaram do lado da *Shechiná* — o sétimo grau celeste — nunca estão sujeitas à transmigração.

## A ALEGORIA DE JONAS

[AINDA AS REVELAÇÕES SOBRE A ALMA]

“Na história de Jonas, encontramos uma alegoria do que acontece à alma quando entra no corpo. Quando Jonas entrou no barco, isso é a alma embarcando em sua viagem para baixo, a fim de atravessar o oceano da vida. Quando um homem peca, ele é como Jonas, que imagina poder fugir do furor de seu mestre. Então Deus envia uma grande tempestade, pois o Anjo do Rigor exige o castigo do pecador. Quando Jonas caiu num sono profundo, o piloto lhe disse: ‘Como podes dormir? Melhor levantar e invocar o teu Deus’. O piloto é o Espírito do Bem que guia o navio, e que lhe diz para pensar em toda a sua vida a fim de ver se há nela algo que o faça merecedor de perdão. Ou pode ser que ele

tenha entre seus antepassados um homem justo, com o mérito do qual ele possa agora contar para salvar-se. Assim, quando o homem é julgado no outro mundo, numerosos acusadores bem como defensores estão presentes. Se o consideram culpado, a alma é separada do corpo e lançada ao mar. Então o barco pode encontrar calma outra vez no túmulo.

“Quando um homem morre, são enviados do Céu três mensageiros para que estejam presentes. O primeiro inscreve suas boas e más ações; o segundo inscreve o número de seus dias; o terceiro é o que o acompanhou desde quando ainda estava no ventre de sua mãe. Quando o homem é levado ao cemitério, se ele foi um homem bom, esses três clamam: ‘Prestai homenagem a ele, que era à Imagem do Rei!’. Mas se era mau, eles gritam: ‘Infeliz é esse homem! Melhor seria que nunca tivesse nascido.’

“O peixe que engoliu Jonas é como a sepultura. Após três dias nela, as entranhas do homem lançam a imundície em seu rosto, gritando: ‘Toma para ti o que nos deste, tu que te hás empanturrado, enquanto o pobre permanecia faminto!’ Do terceiro ao décimo terceiro dia da morte, os vários membros do corpo são castigados pelos pecados cometidos. E a alma é julgada ao mesmo tempo que o corpo, permanecendo na terra durante o primeiro mês. Então a alma se eleva e o corpo se torna pó até o tempo em que Deus ressuscitará os mortos. E, quando esse dia vier, uma voz celeste será ouvida: ‘Des-

pertai! Despertai de vosso grande sono e cantai louvores, vós que descansais embaixo da terra! Pois o orvalho que cai sobre vós agora é o Orvalho de Luz. Chegou o tempo de a terra abrir mão de seus gigantes!’ E assim como o peixe, após guardá-lo três dias em seu ventre, vomitou Jonas, do mesmo modo a terra vomitará seus mortos.

“No dia em que o homem deve deixar a terra, os quatro Chefes do Castigo se encontram, vindos dos quatro cantos do mundo. E os quatro elementos dos quais o corpo do homem se compõe começam a disputar uns com os outros. Quando se anuncia a morte de um homem, isso é ouvido em duzentos e setenta mundos. Se o homem foi bom, há júbilo em todos esses mundos, mas, se ele foi mau, quão infeliz é sua sorte!

“Quando se anuncia a morte do homem, uma chama dispara do Norte e se lança no Rio de Fogo, que flui nas quatro direções do mundo e inflama as almas dos culpados. A chama deixa o rio e penetra as asas de um galo negro, que as está batendo contra a porta de uma certa casa. Então as ações que o homem teve sobre a terra testemunham perante ele e ele tem de admitir quando dizem a verdade. À meia-noite, a chama choca-se outra vez com o pássaro e ele começa a cantar. Mas o pássaro só é visível ao homem agonizante, capaz então de ver coisas sobrenaturais. Ele também vê seus parentes e amigos mortos. Vê que os que foram bons na terra estão cheios de júbilo. Mas, se ele próprio não foi um homem bom, então só surge diante dele os que estão

expiando seus pecados no Inferno. Estão tristes e abatidos, e o homem moribundo solta um grande grito de angústia. Quando morre, as almas de seus parentes e amigos acompanham sua alma ao outro mundo e lhe mostram seus deleites e castigos. Durante os sete primeiros dias, a alma do morto revisita sua casa terrena. Então vai ao Jardim do Éden e permanece diante da porta com a espada rodopiante. Se a alma é considerada merecedora, ela entra, e quatro anjos lhe oferecem o Envoltório que se assemelha ao corpo que ela habitou na terra. A alma o veste e espera no Jardim-do-Éden-sobre-a-Terra até que a sua sorte seja decidida. Então aparece uma coluna de três cores diferentes. Essa é a Coluna de Sion. A alma sobe por ela e alcança a Porta da Justiça, pela qual Sion e Jerusalém hão de ser encontradas.”

## REVELAÇÕES SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

**E**o mestre, Shimon ben Yochai, tirou deles o medo da morte, enquanto os consolava, dizendo: “Sabei que os corpos dos mortos voltarão a viver com as mesmas almas que tiveram antes. E renovarão a face do mundo. As almas dos que hão de ser ressuscitados estão sempre na presença do Todo Poderoso, esperando Seu sinal para irem e animarem os corpos. No momento da Ressurreição, Deus fará com que caia um Orvalho sobre a terra, na qual os mortos estavam enterrados, e estes se levantarão. Esse Orvalho vem da Árvore da Vida, e é um Orvalho de Luz. Mas desde que a Serpente Má governa a terra, esse Orvalho não cai e o Rio celeste está seco, de modo que o Espírito da Vida já não flui dele.

Mas, no momento da Ressurreição, o Espírito do Mal será exterminado. E então a luz da Lua nunca mais será obscurecida. E as águas do Dilúvio Celeste nunca mais secarão. E a luz da Lua será como a luz do Sol. E a luz do Sol, sete vezes maior que a sua luz atual no total dos sete dias da semana.

“Os mortos que voltarem à vida fora da Terra Santa rolarão por baixo do solo e sairão direto na Terra de Israel, pois só naquela terra os corpos receberão suas almas. Depois da Ressurreição, o Santíssimo abençoará os corpos dos justos, e os fará como o Corpo de Adão, conforme era antes de entrar no Jardim do Éden. As almas que vivem no Céu são nutridas pela Luz Superior. E quando, no momento da Ressurreição, descerem à terra, trarão essa Luz com elas e embelezarão o corpo que habitam. Ele então fulgurará com um esplendor interno, igual ao esplendor do Céu. E os homens terão um conhecimento perfeito das coisas Divinas. Então todas as criaturas saberão que a alma que as anima é a Alma de Vida, a Alma de Felicidade, a Alma que recebe os grandes deleites diretamente do alto e os transmite ao corpo. E todos aqueles que tiverem o privilégio de saborear esse júbilo exclamarão: ‘Quão doce és tu, Amor repleto de deleites!’ E seu júbilo será tal que a inteligência do homem nem sequer pode compreendê-lo.

“Algumas vezes vemos que Deus levou um dos justos antes de seu tempo. E ele deixa o mundo enquanto ainda exala os agradáveis perfumes de deleite. Devemos

saber que os justos deixam o mundo por duas razões. Primeiro, se a geração é culpada, são os justos os castigados antes de quaisquer outros; e, segundo, é porque Deus vê que os justos também podem ser corrompidos mais tarde. Tampouco devemos nos surpreender quando vemos, como freqüentemente vemos, que homens maus vivem como se tivessem feito obras boas e estivessem sendo recompensados. Devemos compreender que Deus vê mais longe do que uma geração. Ele vê também seus filhos que hão de vir mais tarde e que poderão estar entre aqueles que farão o bem; ou que eles mesmos poderão ainda arrepende-se de suas más ações e voltar a fazer o bem. Devemos lembrar que foi Teras, o adorador de ídolos, que gerou Abrahão, o homem de Deus. E é porque Deus trata a humanidade com este olhar de longo alcance que o mundo continua existindo.”

REVELAÇÕES SOBRE O  
PARAÍSO E O INFERNO

A voz do mestre cessou. E todos do quarto, os ouvintes visíveis e os invisíveis, os visitantes da terra e os do Céu, permaneceram unidos num grande acorde de silêncio. Os discípulos viram, através da diminuta luz ao redor da cama, que o mestre jazia como um morto, mas eles sabiam que sua alma havia deixado o corpo e estava explorando as regiões superiores. E esperaram numa tensão sem ar, vacilando entre a esperança e o medo. Enquanto eles assim viveram por um longo momento de eternidade, a luz ao redor da cama começou a renovar-se com um fresco esplendor. Um sol de júbilo iluminou as feições de Shimon ben Yochai quando ele abriu os olhos e sorriu para eles — um sorriso profundo, como se

de muito longe. E sua voz vibrava com uma segurança profunda enquanto ele os ensinava, dizendo:

“Sei que meu rosto está refletindo júbilo, mas o júbilo que vocês vêem nele não é senão um reflexo infinitesimal da felicidade que veio a mim. Minha alma acabou de voltar a mim do outro mundo, onde contemplei a Glória dos que se entregaram ao Nome Santo. E eu os vi banhados em treze rios de perfume, e então conduzidos à frente do Trono Santo, onde o Santíssimo mostrou Seu deleite com eles. E quando eu perguntei: ‘Para quem é toda essa glória?’, foi-me dito: ‘Estes são os homens que serviram a Deus sobre a terra por amor e não por medo!’

“E agora aproximai-vos e escutai tudo o que vos contarei do que me aconteceu quando minha alma se libertou de seu envoltório de carne e se uniu às miríades de almas que deixavam a terra em sua jornada para o outro mundo. E eu as vi separadas em grupos pelos espíritos do ar. Aquelas destinadas ao júbilo do Reino Celeste empreenderam alegremente seu vôo para cima, enquanto as destinadas aos tormentos do Inferno tristemente voltaram seus rostos para as regiões inferiores. E eu vi as almas dos justos guiadas pelas Sete Portas, pelas Sete Regiões e pelos Sete Palácios em sua jornada de purificação para a vida de alegria eterna que as espera.

## AS SETE PORTAS

“Vi as almas passarem pela primeira Porta e chegarem à Gruta de Macpelá, perto do Jardim do Éden. E quando Adão, que é o guardião, viu chegar uma grande alma, ele exclamou: ‘Bem-vinda, grande alma!’.

“E chegamos à segunda porta, antes da entrada do Paraíso. Ali eu vi o Querubim com a Espada Flamejante, que rodopia e emite faíscas de fogo. As almas que estavam completamente puras passavam de imediato por essa porta. Mas as que não estavam completamente puras ficavam para trás a fim de serem julgadas, castigadas e purificadas com as chamas emitidas pelo Querubim. As almas que estavam na Graça recebiam um passe na forma de uma jóia brilhante. Em seguida, chegamos ao Paraíso-sobre-a-terra. Ali eu vi um pilar de nuvem, perpassado de radiância, ao redor do qual fumaça e luz lampejavam e espiralavam, alcançando diretamente as próprias portas do Céu. E as almas purificadas começaram a subir por esse pilar. As outras permaneciam no Paraíso-sobre-a-terra, a fim de serem completamente purificadas. Ali elas gozam dos prazeres que vêm de cima, mas que não propiciam nutrição à alma.

“As almas purificadas subiram pelo Pilar de Nuvem, forrado de chama. Elas alcançaram a terceira porta, do lado oposto à esfera chamada Zevul, e chegaram à Jerusalém celeste. Na porta, anjos postavam-se em guarda.

Somente às almas mais meritórias era permitido entrar, enquanto as que se encontravam sem mérito eram privadas das jóias que lhes haviam sido dadas antes. E eu as ouvi gritar com uma voz de lamento: 'Ai de mim, agora minhas jóias me foram tiradas, e não estou apta para entrar.' Mas a alma meritória continuou até o Templo acima, onde começou a cantar louvores a Deus. Então eu vi o anjo Miguel, o Sacerdote-Príncipe do Templo, tomar a alma nas palmas de suas mãos e levá-la lentamente pelas glórias da quarta, quinta e sexta Portas, louvando a Deus em cada degrau e trazendo a alma nas palmas, como um sacrifício ante o Santíssimo.

## AS SETE REGIÕES

"E eis que vi as Sete Regiões, uma em cima da outra, nas quais residem os Grandes Anjos. Estão unidas à terra, e só existem por causa da terra. Os Anjos cantam contínuos hinos de louvor ao Eterno. Quanto maior é o anjo, tanto mais alta a região que habita. A região mais baixa é um espaço sem luz. Os anjos que vivem nela parecem sombras, cuja passagem se ouve mas não se vê. São invisíveis, não tendo luz, nem sombra, nem qualquer espécie de cor. Estão inconscientes de sua própria existência, pois não têm formas de espécie alguma em sua região com as quais eles possam se comparar. Esses anjos são derrubados por um golpe invisível a cada tarde e revividos a cada manhã. A desapareição e a reaparição desses anjos indicam dia e noite.

"E eis que a abóbada que se estende e que pende sobre o Paraíso tem as mais gloriosas cores, e no centro dela encontra-se gravado o nome do Santíssimo. Vi todos os segredos dos mundos de cima e aprendi toda a sabedoria que se deve aprender para ser capaz de perceber e contemplar a Glória de Deus!

"E cheguei à segunda região, onde há alguma luz. Ali encontrei os anjos que olham pelo homem e tratam de dissuadi-lo de seguir o mal. Algumas vezes eles também combatem contra o homem. Nutrem-se dos aromas que se elevam das boas ações do homem sobre a terra. Ouvi-

os começar a entoar seus hinos de louvor, mas deveis saber que eles param de vez em quando, esperando que Israel se una a eles. Se Israel não se une em seus hinos, eles não são capazes de continuar. Mas assim que a voz de Israel foi ouvida unindo-se nos hinos, vi que os anjos começaram a brilhar com um esplendor renovado. E, quando Israel se consagra ao estudo da Torá, esses anjos são capazes de elevar-se ao próprio Trono de Deus para testemunhar. E ali recebem seus devidos elogios.

“Quando cheguei à terceira região, eis que estava repleta de fogo e chama. E eu vi o Rio de Fogo cair dali sobre as cabeças dos culpados no Inferno. Ali estavam os Anjos da Destruição, que atormentam os perversos. Eles também são os acusadores de Israel, exceto quando ele está em estado de arrependimento, como nos Dez Dias de Penitência. E ali meus olhos viram Sammael, o Maligno!

“E eis que a quarta região resplandecia e os Anjos da Justiça vieram ao meu encontro. Vi que são os Anjos da Misericórdia que não mudam. Eu os reconheci, pois frequentemente vieram a mim em sonhos e me trouxeram mensagens especiais. Eles são os Guardiões das Chaves da Porta de Misericórdia. E eu os vi abrirem as portas aos que se arrependeram e permitirem a entrada dos votos e orações daqueles que são sinceros. E eu vi as orações e os votos subirem mais e mais até o Trono do Altíssimo.

“Na quinta região, meus olhos foram ofuscados pela luz. Os Anjos, que vieram ao meu encontro, eram

de fogo e água. E eu os vi sendo enviados para fora com mensagens celestes, algumas de clemência e outras de castigo.

“Na sexta região, eis que eles me levaram para navegar em muitos barcos e atravessamos muitos rios. Fomos ao Sul, e encontramos o anjo Miguel, e ao Norte, onde encontramos o anjo Gabriel; a Leste, onde encontramos o anjo Rafael, e a Oeste, onde encontramos o anjo Oriel.

“E eis que na sétima região eu encontrei as almas dos justos, e as vi aquecer-se na alegria de todos os deleites celestes! Estávamos sob uma perpétua chuva de bênçãos de Paz, da Bênção da Graça. E quando elas se derramaram em nossas almas, sentimo-nos lavados por uma corrente de júbilo que é indescritível.

“E, quando cheguei ao Paraíso, vi os Serafins semelhantes a tochas, e Rodas de Fogo girando em torno deles. Suas sobranceiras eram tições ardentes; seus rostos e olhos, chamas cintilantes. O nome de seu líder é Adomeus, e, quando me viu, exclamou: ‘Quem permiti ao fruto do ventre de uma mulher vir entre nós?’ Eu imediatamente pronunciei as Letras do Santo Nome. E ainda assim eles tentaram me chamuscar com seu Alento. Então adiantou-se até mim um Grande Príncipe, que me perguntou quem eu era. Dei meu nome e ele disse: ‘Bem-vindo, tu és nosso amigo!’, e ele continuou: ‘Sabe que todos os que vêm a este mundo devem passar por minhas mãos. Noite após noite, desde o momento em

que o homem se deita e entrega seu espírito ao Mestre de Todos os Mundos, o espírito voa para mim. Mas eu só posso admitir aqueles cujo nome me tenha sido dado, assim como aqueles que tenham feito boas ações durante o dia e a quem nós mesmos vamos buscar.' Então meus olhos se abriram e me apareceram os trezentos e cinco Palácios a leste. Cada Palácio tem muitos guardiões, todos de mesma aparência e altura, chamados Os Servos do Leste. Ao Sul, todas as coisas são como as do Leste, mas eu vi uma porta maior que todas as outras, e o guardião me disse: 'Por essa porta passam as almas dos que são oprimidos e perseguidos, assim como as dos que se arrependem de suas maldades.' Acima dessa grande porta, eu ainda vi outra porta, entre dez menores. Essa porta é aberta somente na Lua Nova. Acima dela está uma cúpula com quatro janelas, cada uma sendo uma letra de luz do Santo Nome. Em todas as portas estão espíritos em trajes que lembram sua forma terrena. E eu os vi abandonarem esses trajes e entrarem pelas janelas e pelas dez portas.'

## OS SETE PALÁCIOS

"Dentro de cada uma das Sete Regiões do Paraíso, há um Palácio. A finalidade dos Palácios Celestes é conservar a *Shechiná* para o Mundo, e isso se dá guardando-se o contato entre os mundos superiores e o nosso mundo. Agora ouvireis acerca dos Sete Palácios do Paraíso e dos Sete Palácios do Inferno correspondentes.

"O Primeiro Palácio que meus olhos contemplaram é o Palácio da Safira. Essa é a Casa da Fé. Ali os mistérios da fé começam a ser revelados. Os profetas receberam suas visões alcançando o primeiro Palácio. Este Palácio é guardado por Tahariel; ele e todos os anjos a ele submetidos parecem chamas e portam brasas ardentes em suas mãos. Os chefes desse palácio chamam-se Mestres dos Olhos. E eu vi as almas que não são consideradas merecedoras de entrar ali serem arrebatadas e levadas ao Inferno por milhões de demônios-servos. Vi o guardião abrir a porta e as preces feitas com sinceridade por certos pecadores serem levadas por Shadiel a um plano inferior. E às preces se disse que, se a pessoa que as fazia se arrependesse, elas teriam permissão para subir mais alto. Acima desse Palácio vi outra porta, guardada pelo Santíssimo Ele mesmo. Por ela vinham as lágrimas dos penitentes e as lágrimas daqueles que, tanto no mundo de cima como no de baixo, lamentam a destruição do Templo. E eu vi o Anjo da Misericórdia, Rahmiel, mon-

tado numa Carruagem transportada por seiscentos dos Animais Santos, recolher todas as lágrimas e com elas tecer uma Coroa.

“Vi as almas de muitos convertidos. Estavam vestidas em trajes de luz, ao mesmo tempo brilhantes e opacos, e envoltas em mantos de luz brilhante. O piso desse Palácio é crivado de Jóias e Pedras preciosas. Uma de suas portas está exatamente em frente à porta que conduz ao Inferno, de modo que os convertidos são capazes de ver como os perversos estão sendo castigados. E eis que eu olhei pela porta que conduz para baixo, ao Inferno, e vi os Anjos da Destruição torturando-os e queimando-os — enquanto os convertidos se regozijavam de haverem tomado o caminho certo. Três vezes ao dia os convertidos têm a permissão de se aquecer na Luz de Deus, que sustenta sua própria luz tênue. E eu reconheci Obadiá e Onkelos, e outros grandes convertidos.

“Vi o espírito Satouriel emitindo centelhas de luz em todas as direções. Ele é o guardião das almas masculinas que vêm do Lado Direito, enquanto outro espírito guarda as almas femininas que vêm do Lado Esquerdo. Quando as almas deixam o mundo, vão primeiro a este palácio, e ali os machos e as fêmeas se unem de novo. Quando essa união ocorre, centelhas voam em todas as direções. Ali estão quatro anjos guardando as chaves do Nome Santo. Do meio desse Palácio, vi levantar-se o pilar Adrahaniel, que conduz ao segundo Palácio, para onde são transmitidas as orações.

“E assim como Deus criou um Paraíso terrestre, Ele criou um Inferno terrestre. E exatamente como Deus criou um Paraíso celeste, Ele criou um Inferno celeste.

“E eis que meus olhos estavam abertos e eu olhei para baixo e vi o primeiro Palácio do Império de Satã, que traz o nome de O Fosso. Suas bordas são moles e escorregadias, e não há projeção alguma à que uma pessoa, lançada no Fosso, possa agarrar-se. O guardião Douma está vigiando constantemente o Palácio Superior, e, logo que uma alma é rechaçada no Paraíso, ele a agarra e a leva para baixo, ao Inferno. E eu vi no Fosso aqueles cujos olhos contemplaram coisas impuras e proibidas. No centro desse Inferno, vi o espírito impuro Gamghina, cujo corpo é de um vermelho opaco. Ele é o guardião daqueles cujas orações foram rejeitadas no alto.

## O SEGUNDO PALÁCIO

“Então fui levado ao segundo Palácio do Paraíso, que é o Palácio Azur<sup>36</sup> e o lugar de repouso da Fé. Esse Palácio é mais misterioso que o primeiro. Suas três portas estão guardadas pelo anjo Ourfaniel, cujo esplendor nunca muda. Esse Palácio está contido no primeiro, mas sua luz é mais brilhante. Ele é inteiro cravejado de pedras preciosas. Nele há uma luz que contém todas as cores e se auto-envia dos céus à terra. E encontrei os que devem suportar tribulações e enfermidades para sua purificação. Muitos dos que vão a esse Palácio são gente que empregou seu tempo na terra louvando a Deus. E aqui encontrei também as almas dos que foram mortos por causa da fé. O Anjo Guardiã carregava uma taça cheia de fogo e de vida. Esse é o Cálice do Consolo, oferecido aos aflitos assim que eles chegam. Depois de beber dessa taça, cada alma é conduzida a Sadkiel, guardião das vestes que a alma teceu para si com suas obras sobre a terra. Depois disso, a alma é conduzida ao mergulho no Rio de Fogo para a purificação. Algumas das almas permanecem no fogo purificador toda a noite, e quando o vento do Sul se levanta de manhã para despertá-las, elas

<sup>36</sup> De uso literário, *Azur* designa o azul-claro e vivo do céu, apesar de sua etimologia (francês antigo, *Azur* > Med. Lat. *azura* > Ar. *al-lazaward* > persa *lājwārd*: lápis-lazuli) remeter ao azul-escuro do lápis-lazuli, tonalidade que preserva na heráldica, em que é um dos nove esmaltes do brasão. (N. da T.)

estão completamente renovadas! E são vestidas com seu próprio Traje de Obras sobre a Terra. Então as almas purificadas entoam seus cantos de louvor e entregam-se em sacrifício ao Grande Sacerdote do Céu, Miguel, que oferece cada alma ao Santíssimo. E lá a alma permanece até que tenha concluído sua completa e última forma.

“E eu vi a união de dois espíritos acontecer. Isso dá nascimento a um Serafim com o rosto de uma águia e seis asas. Acima do Serafim está o Animal Santo Jofiel, A Beleza de Deus, que tem as chaves da beleza da Sabedoria. Assim que cada alma entrava, ela se apresentava ao Animal Santo, que a examinava para ver que grau de sabedoria ela alcançara na terra. E cada alma recebeu seu lugar segundo a medida de sua sabedoria. E as almas dos que haviam negligenciado a realização da sabedoria estavam envergonhadas e foram colocadas porta do Palácio afora. E os Serafins as golpeavam com as asas flamejantes, de tal modo que elas queimavam mas não eram consumidas. Essas almas não eram completamente brilhantes por causa de sua sabedoria imperfeita, nem tampouco muito escuras devido a uma certa medida de perfeição de obras boas que está nelas. Quando seu mérito completo tiver sido restaurado, sua luz se tornará completamente brilhante, e se tornarão aptas a reconhecer seu Mestre.

“O Animal Santo Jofiel domina quatro outros Anímais, cada um provido de quatro Rodas. O que está a Leste chama-se Haniel; o que está ao Norte, Quarshiel;

ao Sul, Ezriel; a Oeste, Aniel. Todos cantam louvores e santificam o Nome de Deus, a fim de que o Espírito de Misericórdia apareça. É dessa fonte que todos os sábios, os visionários, os sonhadores e os profetas obtêm sua força. Do lugar mais alto em sua região vem o dom da profecia. E da própria coroa desse lugar mais alto é que Moisés foi dotado de seu espírito profético. Dos graus mais baixos dessa região os profetas menores, os visionários e sonhadores tomam seu dom de profecia. É Jofiel, A Beleza de Deus, que domina e governa todos os graus de Sabedoria. Em sua mão são entregues as sentenças, a fim de que possa fazer uso de sua bondade e suavizar os decretos duros antes de entregá-los ao Juiz do primeiro Palácio, cuja decisão é final. Então o Guardião do primeiro Palácio as entrega ao líder do Lado Mau, que é duro e cruel. Seu nome é Sanghiel. Ele é também o guardião da primeira região do Inferno. Tem miríades de legiões a suas ordens para executar as sentenças por todo o mundo. No momento em que Sanghiel recebe uma sentença, abre a porta que conduz ao lado da escuridão, onde miríades de seus servidores estão esperando por cada novo decreto, que eles anunciam com gritos de alegria.

“A segunda porta é a porta da qual dependem a vida e a morte, pois é lá que se põe o último selo em cada sentença. Vi ali dois anjos postados. Um, à direita, sustenta o selo da vida; o da esquerda, o selo da morte. E eis que vi muitas luzes que fluíam juntas e se uniam

numa luz, e então fluíam outra vez separadas. E elas fluíam juntas e fluíam separadas, de novo e de novo. E acima dessas luzes em sua perpétua união e reunião, vi o Messias sofredor.

“E eis que o abismo se abriu para mim e olhei para baixo, dentro do segundo Palácio do Inferno. Chama-se O Precipício, e está cheio de sombras escuras. Tem três portas. Pela primeira entram os que são culpados dos pecados de perversão e que nunca terão a permissão de ver a *Shechiná*. Pela segunda porta, entram os culpados de incesto com animais e com membros de suas próprias famílias. A cada um que entra se dá de beber de um cálice que contém A Amargura da Morte. Pela terceira porta entram os que são culpados de adultério. E aqui eu vi aqueles demônios que correm pela terra de um lugar a outro, à noite, disfarçados ora de homens ora de mulheres. Eles aparecem aos homens como mulheres bonitas, e, às mulheres, como homens vistosos, a fim de cativá-los. Usam o nome de Flagelo.

## O TERCEIRO PALÁCIO

“Aflito, desviei meu olhar dos horrores do Inferno, para olhar a indescritível beleza que rodeia a vida dos justos no outro mundo. E foi o próprio Messias que me conduziu ao interior do terceiro Palácio, mais brilhante que os outros dois e chamado de Palácio do Esplendor. Suas quatro portas conduzem às quatro direções. A primeira porta é guardada pelo anjo Malkhiel, que recebe do tribunal do Rei as sentenças do julgamento do mundo e as despacha para serem executadas. O guardião da segunda porta é o anjo Gazriel, que detém os decretos de vida e morte. Essa porta é aberta somente no Sábado e no primeiro dia de cada mês. No Dia da Expição fica fechada até o anoitecer, até depois de os decretos de vida e morte terem sido expedidos.

“No quarto degrau vi o anjo da Difteria, que foi criado na Lua Crescente. Está presente na morte das criancinhas, quando lhes aparece sob a forma de uma mulher que aperta sua garganta e suavemente as estrangula. As almas dessas crianças são levadas a este Palácio, e o anjo cuida delas e as nutre com luz, enche-as de júbilo, purga-as de todas as amarguras e, finalmente, leva-as à presença do Rei dos Reis. E ali, nos dias de Sábado e nos dias da Lua Nova, elas recebem as bênçãos dos pais. Quando Deus vê esses pequeninos, Seu Coração se comove com piedade por toda a Humanidade. E eu vi as

crianças, que foram salvas de seguir uma vida perversa, aquecerem-se nos júbilos da pureza e do amor.

“A terceira porta é guardada por Quaftsiel, que detém os decretos da doença, sofrimento e pobreza. Quando essa porta se fecha à oração do homem, este é miserável até que seu mais sincero estado de arrependimento volte a abri-la. Ali eu encontrei o Espírito do Esplendor, que domina e governa todo o Palácio e suas grandes luzes. A ele vêm as almas dos destinados a ter uma participação no mundo vindouro. Vi que essas almas, quando entravam, eram coroadas com luzes de honra, e dessa maneira eram capazes de passar por todos os palácios sem obstáculo algum. Esse espírito recebe sua luz diretamente do alto, e por sua luz são iluminadas todas as luzes a ela submetidas. As almas estavam banhadas de luz, como em um rio de unção, enquanto caminhavam para o Rio de Fogo. Três cores continuamente relampejavam dessa luz. E eis que dessa mesma luz vi também emergir um Animal Santo de duas cores. Sua forma era a de um leão e uma águia. Quando a luz tocava o Animal, saltavam centelhas em todas as direções. E das centelhas emergiram quatro Rodas, cada uma provida de oito asas e brilhante com muitas cores. Elas são os Chefes de Guerra, que põem todas as legiões do Céu e as Estrelas do Firmamento nas linhas de frente para a guerra. Essas Rodas são também as que tentam os seres humanos a cometer pecados.

“E eu vi quarenta espíritos preparados para golpear as almas que dizem coisas que não deveriam ser ditas

por aqueles que não desejam que se profanem as boas palavras que saem de suas bocas. Esses espíritos estão cobertos de chama, e expulsam as almas do Palácio e batem nelas. E as almas são obrigadas a permanecer no exílio até que o período de seu castigo se tenha cumprido. Os quarenta espíritos estão também armados com escudos, arpões e lanças, a fim de proteger Israel contra seus inimigos.

“E eis que vi doze Rodas giradas por doze Serafins, seis dos quais vermelhos e seis brancos, que representam Clemência e Castigo, e que protegem Israel contra o sofrimento. Eles estão sempre prontos a receber as orações enviadas para cima pelos corações sinceros. Conduzem essas orações de Palácio em Palácio, até as portas mais altas. Ali as orações aparecem diante do Rei dos Reis e são transformadas em jóias para a Coroa Santa. Feliz é o homem cuja oração tem a permissão de entrar no terceiro Palácio! E feliz é o homem cujas orações estão guardadas dos Espíritos do Mal e reservadas para o Dia do Juízo!”

E um grande suspiro saiu do coração do mestre quando ele começou a lhes contar sobre a correspondente região do Inferno: “E me disseram que olhasse para baixo, para dentro do terceiro Palácio do Inferno; mas eu mal podia enxergar qualquer coisa, tão profundas eram as sombras que se encontravam sobre ele. E pouco a pouco comecei a distinguir as formas miseráveis dos que ali se retorciam. Vi os que usaram perversa-

mente suas línguas a fim de provocar motins, assassinatos, guerras e derramamento de sangue. E vi a Grande Serpente, que permanece enroscada no fundo do Poço. Suas escamas são feitas das mentiras ditas na terra. Cada mentira adiciona outra escama a seu couro, e a serpente cresce constantemente, para dar lugar a todas as mentiras que a cobrem.

## O QUARTO PALÁCIO

“Mas eu não podia sustentar o olhar sobre essa horrível visão, e eis que fui guiado pelo Messias ao interior do quarto Palácio do Paraíso, que é o Palácio do Mérito. Ali são medidas as recompensas e os castigos que o homem obteve para si. E vi também os que lamentam a destruição da Cidade Santa de Jerusalém e de Sion. Quando viu os pranteadores, o Messias também deu vazão à sua dor e chorou. Todos os Príncipes da Casa de David correram para consolá-lo; mas ele chorava alto até que se ouviu uma Voz unindo seus tons à voz dele. As duas vozes se elevaram e caíram em uníssono, vertendo uma nova luz em todos os Palácios e trazendo cura e alegria aos que estavam enfermos e sofrendo. Então os anjos vestiram o Messias com um traje púrpura, que trazia os nomes de todos os mortos pela Glória de Deus. E eis que a púrpura fluiu para fora deste manto e juntou-se à Púrpura vestida pelo Rei dos Reis até o Dia da Salvação. Então anjos vieram em suas carruagens, trazendo os bálsamos e os perfumes para o consolo. Estavam vestidos com trajes de luz. E no centro dez príncipes encontravam-se sentados em seus tronos: rabi Akiva e seus colegas. Os rostos dos mártires estavam iluminados pela Luz de Deus, a qual olho algum havia contemplado.

“É desse Palácio que Deus proclama Seu domínio no mundo. E ali são mostrados os caminhos do Santís-

simo. Dentro do Palácio estão contidos quatro Palácios, cada um diferente do outro. O espírito guardião desse Palácio chama-se Zacut-El. Dele emergem setenta luzes cintilantes, que se ordenam num círculo, onde todos podem se olhar entre si e ninguém pode sumir de vista. Todos os méritos, as sentenças e os castigos estão diante dessas setenta luzes. Em meio a elas estão duas grandes colunas de luz. Essas duas colunas testemunham e escrevem as sentenças, tanto os bons como os maus decretos. Setenta e duas luzes se alinham do Lado Direito e setenta e duas luzes, do Lado Esquerdo. Essas são as forças do Bem e do Mal. À porta de cada um desses quatro Palácios ergue-se um guardião, que toma nota de todas as sentenças e as anuncia assim que descem da Casa do Rei. Quando a sentença é decretada, os arautos a tomam e a proclamam em cada um dos Palácios inferiores, grau por grau. Até os próprios Pássaros participam do anúncio. Os guardiões do sol as anunciam aos guardiões postados no Lado Esquerdo. E os guardiões do Lado Esquerdo as anunciam aos Reis da terra.

“Durante o tempo de nossos profetas, eles sabiam, pois tiravam seu conhecimento dos pilares da Torá. Quando os profetas desapareceram, os videntes e visionários ocuparam seu lugar. E eu vi dois espíritos saírem dessa primeira porta: um para assistir os que buscam o caminho correto e o outro para os que querem tomar o caminho errado. Na segunda porta, vi o anjo guardião Haniel. Ele está colocado à direita, e é o guardião dos

méritos do homem. Quando os méritos do homem são grandes, Hariel o recomenda ao anjo Pudhiel, o guardião do terceiro Palácio, que então tenta salvá-lo do Inferno.

“Na terceira porta, eu vi o anjo Gadhiel, que pesa e mede os pecados do homem. E quando eu cheguei à quarta porta, vi-o lançar os pecados e méritos do homem na balança, a fim de pesá-los para o julgamento. E, quando os pecados e méritos que se equilibram nas balanças estão sendo pesados, o Espírito do Mal faz o quanto pode para empurrar para baixo a balança de seu lado, que é o esquerdo, enquanto o Espírito do Bem faz o mesmo do lado direito.

“E eis que eu vi o Espírito do Mérito dar à luz um Animal Santo, de cujos olhos saíam todas as boas obras. E as obras imperfeitas que haviam sido executadas com um coração sincero saíam em companhia das obras boas. Abaixo do Animal Santo estão quatro Serafins flamejantes. Quando se movem, centelhas de fogo projetam-se deles e dão origem ao Rio de Fogo, com suas miríades de servidores. Dia após dia, esse Regato de fogo fluente purifica todos os espíritos que estão sob seu cuidado. Mas no Sábado ele detém seu curso. E o Animal Santo o atravessa e passa para o outro lado, onde o Sábado é observado com inefável júbilo no Palácio.

“Então eu me forcei a olhar dentro do abismo, onde vi o quarto Palácio do Inferno, que se encontra diretamente oposto ao quarto Palácio do Paraíso. Ali as más ações do homem são reunidas, pesadas e julgadas.

E, se essas más ações pesam mais que as boas, então o nome do homem é inscrito no Livro da Morte, e é enviado para baixo, para a quarta Câmara do Inferno. Entre os infelizes hóspedes desse lugar terrível, discerني muitos que haviam profanado o Sábado.

## O QUINTO PALÁCIO

“Em seguida, cheguei ao quinto Palácio, que é iluminado pela luz da Fé, e dá luz aos outros quatro palácios abaixo dele. O anjo guardião chama-se Siniguria. Ele defende a causa do homem frente ao Mestre. Ali eu vi um espírito composto de quatro cores: branco, preto, amarelo e vermelho. Ele se aquece na confiança do Mestre e conhece todos os tesouros secretos do Mundo Superior. Ele é também o Guardião de Israel, e ouvi chamarem-no de Guardião do Pacto. Mas seu verdadeiro nome e o que ele carrega com maior júbilo é Amor, e por essa razão o quinto Palácio é muitas vezes chamado O Palácio do Amor. Mesmo os justos não vêm aqui. Mas aos *chassidim*\*, que serviram a Deus com amor, é permitido entrar. Desse Guardião de Amor emanam todas as maneiras e caminhos que levam os espíritos nos outros Palácios a criar o Espírito de Amor. E eu notei como as quatro cores se fundiam e como desse casamento proveio um Animal Santo chamado Animal do Esplendor. Então a meus olhos foi permitido ver todos os santos espíritos que são nutridos pelo Beijo do Eterno.

“E me mostraram todas as almas do alto que se haviam reunido em preparação para a sua jornada no mundo. Mas, desde o dia da destruição do Templo, nenhuma alma nova entrou nesse Palácio. E quando o número das que já estão ali reunidas tiver se exaurido, então o Messias fará sua aparição. E o Messias consu-

mará a união entre os mundos superior e inferior, e levará a cabo a união entre El e Shadai.

“E vi a Espada Flamejante, que gira e muda de cor a cada revolução. E eu vi que desse Palácio, emanando do Grande Amor, sai o alimento para a Humanidade quando há fome na terra. Dali também saem os presentes de amor em forma de luz, que se chamam: O Vinho de Amor, As Romãs de Amor, que estimulam o amor entre Israel e o Santíssimo. Quando esse amor vai dos de baixo aos de cima, e dos de cima aos de baixo, fluem para dentro desse Palácio Bondade, Misericórdia e Clemência, que engendram amor tanto embaixo como no alto. Esses são os Guardiões do Amor, que cuidam dos que dão suas almas em amor por causa do Santo Nome. Aqui aparecem todas as ações misericordiosas dos seres humanos. Elas aparecem nesse Palácio coroadas com a Coroa do Puro Amor.

“E eis que eu olhei para baixo, para o quinto Palácio do Reino do Inferno, chamado pelo nome de Sheol. O espírito que o guarda se chama Ódio. Vi a fome de olhar desvairado tentando romper suas amarras a fim de devastar a terra e a humanidade. E eu vi inumeráveis demônios ganhando as gotas de amargura que são injetadas na terra cada vez que um homem peca. Cada gota de amargura é aclamada pelo Demônio da Fome com um grito de júbilo, pois o aproxima um pouco mais de romper suas amarras e precipitar-se na terra para destruir a humanidade.

## O SEXTO PALÁCIO

“E eu voltei meus olhos da escuridão para a luz. E cheguei ao sexto Palácio, que é o Palácio da Clemência. Ali encontrei as orações e votos do homem reunidos. O Palácio tem seis portas, quatro das quais conduzindo aos quatro pontos da bússola, uma em cima e uma embaixo. O guardião das portas é Raziel. Ele é encarregado dos Mistérios Supremos, que se transmitem somente boca a boca, quando os Graus Celestiais se unem e se abraçam, e o Amor é beijado pelo Amor. Esses mistérios nunca serão revelados. Quando as portas deste Palácio se abrem, os anjos sabem que é o momento de Clemência.

“Nesse Palácio eu vi os Amantes de Deus, pois ninguém pode entrar ali senão os que, como os santos *chasidim*, servem a Deus com puro amor. Todos os espíritos inferiores se esforçam para unir-se com o espírito desse Palácio no Beijo de Amor, que é o beijo em que morreram Moisés e outros cinco. Este é o Beijo de Deus, pelo qual a alma é levada para fora do corpo e elevada à *Shechiná*, do mesmo modo que uma chama menor é levada à outra maior. E eu vi Moisés, que morreu em Amor e com o Beijo de Deus em seus lábios. E também vi a alma de meu grande mestre Akiva e de seus colegas, que morreram todos pelo Amor de Deus.

“Nas portas desse Palácio estão os que proclamam a unidade de Deus todo dia. Eles entram no Palácio e são os primeiros a subir ao Santo Trono, onde está Abraão,

o Amado, à direita de Deus. Em outra porta está Isaac, que foi preparado para o Sacrifício de Amor no Altar de Deus. E eu vi Jacó e as Doze Tribos. E a *Shechiná* flutuava sobre suas cabeças como uma coroa.

“Na parte Sul desse Palácio, eu vi uma grande luz, que cobre o mundo inteiro. Essa luz é Miguel, o grande advogado de Israel. Sempre que Israel é atacado pelo outro lado, Miguel toma sua defesa e o salva. Mas no momento da destruição do Templo, a culpa de Israel foi tão grande que nem mesmo as súplicas de Miguel puderam prevalecer contra o decreto do mal.

“Ao Norte, vi a grande luz, Gabriel, que traz doença e cura ao mesmo tempo. E fui a Leste para ver Rafael, que traz cura para todos os males. A Oeste eu vi Nariel, a síntese de todos os outros. E, apesar de ser a mesma luz, que sai da mesma Fonte, ela aparece diferente a cada um que a recebe. Assim, uma pessoa pode encontrar alegria em sua luz: outra, tristeza. Uma pode achar o Paraíso: a outra, o Inferno.

“E eu vi que o espírito desse Palácio está em contato com os espíritos dos seis Palácios inferiores e com os dos seis superiores. Dele emanam doze luzes, que representam a união dos palácios superiores com os inferiores. Aqueles que sabem como cumprir a Vontade de Deus, em Amor, realizam a união dos mundos superior e inferior. E vi que no sexto Palácio eu havia encontrado a quintessência de tudo que pode ser encontrado nos outros Palácios.”

E os discípulos notaram que, quando ben Yochai falava dos reinos do Inferno, a luz ao redor de sua cama se tornava um pouco mais pálida, de maneira que eram capazes de olhar para ele. E perceberam uma agonia em seu rosto quando ele se referiu aos tormentos atribuídos aos que haviam pecado. E ele os ensinou, dizendo:

“E meus olhos voltaram-se para baixo e viram a devastação que acontece no sexto Palácio dos reinos do Inferno. Essa vasta região é aberta por quatro portas, que se chamam: A Porta das Sombras, A Porta das Sombras da Morte, A Porta do Mal, A Porta da Morte. E vi todos os males da carne que tentam o homem e o instigam a pecar expostos de uma forma atrativa. E vi que, quando o homem que cometeu os pecados da carne está para morrer, o guardião do sexto Palácio do Inferno lhe aparece como um demônio de fogo, segurando três gotas de amargura. A primeira gota cai dentro da boca do homem, espalha-se por todo seu corpo e começa a transtornar sua alma. A segunda gota o mata e a terceira inicia a decomposição do corpo. E eu vi os que estão cheios de vaidade e de amor próprio sendo trazidos a este Palácio. Quando chega o tempo de morrer para um homem mau, Lilit\* lhe aparece e o induz a pecar com ela, e durante seu pecado ela o mata. E eu fui obrigado a desviar meus olhos de toda miséria que vi ali.

## O SÉTIMO PALÁCIO

“E eu cheguei ao sétimo Palácio, que é o mais oculto de todos. Não tem forma nem imagem, nem pode de modo algum apresentar-se à imaginação.” E a voz do mestre ganhou um tom suave e de profunda veneração enquanto ele continuava: “Ali, no recesso mais misterioso, está o Santo dos Santos, em direção ao qual todas as almas se esforçam. A luz que sai dali se irradia em todas as direções. À minha frente desceu uma cortina, e me disseram que por trás dessa cortina a semente de vida está oculta e encontra seu caminho para os mundos inferiores por meio de um Rio cujas águas nunca cessam de fluir. Quando a semente santa deixa o Santo dos Santos, é enviada para dentro de canais e fecundada antes de ser enviada para baixo.

“Nesse Palácio são encontradas todas as alegrias, as conhecidas e as que superam a imaginação do homem. Ali se dá a união do Mundo Superior com o Inferior — a união do macho com a fêmea. E no meio desse Palácio eu vi erguer-se um pilar. Era colorido: vermelho, verde, branco e negro. E eu vi cada alma meritória sendo conduzida a seu próprio pavilhão, iluminado pela cor que a alma adquiriu ao alcançar sua definitiva perfeição de forma.

“O sétimo Palácio é também chamado Arca da Aliança, porque todas as almas saem dela. Em seu re-

cesso mais íntimo é encontrado o Ponto Oculto. E o Ponto Oculto é este: quando todos os santos espíritos, todos os Palácios e todas as Carruagens estão unidos para formar um, essa unidade é animada pelo Espírito Supremo. O Espírito Supremo é o Ponto Oculto. O sétimo Palácio é o maior de todos, porque contém a Fonte de Vida, da qual a bênção desce sem cessar sobre tudo que foi criado.”

Ben Yochai permaneceu em silêncio por um momento, enquanto os discípulos se preencheram com a gloriosa visão de eternidade que o mestre havia neles evocado. Então a luz ao redor de sua cama começou a enfraquecer, um estremecimento correu sua ossatura e os discípulos souberam que ele estava olhando para as profundidades do Inferno, quando ele disse: “E eu olhei para baixo, para o sétimo Palácio do Inferno, onde vi homens se afogando no vinho da embriaguez. Esse é o vinho que Eva deu de beber a Adão, e que trouxe a morte para eles e para toda a humanidade. As almas infelizes reunidas nessa região sentem sua iniquidade mais do que em qualquer um dos outros Palácios do Inferno, e um profundo e angustiante remorso se apodera delas. Mas em algumas partes desse Palácio acontece uma espécie de redenção, e eu vi fulgores da Luz Divina penetrarem na escuridão e levarem esperança aos culpados. Com essa luz também se deleitam as nações que não oprimiram Israel e o trataram com uma certa dose de justiça.”

E o mestre estendeu suas mãos, implorando a seus fiéis seguidores, e exclamou: “Agora ponderai bem a respeito de tudo que vos revelei neste dia! Sabei que nenhum desses Palácios celestes são luz, nem são espíritos, nem são almas, nem são qualquer forma que possa ser apreendida por um dos sentidos. Sabei que os Palácios são pensamentos-vistos-através-de-cortinas. Tirai o pensamento e o Palácio se transforma em nada que a mente possa agarrar ou a imaginação representar! E sabeis, finalmente, que todos os Mistérios da Fé se apoiam nesta doutrina: que tudo o que existe no Mundo Superior é a Luz de Pensamento, o Infinito. Levantai a Cortina, e toda a matéria aparece imaterial! Levantai outra Cortina, e o imaterial torna-se ainda mais espiritual e sublime! E à medida que cada sucessiva cortina é levantada, somos transportados a planos sempre mais altos de sublimidade, até que o Altíssimo é alcançado!”

E Shimon ben Yochai continuou a revelar a seus discípulos grandes segredos, que nunca tinham sido revelados, relativos à Sagrada Escritura, e ele chegou ao mistério oculto no verso do Salmo: “Quão bom e quão prazeroso é para os irmãos morarem juntos em unidade! É como o orvalho de Hermom e como o orvalho que desceu sobre as montanhas de Sion, pois ali o Senhor infundiu a bênção, a própria vida, para sempre.”<sup>37</sup> Mas na palavra “vida” sua voz se extinguiu e não a ouviram

<sup>37</sup> Salmos 133.

mais. Entretanto, a luz no quarto aumentava, sempre mais brilhante, a tal ponto que ninguém podia levantar os olhos para fitá-lo. E o medo se apoderou deles quando ouviram uma Voz dizendo: “Por maior número de dias e longa vida...” E outra vez uma Voz disse: “Ele pediu vida por Ti...”

Durante todo aquele dia, as chamas rodearam sua cama e sua casa, de modo que ninguém pôde se aproximar. E num instante, tão repentinamente como veio, a luz desapareceu. Então os discípulos viram que a alma da Lâmpada Santa tinha deixado este mundo.

Ele estava deitado sobre o lado direito, vestido em seu manto. Um sorriso belo iluminava seu rosto. Seu filho, Eleazar, pegou as mãos do pai e as cobriu de beijos, enquanto Abba beijava o pé sob os pés do mestre. O resto dos discípulos queria chorar alto, mas permaneceram como que acometidos de mudez. Então Eleazar deixou cair seu rosto no pé e exclamou: “Pai, Pai, eram três e agora se tornam um!”<sup>38</sup>

“Agora os Animais<sup>39</sup> começarão a lamentar-se e os Pássaros se alvoroçarão antes de descerem e se esconderem nos agulheiros das grandes rochas que se encontram no fundo do imenso oceano, e toda a Assembléia se revolverá no sangue de sua dor.”

<sup>38</sup> Isso é explicado pelos místicos como os três graus, *nefesh*, *ruach*, *neshamá*, presentes na alma do mestre durante sua vida, que agora se tornaram um.

<sup>39</sup> *Animais* refere-se aos Animais Santos nos altos céus, e *Pássaros* refere-se aos anjos que voam: isto é, que todas as hostes celestes lamentarão.

E Hiya lembrou a eles: “Até agora, a Lâmpada Santa cuidou de nós; agora é nosso tempo de honrá-lo.” Então lavaram seu corpo com óleos perfumados. Uma atmosfera de festa permeava o lugar apesar do sofrimento dos discípulos, que pareciam confusos e desamparados. A casa estava cheia dos mais agradáveis aromas.

Eles puseram seu corpo num ataúde e o carregaram para fora da casa. Todos os líderes dos vilarejos vizinhos vieram implorar a honra de ter seu corpo enterrado em seu solo. Mas foi decidido que ele seria enterrado em Meron, o lugar de seu nascimento. Quando o ataúde foi tirado da casa, ele se elevou no ar e prosseguiu por si mesmo. E uma chama abriu o caminho à frente dele. E ouviram uma Voz proclamando: “Vinde e tomai parte na *Hilulá\** de Shimon ben Yochai! Que a paz esteja com ele! Que ele, que tinha um coração fiel, descanse!”

Quando o corpo foi colocado no sepulcro, ouviu-se uma Voz dizendo:

“Este homem faz a terra tremer e agita os reinos!<sup>40</sup> Miríades dos que advogam no Lado Direito estão hoje reunidos no Céu por causa dele! Por causa de Shimon, o filho de Yochai, em quem o Santíssimo glorifica a Si mesmo a cada dia. Feliz é sua sorte no mundo de cima e no mundo de baixo! Inumeráveis são os tesouros celestes esperando por ele!”

<sup>40</sup> Na versão em espanhol de 1934, lê-se: “Este homem comoveu os mundos superiores!” (N. da T.)

**PARTE III**

**TRECHOS DO ZOHAR  
SOBRE SHIMON BEN YOCHAI  
E SOBRE SEUS DISCÍPULOS**

VISÃO DE RABI HIYA DEPOIS DA MORTE  
DE SHIMON BEN YOCHAI

Rabi Hiya, que era um dos que o mestre chamava “Os Sete Olhos”, prostrou-se sobre a terra e chorou, dizendo: “Oh, Terra, Terra, quão insolente és. E quão obstinada e arbitrária, para reduzir a pó tudo que proporcionou deleite ao olho! Para consumir e destruir os justos, os pilares do mundo! Quão presunçosa, para reduzir a pó a Lâmpada Santa, Shimon ben Yochai, que desde outrora deu luz ao mundo todo, graças aos méritos do qual o mundo existe!”

E Hiya continuou a lamentar seu professor, dizendo: “Oh, meu querido mestre! Como é possível que tu, a luz dianteira do mundo, que sustenta e governa o mundo, devesses ser reduzido a pó na terra?” E outra

vez dirigiu-se à terra: “Mas, terra, eu te previno: não sejas tão orgulhosa! Os Pilares do mundo não serão entregues à tua voracidade! Eu sei que o rabi Shimon não está reduzido a pó em teu seio!”

Então ele jejuou quarenta dias, para se fazer merecedor de ver o mestre numa visão. Mas lhe foi dito que não era ainda merecedor de uma tal visão. Então ele jejuou outros quarenta dias. E teve uma visão na qual tanto o mestre quanto seu filho, Eleazar, apareceram para ele. Estavam explicando um verso da Torá, acompanhados de muitas legiões das hostes celestes, que escutavam a explicação. Então numerosos anjos alados desceram e tomaram o mestre e seu filho em suas asas e subiram com eles à escola celeste. Os anjos ficaram do lado de fora da escola. E enquanto permaneciam ali, adquiriram toda sorte de cores brilhantes e sua radiância era maior que a do sol. Então o mestre disse: “Que meu aluno, Hiya, entre ali e veja quão grandes são as alegrias que o Santíssimo reservou aos justos na escola celeste. Feliz é o homem que ali entra sem se envergonhar! E feliz é o que chega ali forte como um pilar e sem vacilar!”

Quando rabi Hiya entrou, perturbou-se ao ver que Eleazar e o resto dos justos permaneciam de pé em sua honra. Inclinou para baixo a cabeça, saudando-os, e se colocou aos pés do mestre. Então ele ouviu uma Voz que dizia: “Baixa teus olhos! Não levantes tua cabeça!” Ele obedeceu e se sentiu penetrado por uma vasta luz que parecia vir de muito longe. E a Voz disse outra vez:

“Olhai para o alto, todos vós que sois invisíveis, porém atravessastes o universo inteiro! Despertai, vós, seres de baixo, que estais submersos no sono! Invoco aqueles que, antes de vir aqui em cima, transformaram a escuridão em luz e o amargo em doce! Vinde, todos vós! Todos os que oraram para a luz se difundir quando o Rei visitasse os eleitos, pelos quais Ele seria glorificado e proclamado o Rei dos Reis! Vinde juntos todos vós, os que esperaram por esta Luz, os que oraram por ela e trabalharam por ela! Mas os que passaram por sua vida na terra sem pensar nesta Luz não terão parte nela.” E a Voz parou de falar.

Então o chefe dos anjos alados, Metatron, veio dar instruções a rabi Hiya. E contou-lhe que o Rei visita sua Amada todos os dias. Mas não a encontra, pois ela permaneceu em exílio na terra. Então o Rei chora e Suas lágrimas caem dentro do Oceano, e dão à luz um anjo, que dá vida a todas as coisas na Água. Esse anjo santifica o nome do Rei. Então ele absorve em si todas as Águas do Mar, como um símbolo do tempo em que todas as nações da terra se unirão contra o Povo Escolhido.

Então rabi Hiya viu o Messias entrar na escola de Shimon ben Yochai. E o Messias disse ao mestre: “És de fato favorecido no Céu, pois os mistérios que explicas sobem até o Trono mais Alto na forma de trezentas e setenta luzes. E cada luz está dividida em seiscentos e treze motivos, que são perpetuamente banhados em Rios de puro bálsamo. O Santíssimo visita apenas três

das escolas celestes: a de ben Yochai; a de Hezekia, rei da Judéia; e a de Ahias de Shiló.” Quando o Messias parou de falar, ben Yochai trouxe-lhe o voto feito pelo chefe dos anjos alados. De repente, o Messias percebeu rabi Hiya aos pés de ben Yochai e exclamou: “Quem introduziu neste mundo celeste um homem vestido com trajes terrestres?” Rabi Shimon explicou que Hiya era uma tocha da Torá, e o Messias deu-lhe permissão para entrar. Mas Hiya, sentindo que não estava ainda pronto para uma honra tão alta, pediu um prazo para se preparar. Ele lhe foi concedido e Hiya despediu-se do mestre, seus olhos cheios de lágrimas. Quando despertou de seu transe, exclamou: “Feliz, de verdade, é a sorte dos justos! E feliz é a sorte de Shimon ben Yochai, que mereceu tanta glória! É dele que se escreveu: ‘Eu ando pelos caminhos dos justos para enriquecer os que me amam e aumentar seu tesouro!’”<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Provérbios 8: 20-21.

LENDAS DO ZOHAR  
SOBRE SHIMON BEN YOCHAI

Um dia, rabi Shimon e alguns discípulos atravessavam um rio, quando um fardo de roupas, pertencente a rabi José, caiu na água, e este exclamou, com raiva: “Seria melhor para este rio não ter existido.” O mestre repreendeu-o, dizendo que tudo o que havia sido criado servia aos propósitos de Deus, e mesmo as coisas que pareciam inconvenientes ao homem tinham um papel no plano da criação. Ao virar uma curva da estrada, eles viram uma serpente avançando em sua direção. Os discípulos tiveram medo, mas o mestre disse: “Agora testemunharemos um milagre. Não temam!” Naquele momento, surgiu um dragão que atacou a serpente, e ambos lutaram ferozmente até caírem mortos. O mes-

tre chamou a atenção dos discípulos para o milagre que havia se realizado em benefício deles, pois, entre as duas bestas, seriam todos certamente destruídos.

\* \* \*

A caminho de Tibérias, rabi Shimon encontrou o profeta Elias e lhe perguntou o que Deus estava fazendo naquele momento. “Está revelando mistérios em teu nome”, respondeu o profeta, e prosseguiu: “Fui enviado à terra para te fazer uma pergunta. É uma pergunta que foi feita no céu, e Deus me enviou para te pedir a resposta: ‘Como não existe o ato de comer ou beber no mundo espiritual, por que o homem sacrifica comida e bebida em louvor a Deus e acredita que isso seja aceitável aos Seus olhos?’” E o mestre respondeu: “Quando minha amada sai do leito nupcial e quer comer, não se espera que eu me sente à mesa com ela? Assim o Rei, devido a Seu amor por Seu Povo Escolhido, aceita o sacrifício de comida e bebida.”

\* \* \*

Rabi Pinchas soube que rabi Shimon, que lhe era aparentado, possuía uma pérola de grande valor, que irradiava luz como a do sol; esta luz alcançava tudo, do céu à terra; e continuaria a derramar luz sobre o mundo, até o tempo em que o Ancião sentasse em Seu trono. Pinchas, desejando ver essa jóia preciosa, resolveu procurar seu parente. Não sabendo aonde ir, ele tomou um barco e perguntou às gaivotas onde estava Shimon ben Yochai. Depois de algum tempo, um dos pássaros voltou com uma mensagem, onde estavam escritas as seguintes palavras: “O filho de Yochai já deixou seu esconderijo, acompanhado de seu filho Eleazar.” Quando Pinchas encontrou ben Yochai, chorou de tristeza ao vê-lo coberto de feridas, definhado e doente. Mas o mestre o reconfortou, dizendo: “Fique feliz por me encontrar em tal estado, pois se não estivesse assim, eu não seria o que sou!” Então o mestre pediu ao filho para explicar a rabi Pinchas o mandamento do amor. E Eleazar disse: “Perfeito é o amor do homem por Deus. Ele se manifesta tanto na ventura quanto na aflição. Devemos amar a Deus, mesmo quando Ele nos tira a vida. Ao amar a Deus por Suas generosidades e ao amá-Lo por Suas punições, na união desses dois opostos, o amor perfeito será encontrado.” E Pinchas bradou: “Na mais pura verdade, foi o próprio Santíssimo que me trouxe aqui, dizendo que uma pessoa da minha família possuía uma pérola muito valiosa que iluminaria o mundo inteiro.”

\* \* \*

Uma vez, ao sair de casa, o mestre viu que o mundo havia escurecido, que suas luzes haviam voltado para o lugar de onde surgiram. Ele tentou, com o filho, buscar o motivo daquele fenômeno. De repente, apareceu-lhes um anjo na forma de uma grande rocha, cuja boca expeliu trinta labaredas de fogo. O mestre perguntou à rocha: “O que pretendes fazer?” E a rocha respondeu: “Essas trinta labaredas mostram que não há nem trinta pessoas de mérito nesta geração. Portanto, recebi a ordem de provocar a destruição do mundo.” Então o mestre ordenou à rocha: “Vá, coloca-te agora diante do Santíssimo e lembre-O de que o filho de Yochai está no mundo.” E o anjo foi, apresentou-se diante do Trono Supremo e disse: “Mestre dos mundos, Tu conheces a mensagem que ben Yochai enviou-Te! O que devo fazer?” E o Santíssimo disse: “Obedece a ordem que te foi dada. Destrói o mundo!”

Mas quando o anjo voltou para cumprir a ordem Divina, eis que Shimon ben Yochai parou à sua frente e disse: “Volta já, antes que te seja ordenado nunca mais retornar para cima, a não ser para te precipitares no abismo. Volta e apresenta isto, minha mensagem para o Santíssimo: ‘Eu, Shimon ben Yochai, pergunto ao Rei dos Mundos: Se não houver trinta homens justos no mundo, então rogo para que aceites vinte. Se não houver vinte, então aceites dez. E, se não houver dez, aceita dois — eu e meu filho, Eleazar, somos esses dois. E, se não houver dois, certamente há um. Eu. Sei que sou!’”

Assim que terminou de falar, uma Voz desceu do céu, dizendo: “Louvado seja Shimon, o filho de Yochai, já que foi capaz de transformar na terra o maligno decreto enviado dos céus!”

\* \* \*

Ben Yochai foi a Ludd e viu que a peste havia irrompido na cidade. As pessoas se aglomeraram a seu redor, beijando suas roupas e implorando lastimosamente por ajuda. Ele continuou andando e viu gente morrendo nas ruas, enquanto uma multidão vinha atrás dele, chorando e suplicando para que ele intercedesse em seu favor. E o mestre ergueu os olhos para o céu e gritou, com a voz cheia de dor: “Clamo ao céu para que testemunhe que eu, o filho de Yochai, estou aqui em Ludd, e ainda assim a cidade está sob o feitiço do mal.” E uma voz veio do céu, dizendo: “Retirai-vos da cidade de Ludd, anjos do Mal! Pois Shimon ben Yochai tem o poder de transformar os decretos do céu!” E o povo de Ludd maravilhou-se em alegria. E foi dito de ben Yochai que ele era como Moisés, e que nenhum outro podia comparar-se a ele em grandeza.

\* \* \*

Rabi Shimon estava sentado um dia nos portões de Ludd, quando notou que o brilho do sol nublou-se três vezes, nele aparecendo manchas pretas e verdes. O mestre pegou suas coisas e chamou o filho para acompanhá-lo. “O Santíssimo”, disse ele, “deseja avisar-me de que Ele enviou um novo decreto. Pois assim Deus informa os justos, Seus servos, trinta dias antes de o decreto entrar em vigor. Vamos então descobrir o que estes sinais pressagiam.” Eles andaram até chegar a um vinhedo, onde viram uma serpente retorcendo-se com fúria, enquanto expelia fogo pela boca aberta. Ben Yochai pôs a mão na cabeça da serpente e ela acalmou-se. Mas, como a serpente continuava a mexer a língua para dentro e para fora, ele apertou sua boca de modo a fechá-la, e disse: “Vai agora a Sammael, a fonte de todo o mal, e diz a ele que tu viste Shimon ben Yochai!” Ele pressionou a cabeça da serpente contra o chão, e acrescentou: “Ouve, agora, o que Shimon ben Yochai ordena: ‘Assim como uma serpente das regiões inferiores está agora desaparecendo na terra, que a serpente do alto se lance no Grande Abismo!’”

Quando a serpente havia desaparecido completamente, rabi Shimon levantou-se para fazer sua prece, e uma Voz fez-se ouvir: “Aqueles que cumprem decretos malignos, descerão agora ao abismo de onde emergiram. As tramas daqueles que praticam o mal não terão lugar no mundo enquanto Shimon ben Yochai estiver

nele. Louvado seja Shimon ben Yochai, cujas decisões são aceitáveis aos olhos do Rei Santíssimo! Que tem o poder de transformar o mal em bem!” Então o mestre levantou os olhos uma vez mais e eis que viu o brilho do sol recuperar sua perfeição original.

\* \* \*

Uma vez, rabi Shimon e seus discípulos encontraram uma criança que vinha de Ludd. A criança ouviu o mestre dizer: “Em breve, uma grande discórdia surgirá entre aqueles que governam a terra.” E a criança lhe respondeu dizendo: “Esse dia já começou. Muito sangue foi derramado.” Quando os discípulos encheram-se de espanto diante da criança, o mestre disse: “As crianças às vezes vêem mais claramente do que os profetas.” E a criança acrescentou: “Pois está escrito: ‘As crianças verão Deus!’”

\* \* \*

Rabi Isaac, que pertencia ao grupo de discípulos que o mestre chamava de os “Sete Olhos”, estava triste, pois soube que seu fim se aproximava. Ele disse ao amigo rabi Yehuda: “Vim pedir-te três favores: primeiro, quando mencionares algo que eu te ensinei, diz meu nome, para que isso possa tornar-se uma bênção. Segundo, debes ensinar a Torá ao meu filho. Terceiro, debes visitar meu túmulo na terra nos sete dias seguintes à minha morte e rezar pela minha alma. Sei que estou prestes a morrer, pois minha alma me deixa toda noite. E ontem, ao dizer as minhas preces, olhei de relance para a parede e vi que minha sombra não se encontrava mais lá!” O amigo respondeu: “Farei tudo o que me pediste, mas imploro para que escolha para mim um lugar ao teu lado no próximo mundo.”

Quando se juntaram ao mestre, ele notou que o Anjo da Morte precedia seu discípulo Isaac; então o pegou pela mão e gritou: “Somente aqueles que são dignos de entrar aqui devem vir; os outros devem ficar do lado de fora.” Os dois discípulos entraram, enquanto o Anjo da Morte permaneceu do lado de fora. Então o mestre perguntou amavelmente a Isaac se ele vira em sonhos o rosto de seu pai recentemente, ou de parentes ou amigos mortos, pois estes aparecem ao homem que está no limiar da morte, a fim de acompanhá-lo em sua jornada para o mundo do além. Mas o discípulo respondeu com tristeza que não os havia visto. Então o mestre levantou a voz em oração e disse: “Mestre do Mundo,

rogo a Ti para que deixes Isaac comigo. Ele é um dos nossos ‘Sete Olhos!’” E uma Voz respondeu: “A centelha do mestre, que é a alma de rabi Isaac, descansa sob as asas protetoras de Shimon ben Yochai, que trará essa alma consigo quando vier a ocupar seu próprio trono no céu.” Com essas palavras, viu-se o Anjo da Morte partir.

Então rabi Isaac adormeceu. E eis que seu pai apareceu-lhe em sonho e disse: “Meu filho, feliz é teu destino nesse mundo e no mundo do além! Um lugar te foi reservado em meio à folhagem da Árvore da Vida, que está no Jardim do Éden. E essa Árvore poderosa dos dois Mundos, Shimon ben Yochai, te sustenta com seus galhos.” E o outro disse: “Diz-me, pai, qual será minha sorte no mundo vindouro?” E o pai lhe contou: “Há três dias, estão preparando tua tenda no alto. A luz a penetra dos quatro cantos do Mundo. Neste exato momento doze almas justas, escolhidas entre teus pares, estão sendo mandadas para saudar-te.” E pai e filho regozijaram-se juntos. Então o pai lhe contou mais: “Ouvi uma Voz no Céu perguntando: ‘Quais são as almas que constituirão a coroa de Shimon ben Yochai?’ E vi que sua coroa será composta por setenta regiões; cada uma contendo setenta mundos; cada mundo governado por setenta reinos; cada reino levando aos postos avançados do Mistério Supremo, onde são encontrados os deleites supremos. Feliz é teu destino, meu filho, pois, no banquete da alma de Shimon ben Yochai, foste escolhido como um daqueles que deverão servir.”

E rabi Isaac acordou. E o mestre disse a ele: “Sei que ouviste boas notícias.” Então rabi Isaac contou-lhe seu sonho. Ele curvou-se diante do mestre e permaneceu com ele todos os dias da sua vida.

\* \* \*

O filho do mestre e outro discípulo chegaram e sentaram-se aos pés do mestre. De repente, a luz do dia dissipou-se e eles viram uma coluna de fogo cair no Lago de Tibérias com tal violência que a terra ao redor pareceu se incendiar. O jovem olhou inquisidoramente para o mestre, que disse: “Esta é a hora em que o Santíssimo se lembra de Seus filhos e de sua aflição, e duas lágrimas caem de seus olhos no mar. Mas, ao caírem, a aflição que elas contêm transforma as lágrimas em colunas de fogo.” Então os discípulos sentaram e choraram.

\* \* \*

Um dos discípulos teve uma visão e disse: “Escutai, há muito barulho em todos os céus, tanto no Mundo Superior quanto no Inferior.” E os anjos disseram: “A voz que vós ouvis é a palavra de Shimon ben Yochai. Todos se apressam para ouvi-lo. Quando ele começa a explicar

a Torá, todas as criações e todas as coisas que louvam a Deus param para escutá-lo. Então não se ouve nenhum som no Céu, a não ser a voz da Lâmpada Sagrada. Quando ele pára, todos os anjos correm para prostrar-se diante do Rei Sagrado, e a rica fragrância de perfumes enche todos os céus.”

\* \* \*

Shimon ben Yochai preparou um grande banquete e convidou os mestres da *Mishná*\*. A casa foi decorada com tapetes e cortinas e tinha uma aparência festiva. Os convidados sentaram-se em divãs baixos em semicírculo e o mestre acomodou-se de frente para eles. Seu rosto estava iluminado por grande alegria, e quando os convidados perguntaram o motivo de tal regozijo, ele lhes disse: “Sabei que, neste dia, uma alma sagrada especial foi enviada dos céus como presente para meu filho Eleazar. Eu a vi sendo carregada nas asas do Animal Sagrado; por essa razão minha alma se enche de imenso júbilo.”

Ele chamou o filho e o fez sentar-se ao seu lado, diante de todos os convidados. Então os convidados notaram que o rosto do jovem brilhou como que iluminado por alguma fonte interna de contentamento. E o pai lhe disse, na presença de todos ali reunidos: “Neste dia, foste escolhido para ser um santo.” E o jovem curvou a cabeça.

Enquanto o mestre falava, uma labareda desceu do céu e circundou a casa do banquete, isolando-a dos que estavam do lado de fora. Aqueles que chegaram atrasados foram obrigados a permanecer fora da casa. Rabi José, que chegou tarde, viu muitos eruditos impossibilitados de entrar. Ele perguntou o motivo e ouviu em resposta: “Quando fomos em direção à casa, eis que um fogo desceu do céu e a cercou. Vimos a Águia Sagrada descer em meio às chamas, levando uma coroa brilhante. Era a coroa dos santos enviada dos céus para Eleazar.” E foram obrigados a permanecer do lado de fora por algumas horas, até a labareda desaparecer.

Quando entraram na casa, rabi José disse: “Fomos testemunhas, no lado de fora, dos sinais vindos do Céu, e sabemos o que eles anunciavam. Agora, que a felicidade de Eleazar seja completa. Que este seja também o dia de seu casamento.” Ben Yochai perguntou a ele: “O que pretendes dizer com isso?” E ele respondeu: “Neste dia, darei minha filha como esposa para teu filho.” E ben Yochai logo disse: “O que disseste é verdadeiro, pois ela é a noiva destinada a meu filho.” Então o banquete de casamento começou. E, enquanto celebravam o casamento de Eleazar, o mestre começou a revelar a todos eles os mistérios da *Mishná*\*. E os convidados ficaram presos ao encanto das revelações do mestre por três dias e três noites.

\* \* \*

Yehuda, um dos discípulos, adormeceu sob uma árvore. Ele sonhou que viu o mestre elevar-se no ar, montado em quatro asas. Só o Pentateuco\* estava com ele, pois todos os Livros Sagrados foram para o Mundo Superior com ele, quando morreu. Quando o discípulo acordou, contou o sonho aos outros e disse: “Aquilo que acabei de testemunhar me convence de que, com a morte do nosso mestre, a sabedoria desapareceu do mundo, pois perdeu sua jóia preciosa, que servia de ligação entre os mundos superior e inferior. Shimon ben Yochai era o moinho que triturava o maná para a humanidade recolher todos os dias. Agora, tanto o moinho quanto o maná desapareceram!”

LENDAS DO ZOHAR  
SOBRE OS DISCÍPULOS

**A**s lendas que seguem, escolhidas ao acaso entre as muitas espalhadas por todo o *Zohar*, foram incluídas aqui com o objetivo de familiarizar o leitor com alguns discípulos do mestre — aqueles que, segundo o livro, estiveram mais próximos dele durante a vida, e que ajudaram a difundir seus ensinamentos depois de sua morte. Através dos olhos de seus discípulos, vemos o mestre em variações de uma mesma cor, como a luz refletida num cristal multifacetado. Na veneração e no louvor entusiástico dos discípulos, encontramos o reflexo do alto conceito que ben Yochai tinha de seu próprio mérito, em que os discípulos evidentemente acredita-

vam, com uma fé tão sincera e apaixonada quanto a que tinham em seus ensinamentos.

\* \* \*

No pequeno círculo de eleitos de que o mestre se cercava, a figura mais marcante era a de seu filho, Eleazar, a quem era profundamente ligado. Eleazar o acompanhou no exílio e permaneceu com ele durante os treze anos que passou na gruta, compartilhando todas as provas por que o pai passou, mas dividindo também o profundo conhecimento dos mistérios que o mestre adquiriu em seu isolamento. Ben Yochai freqüentemente associava o nome do filho com o seu próprio, como possuidor de raro mérito; segundo as lendas, ele era capaz de realizar milagres e seu grande mérito assegurou-lhe um lugar entre os justos que herdarão o mundo vindouro. Assim, as primeiras lendas referem-se ao filho do mestre.

Num dia quente de verão, Eleazar, acompanhado por alguns companheiros, sentava-se ao pé de uma árvore para descansar, quando uma serpente surgiu deslizando. Eleazar disse à serpente: “Volta para o lugar de onde vieste. O homem que te mandaram buscar não tri-lha mais o caminho do mal!” Mas a serpente recusou-se a ouvi-lo e seguiu em frente. Eleazar disse novamente: “Ouve, serpente, esse homem arrependeu-se, portanto não tens mais motivo para procurá-lo. Mas volta-te para

a direção oposta e procura um homem que fez um grande mal a outro!” Neste momento, a serpente empinou no ar, virando-se, e foi na direção indicada. Os discípulos, surpresos, perguntaram a Eleazar como sabia de tais coisas. E ele contou: “Por um sinal enviado a meu pai.” “Mas como sabias que o homem arrependeu-se do mal que fez?”, perguntaram em seguida. Eleazar respondeu: “Quando vi a serpente, notei que sua pele e sua cauda estavam eriçadas, como se ela estivesse pronta para atacar, e também vi um espírito movendo-se diante dela, tentando fazer com que ela voltasse. Mas uma serpente que obteve permissão de fazer o mal não será detida a não ser que lhe seja dada outra tarefa do mesmo tipo. No mesmo momento, vi que outro espírito descera do Céu para falar à serpente sobre outro homem que merecia a morte.” Mas, como os discípulos o olharam incrédulos, ele propôs: “Vinde comigo e verão por si mesmos.” Eles andaram até encontrar um corpo sobre o qual havia uma serpente enrolada. Perto dele havia uma bolsa de ouro, que o homem havia roubado. Ainda estavam perplexos com o que viam quando um judeu surgiu, parecendo cansado e aflito. Ele parou de repente, levantou as mãos aos céus e disse: “Senhor, Deus da Justiça, aceito Tua vontade. Sabes que, por mim, contento-me com muito pouco, mas meus pais são velhos e não tenho como mantê-los. Sabes que na bolsa está o dinheiro que um homem pobre guardou para casar a filha. O que direi a essa pobre gente agora?” E ele caiu num choro de desespero.

Então Eleazar aproximou-se dele e disse: “Fazes bem em ter fé na justiça de Deus. Um milagre foi feito em teu benefício.” Mostrou o corpo daquele que lhe havia feito mal e devolveu-lhe a bolsa. O homem atirou-se ao chão, beijou a barra da roupa de Eleazar, e disse: “Sei que Deus realizou este milagre, não por mim, que não o mereço, mas em benefício de rabi Eleazar, o justo!”

\* \* \*

Eleazar viu um senhor idoso acompanhado por um menino, tentando atravessar um rio profundo, e resolveu ajudá-los. “Senhor”, ele disse, “põe a criança em um dos meus ombros e apóia a mão no outro, assim atravessaremos com segurança.” O velho duvidou que uma pessoa com tanto estudo tivesse a força física para tal feito. Mas Eleazar disse: “Como podes duvidar da minha força? Não bebi o elixir destilado do estudo da Torá, que ajuda o homem a suportar as maiores provas? Eu poderia pegar-te em uma mão e a criança na outra e atirar-vos oitocentos metros adiante!” O senhor então permitiu que ele os ajudasse a atravessar o rio. Do outro lado, Eleazar perguntou sobre o menino, e ouviu em resposta: “Estou lhe ensinando a Torá!” Eleazar então prometeu a eles: “Meu poder é grande neste e no mundo vindouro. Prometo usá-lo em teu benefício. Não permitirei que o Guardião do Inferno te toque, porque estás usando teu

tempo para ensinar a Torá. Entrarás no outro mundo como um homem de mérito.” E o velho senhor disse: “Tuas palavras são realmente grandes no outro mundo — grandes e poderosas como as palavras dos anjos que servem o Senhor!” Quando Eleazar olhou para ele com surpresa, eis que o homem desapareceu de sua vista, e ele soube que estivera falando com Elias.

\* \* \*

Rabi Eleazar e rabi Abba estavam viajando acompanhados por um carregador que levava as bagagens. De repente, o carregador disse: “Temos uma longa jornada à nossa frente, não vamos desperdiçá-la, vamos falar sobre a Torá”. O mestre o abraçou e disse: “Teu lugar não é atrás de nós, é à nossa frente.” Contudo, o carregador insistiu em ficar um pouco atrás deles, dizendo: “Vamos iluminar o caminho falando dos mistérios do universo.” Eles pediram: “Diz quem és e onde vives.” Ele respondeu: “Minha habitação é uma torre que voa no ar, forte e imponente. Nela vive o Santíssimo e um homem pobre. Meu pai vive no grande mar. Ele é grande e ancião de dias. Engole todos os peixes do mar, e então devolve-os para uma nova vida, cheios de todas as coisas que desejam. Ele é tão poderoso que pode cobrir o mar do começo ao fim em um instante. Ele me tirou de lá, assim como um herói dispara uma flecha, e escondeu-

me por muito tempo no lugar de que vos falei. Então ele voltou para casa e escondeu-se no mar.”

Os dois discípulos, surpresos com tudo o que ouviram, prostraram-se diante dele, que desapareceu de suas vistas. Entristeceram-se por não conseguirem fazer com que ele ficasse mais tempo, e rabi Abba disse: “É como se tivéssemos ouvido: ‘a cada vez que dois viajam juntos e falam da Torá, são beneficiados com a companhia de um santo do outro mundo.’”

Eles continuaram seu caminho e chegaram a uma montanha logo antes do pôr-do-sol. Ouviram as árvores ao pé da montanha cantando hinos para Deus, e os viram sendo levados nas asas da brisa leve da noite. Então ouviram uma voz do Céu, dizendo: “Filhos de Deus, que desceste para viver entre os mortais na terra, luzes da escola do Céu, reuni-vos agora no lugar costumeiro para ouvir as palavras do mestre, enquanto ele explica os mistérios.” Os viajantes foram tomados pelo medo e permaneceram como que petrificados. Novamente ouviram a voz, que dizia: “Ouvi-me, rochas postas em Altas Paragens, o mestre tomou Seu lugar nas cores brilhantes da tapeçaria celestial, é hora de ascender aos céus e reunir-vos.” Então os discípulos prostraram-se com medo e deixaram a montanha com grande pressa.

Grande foi a alegria, chegando ao seu destino, de encontrarem Shimon ben Yochai, que disse a eles: “Tenho certeza de que em vossa jornada testemunhastes milagres. Pois enquanto viajastes, eu dormi e tive um

sonho. Vi que Benaisa, filho de Joiada, foi enviado para vos acompanhar e para coroar a ambos. E, mesmo se não tivesse tido esse sonho, eu saberia o que vos aconteceu pela mudança em vossos rostos.” Então Eleazar pôs a cabeça nos joelhos de seu pai e contou-lhe tudo o que haviam visto e ouvido. Rabi Shimon baixou o rosto ao chão e chorou dizendo: “Fostes de fato favorecidos pelo mais alto, já que vos foi permitido ver a tocha do aprendizado divino, Rab Hamanouna, em pessoa! Nem eu fui julgado merecedor de tal benefício!” De repente, Shimon ben Yochai teve uma visão, em que viu o velho Rab Hamanouna. Ele estava correndo e deslocando montanhas, a caminho do Messias. E o velho lhe disse: “Mestre, neste mundo ficarás ao lado dos grandes mestres da Torá, sentado na Presença do Santíssimo!” E ben Yochai acordou de seu transe, e chamou seu filho de Peniel, assim como Jacó chamou um lugar de Peniel, onde ele viu Deus face a face.

\* \* \*

Primeiro, Eleazar foi enterrado em Gush Halav, longe da sepultura de seu pai. Mas Shimon ben Yochai apareceu em sonho ao povo de Meron e disse a eles: “Eu tenho um olho direito, e vós me separastes dele. Deveis devolvê-lo a mim!” Então o povo de Meron foi buscar o corpo de seu filho para colocá-lo junto a ele, mas o povo

de Gush Halav, sentindo que seria privado de seu maior tesouro, recusou-se a entregá-lo. O povo de Meron, desejoso de cumprir a ordem do mestre, esperou até que seus vizinhos estivessem ocupados com a celebração de uma festa para pegar o corpo do filho e então fizeram um túmulo para ele junto ao do pai.

\* \* \*

O *Zohar* nos diz: “Aquele que se preocupa com divertimentos neste mundo e não se entrega ao estudo da Torá e a boas ações, a ele são entregues as riquezas deste mundo pelas Forças da Esquerda. Com essa riqueza, ele faz más ações, e herda o Vale de Gehinnom. Mas aquele que cumpre os preceitos da Torá em pobreza, irá, no final, concluir sua vida com a riqueza que vem das Forças da Direita, ou do Lado Sagrado.”

Quando rabi Abba chegou da Babilônia, ele disse: “Aquele que deseja riquezas e aquele que deseja a vida eterna devem se concentrar nos Ensinamentos Divinos.” E muitos vieram a ele para aprender. Um deles disse: “Mestre, eu gostaria de me concentrar nos Ensinamentos Divinos, para tornar-me rico.” Rabi Abba o admitiu em sua escola e ele começou a estudar. Depois de algum tempo, perguntou: “Mestre, onde estão as riquezas que me prometeste?” Rabi Abba respondeu com aspereza: “Isso significa que não te estás esforçando, que não estás

trabalhando por Deus, mas por ti mesmo!” Neste momento, rabi Abba ouviu uma voz do Céu advertindo-o para não se irritar com este homem, que estava prestes a conquistar grandes coisas. O mestre então disse a ele, mais gentilmente: “Continua os teus estudos ainda mais um pouco, meu filho, e certamente receberás riquezas.”

Um dia, um homem rico procurou o mestre, levando um vaso de ouro puro. Quando ele o descobriu, seu brilho era tão grande que iluminou toda a casa. O homem rico deu o vaso ao mestre, dizendo: “Eu rogo, mestre, ajuda-me. Não tenho capacidade para participar do Estudo Divino, mas, se encontrar um homem que deseje fazê-lo em meu lugar, eu te darei alegremente este vaso de ouro e muito mais da riqueza que herdei de meu pai, mas que não pode me trazer felicidade. Quero trocar um pouco da minha riqueza pelo mérito que vem da compreensão da Torá.” Então o mestre chamou o homem que queria enriquecer, e lhe contou sobre a oferta do homem rico, que ele alegremente aceitou. Ele continuou a esforçar-se no estudo da Palavra Divina, até que seu brilho penetrou-lhe a alma. O amor derramou-se por todo o seu ser. Mas um dia o mestre encontrou-o chorando, e perguntou o motivo da sua tristeza. “Que tristeza”, disse ele, “troquei todas as chances de felicidade no futuro por ouro. Agora, todo o meu ser se enche do desejo de manter comigo essa alegria espiritual.” O mestre alegrou-se ao ouvir isso, e disse: “Agora tenho certeza de que trabalhas em benefício de Deus! Não cho-

res, pois terás o que teu coração deseja.” Ele chamou o homem rico e disse a ele: “Pega teu ouro e dá aos pobres e aos órfãos, e eu te darei uma grande parte do mérito que reside no aprendizado da Palavra Divina.” E devolveu-lhe o vaso de ouro.

\* \* \*

Rabi Abba procurou rabi José, que se levantou para saudá-lo com as palavras: “Sê bem-vindo, Homem da Doutrina.” E estudaram juntos a Torá até o meio da noite. Abba caiu no sono, e seu companheiro o viu sorrindo enquanto dormia. Ao mesmo tempo, viu uma luz espalhar-se pelo quarto, que ele sabia que deveria ser a *Shechiná*. Baixou os olhos e não ousou levá-los até a chegada do amanhecer. Quando a luz celestial desapareceu, Abba abriu os olhos radiantes de alegria, como se tivesse tido uma visão gloriosa. Seu companheiro pegou-lhe as mãos e Abba disse: “Sei o que queres me perguntar, e eu direi o que desejas saber. No momento em que o Homem do Nariz (Anjo do Sono) me apareceu, ele tomou minha alma nas palmas das mãos e a levou para as regiões superiores. E eu vi as almas dos justos elevando-se cada vez mais alto. E o anjo que levava a minha alma disse a eles: ‘É graças a vosso mérito que eu fui talhado na Forma Santa do Nome Sagrado e tenho por tarefa trazer as almas justas ao Santo dos Santos.’”

Então o anjo apontou para uma imensa torre, e minha alma encheu-se de uma alegria inexprimível, pois vi que sou feito de minhas doutrinas acumuladas, umas sobre as outras, como a Torre de David. E a luz que viste no quarto era o reflexo da alegria das almas que acompanharam a minha em sua peregrinação celestial.”

\* \* \*

Um dos discípulos teve uma visão, que relatou aos companheiros: “Eu vi o profeta Elias descer em um halo de fogo. Ele parou para saudar minha alma com as palavras: ‘Vem comigo à cidade de Jerusalém, pois lá vou para adverti-los que todas as cidades dos eruditos serão destruídas. Mas seus habitantes devem saber que podem evitar o decreto maligno se se voltarem para o estudo da Torá, que foi negligenciado. E, enquanto o estudo da Torá continuar em Jerusalém, ela continuará a existir. Pois a Torá é a Árvore da Vida para todos os que vivem!’”

\* \* \*

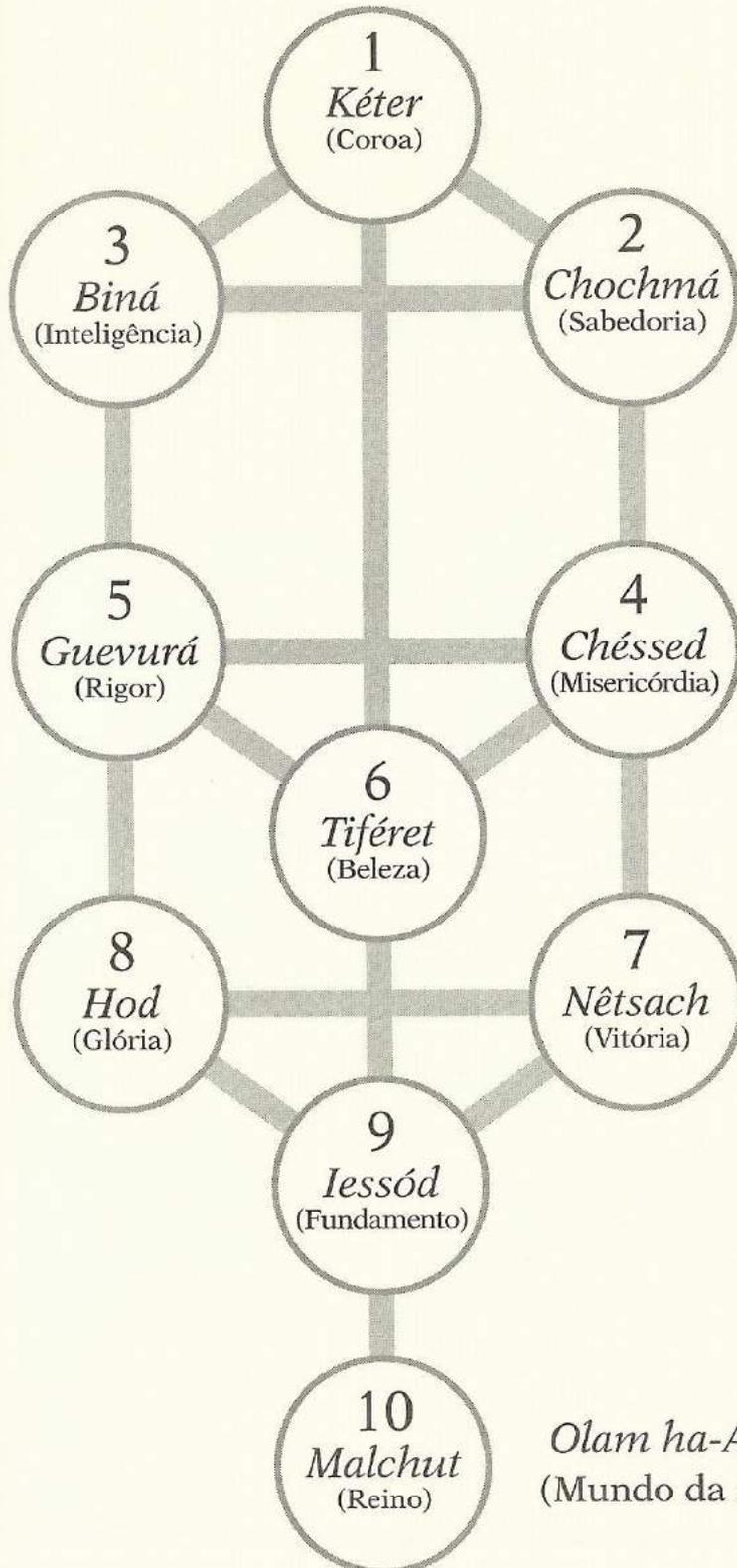
Rabi Yosse e outro discípulo chegaram a certo local, e o primeiro parou e disse: “Vê, meu pai me trouxe a este lugar uma vez, quando menino, e disse: ‘Quando tiveres quarenta anos, encontrarás neste local o Tesouro da Sabedoria Suprema, pois acabei de receber um sinal de dois pássaros que voaram sobre tua cabeça!’ Mas já cheguei à idade de quarenta anos e ainda não encontrei o tesouro.” Descontente consigo mesmo, ele vagou pelo lugar até chegar a uma gruta, que começou a explorar. Encontrou um livro escondido entre as pedras. Levando-o para fora, para a luz, descobriu que ele tinha impressas as setenta e duas letras do Santo Nome. Esse segredo, ele sabia, havia sido confiado a Adão e Ihe abriu as portas da Sabedoria Suprema do Mundo Superior.

Imensamente estimulados por esta descoberta, os dois amigos sentaram-se e começaram a estudar o livro. Mas logo uma língua de fogo, acompanhada por um vento violento, irrompeu pelo espaço, arrancou o livro de suas mãos e levou-o embora. Ficaram extremamente perturbados e um deles observou: “Não merecemos saber aquilo que o livro contém! Somos talvez culpados do pecado de tirá-lo de seu esconderijo.” E decidiram consultar o mestre sobre o assunto. Quando contaram a aventura a Shimon ben Yochai, ele disse: “As letras contidas no livro encerram o segredo da chegada do Messias. Está claro que o Santíssimo não quer que este segredo seja divulgado ainda, mas quando o período Messiânico

se aproximar, até as criancinhas saberão que ele estará chegando. A humanidade ainda não está preparada para esse conhecimento.” Ele então tentou consolá-los, mas os discípulos disseram com tristeza: “Que pena, nós já esquecemos até aquilo que pudemos ler no livro!”

# ÁRVORE DA VIDA

*Ein Sof*  
(Infinito ou Ilimitado)



*Olam ha-Atsilut*  
(Mundo da Emanação)

*Olam ha-Beriá*  
(Mundo da Criação)

*Olam ha-Ietsirá*  
(Mundo da Formação)

*Olam ha-Assiá*  
(Mundo da Ação)

## APÊNDICES

### O RETRATO DO MESTRE SHIMON BEN YOCHAI

ARIEL BENSION

### CENTROS DE MISTICISMO SEFARDI APÓS A SAÍDA DA ESPANHA

ARIEL BENSION

\* O RETRATO DO MESTRE \*  
SHIMON BEN YOCHAI

ARIEL BENSION

Através das páginas do *Livro do Esplendor*, espreita a figura heróica do mestre, Shimon ben Yochai: predicando amor; exortando o homem a renunciar ao mal; trazendo outros mundos misteriosos para o alcance dos que estão na terra; levando o homem a Deus, e Deus ao homem; dando ao homem um senso de responsabilidade, de poder; provendo a raça humana com todas as forças do universo; elevando o nível da vida e aprofundando as fontes da fé; curando os doentes; combatendo as forças do mal; realizando milagres; revelando a um pequeno grupo de escolhidos coisas que nunca haviam sido reveladas, nem no céu, nem na terra; buscando a união do homem com a *fonte de sua origem*. Tal é a fi-

gura do herói do *Zohar*, personalidade com a qual as massas estabeleceram um contato mais íntimo e humano do que com qualquer outra grande figura da história religiosa judaica.

São muitas as lendas tecidas em torno do grande nome de Shimon ben Yochai. A ele se atribui poder sobre as montanhas e os vales. Dele se fala como de uma árvore cujos ramos tocam os dois mundos. O *Talmud* nos diz que a realização de milagres era para ele procedimento corrente, e por essa razão foi escolhido como emissário perante o imperador romano, para pedir a abolição da lei perversa, então em vigor, que decretava a conversão dos judeus ao paganismo. Uma de suas características — traço raro nos grandes mestres do *Talmud* — é que falava muito do valor de sua própria personalidade, e freqüentemente referia-se a si mesmo como homem de grande mérito. Ben Yochai disse, por exemplo: “Devido ao meu mérito, sou capaz de salvar do Dia do Julgamento o mundo que existiu do dia do meu nascimento ao dia da minha morte. Se o mérito do meu filho Eleazar somar-se ao meu, poderíamos salvar o mundo desde a própria criação da humanidade até o dia de hoje. E se o mérito de Jotham, Rei da Judéia, juntar-se ao nosso, nós três poderíamos salvar toda a humanidade, da criação ao fim do mundo.”

E disse ainda: “As almas nobres são poucas em número. Se houver mil, então eu e meu filho devemos ser contados como duas delas. Se houver cem, somos

dois desta centena. Mas se houver duas, então seremos essas duas!”

Aconselha seus discípulos a imitarem suas qualidades, que alardeia serem maiores do que as de seu próprio mestre, o grande rabi Akiva.

Shimon ben Yochai tem a grandeza da simplicidade. Seus discursos são construídos com uma linguagem simples, e prefere pronunciá-los ao ar livre: em um campo, à sombra de uma árvore, à porta de sua casa ou à beira de um riacho. Nós o vemos sentado, no centro de um grupo de discípulos com mãos estendidas, a tocarem-se, sentados em êxtase durante horas e dias a fio, escutando suas revelações sobre os mistérios eternos. Seus discípulos o tinham em tão alta estima que o vemos — através de seus olhos — atingindo os picos da perfeição mística. Eles o comparam a Moisés, que também viu Deus face a face. Mas ben Yochai nos dá a sensação de que, apesar de suas experiências visionárias terem sido similares às de Moisés, sua compreensão daquilo que viu é maior. Ele diz que, quando se reúne em assembléia com seus discípulos, o profeta místico Elias e todos os habitantes das moradas celestiais — os anjos, os espíritos, as almas dos grandes mestres, tanto os conhecidos quanto os desconhecidos — descem para ouvi-lo; e escutam com veneração, com curiosidade, com entusiasmo extático tudo o que ele revela. Quando o mestre entra no estado de beatitude, seus discípulos o vêem em exaltação e magnificência tais que as pala-

vas não podem exprimir; ouvem o farfalhar das asas das hostes celestes que desceram para ouvir mistérios que eram desconhecidos até para elas. Ouvem o mestre tomar por testemunhas todos os céus e toda a terra. Ele lhes conta tudo o que está vendo — coisas que nenhum olho mortal foi capaz de ver desde que Moisés subiu ao Monte Sinai —, coisas que o próprio Grande Líder não pôde ver. Sua percepção é mais aguçada do que a de Moisés, pois ele tem consciência da iluminação que sua face demonstra naquele momento.

Um de seus discípulos disse dele: “Sabedoria foi dada a Salomão. Mas Salomão era sábio o bastante para saber que, apesar da perfeição de sua geração, não era a geração que testemunharia a revelação de grandes mistérios, porque essa honra estava reservada para a geração do grande mestre, Shimon ben Yochai.”

E outro disse dele: “Um dia, quando eu acompanhava o mestre, ele começou a me ensinar mistérios. Vi uma coluna de fogo descendo do céu à terra, com um brilho estonteante. Só pelo mérito de nosso mestre é que temos permissão de ver a realização de milagres.”

Shimon ben Yochai levou uma vida estranha. Para fugir das perseguições dos romanos, ele e o filho viveram por treze anos em uma caverna, com seus corpos nus enterrados na areia até o pescoço. Lá, meditaram sobre a Lei, contemplaram os grandes mistérios e prepararam sua mensagem divina à humanidade.

Isso era nos tempos turbulentos do século II. Ben Yochai havia presenciado a morte cruel que seu amado

mestre Akiva sofrera nas mãos dos romanos. Viu as desgraças a que os dominadores submetiam seu povo e seu coração se encheu de revolta e amargura contra Roma. Um dia, durante a visita de rabi Yehuda, rabi José e um certo Judá ben Gerim, a conversa versou sobre a obra dos romanos, da qual rabi Yehuda era admirador. “Veja todas as vantagens que eles trouxeram ao país”, dizia, “como estradas, banhos, pontes, fontes, belas esculturas e fina arquitetura”. Os outros escutaram em silêncio, mas ben Yochai falou desdenhosamente sobre as realizações dos romanos, mostrando que por trás dessas conquistas não havia nada mais do que egoísmo e materialismo. “Tudo o que os romanos estão fazendo”, replicou, “é para seu próprio benefício. Eles querem alamedas largas para exhibir suas mulheres brancas. Os banhos são para seu próprio prazer sensual; as pontes, um pretexto para impor tributos”.

Judá ben Gerim repetiu esta conversa, que chegou aos ouvidos do governador romano; este, então, tomou medidas contra os ofensores. Rabi Yehuda, que havia falado bem dos romanos, recebeu honras. Rabi José, que havia permanecido calado, foi desterrado para Saporí; e ben Yochai foi sentenciado à morte. Ele e o filho esconderam-se em um lugar secreto do *Beit Hamidrash*\*, aonde sua esposa levava alimento diariamente. Mas, temendo que ela fosse forçada, por meio de tortura, a revelar o lugar onde se ocultavam, fugiram para o deserto de Ludd, onde se esconderam em uma gruta. Imediata-

mente, relata a lenda, brotou um manancial de água e uma alfarrobeira em frente ao lugar em que se escondiam, alimentando-os durante todo o exílio voluntário, que durou treze anos. A fim de economizar roupas, passavam todo o dia ao ar livre, enterrados na areia até o pescoço, vestindo-se só nas horas de oração. Durante todo este tempo, foram instruídos nos mistérios da Torá pelo profeta Elias, que lhes aparecia duas vezes por dia. Ao cabo de doze anos, o profeta anunciou-lhes a liberdade dizendo: “Levanta-te, ben Yochai! Tu e teu filho podeis agora abandonar vossa prisão. O César que mandou matá-los faleceu. Já não correis perigo algum.”

Eles abandonaram então o lugar onde haviam permanecido por tantos anos e partiram. No caminho, surpreenderam-se ao ver que as pessoas estavam inteiramente preocupadas com suas próprias necessidades mundanas, e não prestavam atenção a questões mais altas, descuidando tanto do estudo da Torá como de trabalhar para Deus. Em imensa cólera, o mestre exclamou: “Oh, povo perverso, que se ocupa somente das coisas temporais e nunca pensa nas coisas eternas!” E seu olhar lançava tal chama de fúria que todas as coisas em que se fixou encolheram. E uma Voz veio do céu, dizendo: “É para isso que necessitais de liberdade? Para destruir Meu mundo? Seria melhor para vós se voltásseis à gruta!” E ben Yochai e seu filho voltaram para a gruta e meditaram sobre a mudança no estado da humanidade durante outros doze meses. Ao final do ano,

uma Voz os convidou a abandonar o esconderijo e eles saíram da gruta e se misturaram outra vez ao mundo dos homens. E quando Eleazar falou severamente contra os homens e suas fraquezas, buscando feri-los com frases amargas, o pai curou a ferida com seu amor. E o mestre disse a seu filho: “Deixa que o mundo dos homens siga seu próprio curso. Basta que nós dois nos ocupemos das coisas eternas.”

Ben Yochai encontrava desculpas para aqueles que pecavam propondo a seguinte parábola: “Certo rei deu a um camponês um pedaço de terra para plantar. O preço que pediu foi dez hectares de trigo por ano. O camponês trabalhou muito, irrigou a terra, deu-lhe todo o cuidado e atenção que podia, mas não conseguiu produzir mais do que um hectare de trigo. Quando o rei mandou cobrar seu trigo, o camponês foi obrigado a explicar a dificuldade que teve para colher até mesmo um hectare, e pediu para ser perdoado por sua incapacidade de produzir os dez hectares combinados. O rei, movido pela compaixão, perdoou. Assim também o homem é trazido ao mundo cheio de dificuldades. O instinto mau o segue durante toda a vida. O solo é pobre e é-lhe impossível produzir a safra que se espera dele. Contudo Deus, o Rei, deve levar tudo em consideração. Deve perdoar as faltas do homem e aceitar mesmo uma colheita fraca, desde que o trabalho tenha sido feito honesta e sinceramente.”

Conta-se que, quando ben Yochai estava absorto em suas meditações, sua alma se entregava tão com-

pletamente ao sentimento da inspiração divina que se esquecia de suas próprias dores físicas e era insensível ao sofrimento corporal. Ficava então inteiramente embargado pelas harmonias divinas, como alguém que, depois de beber vinho antigo, torna-se insensível a tudo o que o cerca, enquanto se deleita em seus próprios prazeres. Quando ben Yochai se elevava para encontrar a Luz superior, seu próprio ser físico dissolvia-se. Ouvia o que não tinha som; via o que não tinha forma. Em momentos fora do tempo, vivia eras e muitas vidas de experiência.

Enquanto o mestre ainda estava escondido, durante os primeiros dias na gruta, sentiu o desejo de sair. Viu passarinhos que podiam voar para longe e fugir daqueles que haviam posto armadilhas para capturá-los, e uma grande luz de esperança acendeu-se em seu coração. “Se estes frágeis passarinhos não são capturados, porque Deus não o quis”, disse ele, “por que deveriam os homens temer?”

\* CENTROS DE MISTICISMO SEFARDI \*  
APÓS A SAÍDA DA ESPANHA<sup>42</sup>

ARIEL BENSION

Vimos que o *Zohar* influenciou a existência judaica a tal ponto que se tornou a terceira fonte de inspiração<sup>43</sup> a afetar-lhe a vida, a literatura e a religião — uma fonte de deleite em ocasiões de alegria; um refúgio em tempos de dificuldades; um farol de esperança nos dias de desespero; um consolo para os dias de lamentação. Foi tal sua influência na vida do povo que, de um modo geral, chegou a ser comparada à da própria Bíblia.

Assim como as várias interpretações dos ensinamentos da Bíblia levaram ao aparecimento de diferentes

<sup>42</sup> Tradução da parte inicial do capítulo. (N. do E.)

<sup>43</sup> As outras duas sendo a Bíblia e o *Talmud*. (N. do E.)

seitas no judaísmo — como os samaritanos\* e os caraítas\* —, também o *Zohar* deu origem a diferentes vertentes: a seita *ma'aminim*, de judeus convertidos ao islamismo, que ainda conservavam o *Zohar*, e a seita dos franquistas, convertidos ao cristianismo, que também mantiveram o *Zohar*. Em alguns casos, o *Zohar* parece até ter superado os dois outros grandes livros na imaginação popular. Ele preenchia tão completamente a vida judaica que a tradição zohárica permaneceu intacta, apesar das vicissitudes que levaram o povo a perambular pelo mundo. Seus ensinamentos deram origem a grandes centros sefardim de mística, enquanto os grandes grupos chassídicos, entre os asquenazim, mostraram como esses ensinamentos penetraram efetivamente em todas as correntes da Diáspora\*.

Os exilados sefardim — separados repentinamente da terra em que seu desenvolvimento chegou a um florescer tão perfeito — continuaram a prezar o livro que expressava a rica fantasia de sua natureza, procurando refúgio, durante esse período de absoluto desespero, nesta criação dos dias de alegria: o livro cheio do cálido sol do pulsar da vida — produto do gênio criativo que floresce melhor ao sol da liberdade. E, assim como os exilados da Judéia tinham a Bíblia como o tesouro de todas as riquezas que foram suas na Terra Santa, também os exilados da Espanha fizeram do *Zohar* seu capital para os dias sombrios que tinham pela frente. Assim como a Bíblia e o *Talmud* ajudaram os exilados a resis-

tir às forças destrutivas que ameaçavam os judeus por todos os lados, também o *Zohar* impediu que os grupos sefaraditas caíssem no poço do desespero, nos diferentes países onde foram obrigados a se integrar. O mesmo amor e devoção que sucessivas gerações de judeus lhes devotaram [à Bíblia e ao *Talmud*], examinando cuidadosamente seus preceitos e os integrando ao lar e à vida, os exilados da Espanha devotaram ao *Zohar* e buscaram criar para ele um papel construtivo em sua nova existência. Conseguiram a tal ponto entranhá-lo em seu modo de vida que logo se tornou difícil encontrar a linha que separa o judaísmo e seu espírito místico. A vida e todas as ações da vida assumiram a cor e o cunho dessa interpretação mística, que impregnou tanto os intelectuais quanto as massas.

Foi através desse livro que eles aprenderam a conhecer o significado mais profundo do amor; a entender a mensagem oculta implícita em todos os problemas da vida; a suportar a dor e não se deixar amargar por ela; a ver todos os problemas deste mundo como transitórios, e, portanto, não se deixar afetar profundamente por eles. Israel não deve permitir que coisas temporais se interponham em seu caminho, quando toda a eternidade está à sua disposição, para ser contemplada. Aqui temos a chave da força extraordinária que sustenta o povo judeu! Aqui, de fato, está um povo que aprendeu a suportar o sofrimento e a não se entregar a pensamentos vãos de vingança; que não tem lugar para o ódio na

estrutura da vida; que não envenena a alma com pensamentos malignos. Assim sua força de vontade se fortalece de geração a geração, aprendendo a considerar esta vida terrena como um mero passo no esquema universal de que Israel aprendeu a se sentir uma parte tão vital!

Portanto, devemos ao *Zohar* uma certa gratidão, pois o exílio, dando fim a um período glorioso de grande produtividade da mente e do espírito — desviando o povo repentinamente do curso pacífico de sua existência estabelecida para a dura realidade de uma vida não estabelecida —, ainda assim não conseguiu quebrar o espírito dos judeus. Na verdade, um espírito de fatalismo tomou conta deles. Aceitaram todos os problemas e toda a dor com resignação. E quanto maiores os problemas que a vida lhes trazia, maior era o seu desejo de entregar-se à alternativa que o *Zohar* lhes oferecia e deixar que o bálsamo suave de sua atmosfera de esperança e de promessa se derramasse em suas almas torturadas.

Os exilados foram da Península [Ibérica] para todos os países que a eles estavam abertos: Marrocos, Palestina, América, Egito, Índia, Turquia, e mais tarde Itália, Inglaterra, Holanda e Polônia. A cada país eles levaram os dons desenvolvidos nos séculos de existência produtiva e o seu tesouro — o *Zohar*. Cada interlúdio de paz era preenchido com o desenvolvimento de seus talentos, que de modo geral eram espirituais, humanísticos, judaicos. E cada país deu a eles oportunidades para progredir tanto na medida de suas próprias necessidades quanto nas possibilidades culturais que podia ofere-

cer. E os exilados da Espanha, em especial, continuaram a ampliar e aprofundar o tesouro espiritual do *Zohar* e da *Cabalá*.

## O CENTRO EM SAFED

Em Salônica e em Esmirna<sup>44</sup>, onde os exilados se estabeleceram em maior número, a tradição mística floresceu e deu origem ao movimento messiânico, cuja expressão infeliz foi Shabetai Tsvi. Mas ele cresceu mais particularmente na Palestina. Safed\* foi o primeiro lugar onde os místicos mais importantes se reuniram. Ali o primeiro Messias, ben Josef [filho de José], estava destinado, segundo a tradição mística, a fazer sua aparição. E para lá foram homens santos, embebidos na *Cabalá* e na tradição mística, tentando viver de acordo com os ensinamentos do *Zohar* e preparar deste modo a perfeição de Israel e do mundo — um estado que deve preceder a chegada do Messias. Homens santos inspirados por um entusiasmo místico, como Molcho, Cordovero, Caro, Vital Calabressa, assim como seu pai, Josef, e seu professor Luria ou Ha-Ari — estes são só alguns exemplos dos nomes ilustres no mundo da mística judaica ligados ao estabelecimento do centro em Safed.

<sup>44</sup> Cidades gregas que chegaram a ter quase a metade de sua população composta de judeus sefardim. (N. do E.)

De Safed partia a palavra de ordem para outros centros judaicos na Palestina: Tiberíades, Hebron e Jerusalém, e também para os grandes centros da vida judaica na Diáspora: sefardim, asquenazim e italianos (estes últimos sendo também reconhecidos como sefardim). Ali, no país natal dos antigos, a *Cabalá*, de volta da Espanha, tornou-se mais brilhante, mais rica, mais certa de sua mensagem para Israel e para a humanidade, mais definitiva na esperança messiânica, mais forte na promessa de consolo para os sofrimentos do presente e em sua promessa de um futuro iluminado e elevado.

Até a época do exílio, a *Cabalá* era especialmente o quinhão dos judeus espanhóis. Então, depois de saírem da Espanha, passou a pertencer ao povo judeu em geral. Foi absorvida avidamente pelos centros judaicos da Palestina — aquela Palestina para onde uma parte do povo judeu, impelido pela fé messiânica, estava sempre retornando; aquela Palestina a que o *Zohar* se refere como a terra sobre a qual as almas dos eleitos de Israel flutuam; as almas dos profetas, dos videntes, dos sábios, dos cantores. Para os pequenos grupos que buscavam acelerar o destino judaico, os novos exilados trouxeram uma nova força e uma dádiva especial.

Assim Safed, que era um grupo pequeno e insignificante antes da chegada dos mensageiros do ensinamento do *Zohar*, começou então a crescer e expandir-se com uma rapidez prodigiosa. Ali foi criado o primeiro centro místico da Palestina. Pois Safed, além de seu ar fresco

e saudável, tinha um atrativo especial para os místicos. Era muito perto de Meron, cidade onde nasceu e onde estava enterrado o herói do *Zohar*, Shimon ben Yochai. E Safed tornou-se o centro da mística judaica. Tornou-se a cidade lendária de presságios e maravilhas. Safed, dizem, tem um tipo especial de ar que ajuda o homem a compreender os mistérios secretos com maior facilidade do que em qualquer outro lugar. E também dizem que todas as almas dos justos mortos devem passar por Safed a caminho de Hebron\* e da Gruta de Macpelá\*, que é o primeiro portal para o Paraíso-na-terra.

Deste modo aconteceu que os sábios e os grandes, entre os sefardim, viajaram para Safed na Galiléia, a cidade dos homens justos, e lá se estabeleceram. Ali emergiu um centro elevado em cultura e em valores morais, onde nasceram obras que enriqueceram o tesouro espiritual da humanidade, não só com ensinamentos místicos ocultos mas também com verdades reveladas às quais os homens aderiram. Safed foi também o local de nascimento de uma nova poesia mística, praticamente a primeira em seu gênero desde a espanhola, e a última até o momento. Ali também foi sonhada a criação de uma instituição como a dos antigos *Sanhedrin*\*.

Desse centro nasceu o espírito da nova *Cabalá*. Dessa atmosfera espiritual elevada surgiram duas profetizas, grandes em sabedoria e em espírito profético. A maior delas, chamada Francisca, declarava que foi ensinada e inspirada por um mentor. De Safed veio o

prodigioso Messias, Josef de la Reina<sup>45</sup>. Então a *Cabalá* espalhou-se para o grande mundo judaico externo. Primeiro foi para a Itália, e dali para certos países orientais que tinham relações comerciais com ela; depois para o resto [do povo] de Israel na Polônia, Alemanha, e outros grandes centros da Europa. O grande interesse desses centros do povo judeu por um novo aprendizado místico trouxe ajuda moral e material para o grupo de Safed, libertando-o das preocupações práticas, e assim foi possível para ele seguir sua vida mística e desenvolver-se como comunidade reconhecida pela pureza de seu modo de vida. E ali emergiu a tradição mística de que tal vida deve estar fundamentada na alegria.

Isso trouxe consigo o belo hábito de ir para o campo nas noites de sexta-feira, ao pôr-do-sol, com roupas brancas, para saudar o *Shabat*; de recebê-lo como a uma princesa; de cantar-lhe hinos, como a uma rainha. Isso fez nascer uma poesia místico-erótica e vários costumes místicos, baseados na idéia da alegria da vida mística.

Entre os místicos sefardim de Safed, havia um que foi extremamente ativo, Moisés Cordovero (1522-1570), oriundo de Córdoba. Seus professores foram dois grandes pilares da comunidade de Safed: Josef Caro, que lhe ensinou a Lei revelada, e o poeta Moisés Alkabetz, que lhe

<sup>45</sup> Cabalista do século XV que utilizava *Cabalá* prática, teúrgica arriscada com a finalidade de apressar a vinda do Messias. (N. do E.)

ensinou as revelações das verdades ocultas. Cordovero, também ele poeta e filósofo, entregou-se mais profundamente à influência do místico do que à do talmudista, acompanhando com frequência seu professor Alkabetz ao campo, onde o mestre revelava os mistérios somente a ele. E Cordovero nos conta em seu interessante diário que um de seus lugares favoritos para diálogos místicos era o túmulo de Shimon ben Yochai.

Foi Cordovero que de fato criou o centro místico da Palestina e deu continuidade à tradição — que começou na Espanha, com a *Cabalá* e o *Zohar* — da busca pela corrente místico-poética nos ensinamentos judaicos. O sistema que usava, vestido com trajes poéticos, era ler como quem canta um hino. Tendo bebido na fonte do *Zohar*, ele se dizia discípulo de Shimon ben Yochai. Encontramos nele a mesma elevação de espírito que distinguiu o herói do *Zohar*. Contudo, devido à sua modéstia e simplicidade, Cordovero ainda não recebeu todo o respeito e veneração que mereceria.



**GLOSSÁRIO**  
**DA EDIÇÃO BRASILEIRA**

### ***Adam Kadmon***

O Homem Arquetípico ou Primordial. Ele é o conjunto das dez *sefirot* do Mundo da Emissão (*Olam ha-Atsilut*). É a primeira emissão formal de Deus. É o modelo do *Adam ha-Rishon*, o Homem Celeste que habitou o Paraíso e cuja Queda deu origem a Adão e Eva e à humanidade terrestre.

### ***Amidá***

Em hebraico, de pé. A oração principal dos três momentos de oração do dia: *shacharit* (em hebraico, aurora), oração matinal; *minchá* (em hebraico, oferenda), oração do entardecer, baseada nas oferendas que eram trazidas ao Templo de Jerusalém ao entardecer; *maariv* (em hebraico, “trazer a tarde”), prece normalmente realizada depois do anoitecer, para preparar o repouso noturno. A *Amidá*, rezada nesses três momentos, inspirada no sacrifício di-

ário que era oferecido no Templo de Jerusalém, é recitada em silêncio, de pé, com os pés juntos, na direção do Templo de Jerusalém. Antes de começar a recitá-la, deve-se dar três passos para trás e três passos para a frente, colocando-se simbolicamente na presença de Deus e, ao terminar, deve-se repetir os três passos para trás e para a frente, de modo a, simbolicamente, sair da presença de Deus. A *Amidá* não deve ser interrompida de modo algum, nenhuma pessoa deve passar na frente de quem a estiver recitando, numa distância de dois metros, e ela não deve ser recitada por quem estiver triste ou apático.

#### **Ancião dos Dias**

É o primeiro princípio da manifestação divina. Também é chamado de *Arik Anpin* (A Face Grande ou Longânima: paciente) e representa a primeira Vontade de Deus. Corresponde à *sefirá Kéter* (Coroa), o topo da Árvore da Vida antes do *Ein Sof*, ou seja, antes da pura essência divina em Si mesma, não manifestada.

#### **Árvore da Vida**

Esquema simbólico fundamental da *Cabalá*. Constitui-se, basicamente, de quatro mundos e dez sefirás (ou *sefirot*). Os quatro mundos são: Mundo da Emanação (*Olam ha-Atsilut*), Mundo da Criação (*Olam ha-Beriá*), Mundo da Formação (*Olam ha-Ietsirá*) e Mundo da Ação (*Olam ha-Assiá*). As dez *sefirot* são: *kéter*, *chochmá*, *biná*, *guevurá*, *chéssed*, *tiféret*, *hod*, *nêtsach*, *iessód*, *malchut*. (Ver Figura da página 289)

#### **asquenazim** (singular, asquenazi ou asquenazita)

Palavra hebraica para “alemão”. Após a destruição do Segundo Templo (por volta de 70 d.C.), os judeus que estavam na terra de Israel foram forçados a uma nova diáspora (dispersão). Isso fez com que criassem comunidades na Europa (em especial, na Alemanha, na Espanha, na França e na Itália) e no Norte da África. Os judeus da Alemanha, Polônia, Áustria e da Europa oriental passaram a ser conhecidos por asquenazim. Os judeus da Espanha e do Norte da África passaram a ser chamados de sefardim, de *Sefarad* (Espanha, em hebraico). Ver o termo sefardim (em hebraico, espanhol).

#### **Beit Hamidrash**

Em hebraico, casa de estudo. Combinação de sinagoga e sala de estudo, onde os alunos podem rezar e estudar no mesmo lugar.

#### **Biná**

Em hebraico, inteligência. Terceira *sefirá* da Árvore da Vida.

#### **Caf**

Letra do alfabeto hebraico (כ), cujo valor fonético é K, e cuja equivalência numérica é 20.

#### **caraitas**

Grupo sectário que surgiu no interior do judaísmo no séc. VIII. Foi fundado por Anan ben David para reunir vários grupos que se opunham à Torá Oral e à tradição rabínica — inclusive o restante dos **saduceus** —, postulando uma interpretação extremamente literal da Bíblia. Alguns caraitas afirmam

que eles são um grupo étnico diferente dos judeus. Restam poucos milhares deles, a maioria dos quais vive em Israel.

### **chassidim**

Plural de "chassid": em hebraico, piedoso. São chamados de "*chassidim*" os homens piedosos cuja vida está totalmente voltada para Deus.

### **Chessed**

Em hebraico, amor, compaixão. Quarta *sefirá* da Árvore da vida. Também denominada *Guedulá*: em hebraico, grandeza.

### **Chochmá**

Em hebraico, sabedoria. Segunda *sefirá* da Árvore da Vida.

### **Diáspora**

O processo de dispersão dos judeus pelo mundo e as comunidades judaicas estabelecidas fora da Terra Santa ao longo dos séculos. Os quatro grandes exílios foram: 1) em 586 a.C., quando o exército assírio destruiu o Primeiro Templo e a cidade de Jerusalém e levou a maior parte da população judaica para a Babilônia, onde permaneceu por quarenta anos cativa; 2) por volta de 70 d.C, após a destruição do Segundo Templo pelos romanos, quando os judeus fugiram da Terra Santa e criaram comunidades nos países europeus e do Norte da África; 3) em 1492, quando foram obrigados a deixar a Espanha e se espalharam pela Europa, pelo Norte da África, pelo Oriente Médio e pelas Américas; 4) pouco antes, durante e logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando

as perseguições e, depois, o Holocausto perpetrado pelos nazistas (no qual seis milhões de judeus foram mortos) fizeram com que a grande maioria dos judeus que sobreviveram se exilassem nas Américas (em especial, nos Estados Unidos) e na Palestina. Em 1948, a Diáspora terminou para uma parte dos judeus, com o estabelecimento, após quase 2000 anos, de uma nação judaica na Terra Santa (onde atualmente estima-se que viva ao redor de um terço do total da comunidade).

### **Edom**

Nome alternativo para Esaú, na Bíblia (Gênesis 25: 29-30), cujos descendentes são os edomitas. Como Esaú é chamado no Gênesis várias vezes de "o vermelho" (*ha-adom*), por ter nascido ruivo, veio a ser conhecido também por "Edom". Mais tarde na história judaica, o Império Romano passou a ser identificado com Esaú e "Edom" devido à cor vermelha de seus estandartes.

### **Ein Sof**

Deriva do termo "infinito", "ilimitado". Designa a Divindade absolutamente transcendente, além das emanções sefiróticas: além da *sefirá Kéter*. Eis como o *Zohar* explica o termo "*Ein Sof*": "Antes que qualquer forma tivesse sido criada, Deus estava só; sem forma e semelhante a nada. E porque o homem não é capaz de conceber Deus como Ele realmente é, não lhe é permitido representá-Lo, nem em pintura, nem por Seu Nome, nem inclusive por um ponto. Mas depois de ter criado o homem, Deus quis ser conhecido por Seus atributos, como o Deus da Mise-

ricórdia, o Deus da Justiça, o Deus Todo-poderoso, o Deus dos Exércitos e Aquele Que É.” (p. 82)

### fariseus

Conforme o historiador judeu Flávio Josefo (37-100 d.C.), durante os dois séculos anteriores à era cristã, os judeus se dividiam em três grupos principais: os saduceus, os fariseus e os essênios. Os saduceus sempre constituíram um grupo judaico minoritário e não popular, extremamente legalista e literalista em sua interpretação dos cinco livros de Moisés (a Torá). Não aceitavam os livros dos profetas nem a tradição oral, não acreditavam na ressurreição dos mortos, na vida eterna (Paraíso e Inferno), nem na existência de anjos, ao contrário dos fariseus, para quem esses conceitos constituíam o cerne da tradição judaica. O termo “saduceu” parece se originar de Sadoque, sumo-sacerdote dos tempos do rei David (1030 a.C.), de quem pretendiam ser descendentes. Esse grupo exerceu majoritariamente a função sacerdotal durante o período grego e romano da história judaica (III a.C.–I d.C.), sofrendo sempre uma oposição muito forte dos fariseus. Os fariseus, “os que se separaram do pagãos”, os “piedosos” (*chassidim*), eram o grupo amplamente majoritário e seguiam não só a Lei escrita (Torá), mas a tradição oral dos antigos, na qual a interpretação dos livros de Moisés e dos profetas ia do nível literal ao místico ou anagógico (compilada posteriormente nos livros da *Cabalá*: *Sêfer Ietsirá*, *Sêfer ha-Bahir* e *Sêfer ha-Zohar*), passando pelo alegórico e pelo metafórico (compilada posteriormente no *Talmud* e nos

*Midrash*). Se os saduceus eram predominantes na função sacerdotal, os fariseus eram predominantes entre os doutores e os mestres (*rabis*). Os essênios, ao contrário dos outros dois grupos, tinham uma vida monástica e celibatária. Nisso se aproximavam dos naziritas, nome que os judeus davam àqueles dentre eles (homens ou mulheres) que se afastavam da vida social por determinado tempo ou por toda a vida.

### Gruta de Macpelá

Túmulo dos Patriarcas Abraão, Isaac, Jacó, José e de suas esposas (exceto Raquel). Abraão comprou esse lugar para sepultar sua mulher Sara (Gênesis 23) depois de ali entrar e ver que Adão e Eva haviam sido sepultados nessa gruta, que, por isso, estava impregnada com o aroma do Paraíso. Fica na cidade de **Hebron** e é um dos lugares de peregrinação mais importantes para os judeus.

### Guemará

Ver os termos *Mishná* e *Talmud*.

### gueonim (plural de *gaon*, “excelência”)

Os chefes das Academias das cidades de Sura e de Pumbedita, na Babilônia (região atual do Iraque), durante os séculos VII a X. A autoridade dos *gueonim* era reconhecida em toda a **Diáspora**, constituindo, pois, um vínculo de união entre todos os judeus, os quais lhes dirigiam “perguntas”; e são precisamente as “respostas” (*Responsa*) a essas perguntas que constituem o caminho dos *gueonim* no desenvolvimento do *Talmud*.

**Guevurá**

Em hebraico, força. Quinta *sefirá* da Árvore da Vida, também denominada “*Din*”: em hebraico, julgamento. É a força rigorosa, severa.

**Hagadá**

Em hebraico, narração. Tradições rabínicas que não envolvem temas legais, mas lendas, parábolas, biografias, etc. Foram incorporadas aos vários *Midrash* e aos dois *Talmud*, compilações escritas da Torá Oral, e ilustram os princípios religiosos e éticos da lei neles contidos. Portanto, os textos do *Talmud* se dividem em textos alegóricos, parabólicos e biográficos (*Hagadá*) e textos com as interpretações legais (*Halachá*), sendo que os primeiros complementam e dão uma interpretação mais profunda aos segundos. Já os vários *Midrash* (ou *Midrashim*) se dividem em *Midrashim hagádicos* e *Midrashim halachicos*, ou seja, os *Midrashim* que só contêm interpretações rabínicas de partes não legislativas (*Hagadá*) da Bíblia (*Tanak*) e os *Midrashim* que só contêm as elucidações rabínicas de partes legislativas (*Halachá*) da Bíblia.

**Halachá**

Em hebraico, caminho ou trilha. São todos os textos que se referem às normas judaicas. Ver os termos *Hagadá* e *Talmud*.

**Hê**

Letra do alfabeto hebraico (ה), cuja transcrição fonética ao português é “h” e cuja equivalência numérica é 5.

**Hebron**

Cidade localizada um pouco ao sul de Jerusalém. Um dos lugares mais importantes de peregrinação para os judeus, pois ali se encontra a **Gruta de Macpelá**, túmulo dos Patriarcas e de suas esposas.

**Hilulá**

Em hebraico, celebração. Usa-se também para designar as celebrações ou homenagens feitas na data da morte de uma pessoa.

**Hod**

Em hebraico, glória. Oitava *sefirá* da Árvore da Vida.

**Iessód**

Em hebraico, fundamento. Nona *sefirá* da Árvore da Vida.

**Kavaná** (plural, *kavanot*)

Em hebraico, direção interior, intenção. Para a tradição cabalista, é a intenção mística interior sem a qual as práticas religiosas, as orações e as *mitsvot* (as boas ações) perdem seu valor.

**Kéter**

Em hebraico, coroa. Primeira *sefirá* da Árvore da Vida.

**Kuf**

Letra do alfabeto hebraico (ק), cujo valor fonético é “k” e cuja equivalência numérica é 100.

**Lilit**

Rainha demônia da noite, com a qual o Adão Celeste procriou quando caiu no sono e permaneceu sob o

domínio das forças do Mundo Inferior e das forças tenebrosas dos mundos das cascas (*kelipot*), provenientes da Ruptura dos Vasos, isto é, da quebra da harmonia original da interação entre as *sefirot*. O Adão Celeste foi então dividido em Adão e Eva para que o princípio feminino dele se contrapusesse ao feminino tenebroso e descendente de Lilit, ajudando-o a retornar à unidade e ao Paraíso Celeste, mas Eva se deixou encantar pela mesma força (Lilit, a *serpente*) que tinha encantado anteriormente o Adão andrógino celestial.

#### **Malchut**

Em hebraico, reino. Décima sefirá da Árvore da Vida.

#### **Mém**

Letra do alfabeto hebraico (מ), cuja transcrição fonética ao português é “m” e cuja equivalência numérica é 40.

#### **Midrash**

Em hebraico, examinar ou investigar. Compilação de interpretações de passagens da Bíblia judaica (*Tanak*). Preservadas inicialmente por transmissão oral, essas interpretações metafóricas começaram a ser redigidas no século II d.C. Enquanto o *Talmud* contém as interpretações que estão mais voltadas para os níveis literal e alegórico dos textos bíblicos, as interpretações organizadas nos diversos *Midrash* estão mais voltadas para a revelação do espírito da letra e do espírito das leis. Os vários *Midrash* (ou *Midrashim*) se dividem em *Midrashim* *haggádicos* e *Midrashim* *halachicos*, ou seja, os *Midrashim* que só

contêm interpretações rabínicas de partes não legislativas (*Hagadá*) da Bíblia (*Tanak*) e os *Midrashim* que só contêm as elucidações rabínicas de partes legislativas (*Halachá*) da Bíblia.

#### **Mishná**

Em hebraico, repetição. O *corpus* de definições e interpretações da Lei judaica que foi compilado e redigido no século II pelo rabi Judá ha-Nassi e seu círculo. Até o momento de sua redação, quase todo esse *corpus* era transmitido oralmente, como uma das partes da Torá Oral. O *Talmud* é a *Mishná* somada aos comentários que os rabinos posteriores fizeram a ela. O conjunto desses comentários é chamado de *Guemará* (em hebraico, complemento). Ver o termo *Talmud*.

#### **Nêtsach**

Em hebraico, vitória. Sétima sefirá da Árvore da Vida.

#### **Pardês**

Palavra de origem persa que significa “pomar” e, posteriormente, “Paraíso”. É também o acrônimo, PaRDeS, dos quatro métodos ou níveis de interpretação (hermenêutica) das Escrituras Sagradas: *Peshat*, *Remez*, *Darash*, *Sod*. *Peshat* é a interpretação literal, histórica e filológica, e é encontrada na *Halachá*. *Remez* é a interpretação alegórica e filosófica, encontrada na *Hagadá*. *Darash* é a interpretação metafórica, contida nos *Midrash* (o termo “*Midrash*” provém justamente do radical hebraico *darash*, que significa pesquisar, investigar). *Sod* (em hebraico, secreto) é a interpretação mística ou anagógica (do

grego, *anagoge*: “ação de lançar para cima”, “ação de elevar-se espiritualmente”, “elevação da alma em direção às coisas divinas”), encontrada nos textos da *Cabalá*: *Sêfer Ietsirá*, *Sêfer ha-Bahir*, *Sêfer ha-Zohar* e nos comentários rabínicos a estas obras. Esses quatro níveis de interpretação também estão relacionados aos quatro mundos da Árvore da Vida: a interpretação literal (*Peshat*) corresponde ao Mundo de *Assiá*, o mundo físico; a interpretação alegórica (*Remez*), ao Mundo de *Ietsirá*, o mundo das forças dos astros e dos anjos; a interpretação metafórica (*Darash*), ao Mundo de *Beriá*, o mundo dos arcanjos; a interpretação mistérica (*Sod*), ao Mundo de *Atsilut*, o mundo das Essências divinas, dos Nomes divinos, das emanações e dos primeiros turbilhões. Esses quatro níveis de interpretação das Escrituras Sagradas são, segundo a tradição cabalista, os quatro muros que circulam o Jardim, o “Pomar” (*Par-dês*), o Paraíso.

#### **Pentateuco**

Os cinco primeiros livros da Bíblia judaica (Tanak). Ver **Tanak** e **Torá**.

#### **Rêish**

Letra do alfabeto hebraico (ר), cuja transcrição fonética ao português é “r” e cuja equivalência numérica é 200.

#### **saduceus**

Ver o termo **fariseus**.

#### **Safed**

Pequena cidade no extremo norte de Israel (também chamada de Tsfat, Zfat, Safad, Safes, Safet, Tzfat),

localizada nas montanhas da Alta Galiléia, 900 metros acima do nível do mar. É uma das quatro cidades sagradas do judaísmo, e, a partir da expulsão dos judeus da Espanha em 1492, tornou-se um dos pólos principais dos estudos cabalísticos, em especial por ficar ao lado da cidade de Meron, onde está sepultado o grande rabi Shimon ben Yochai, considerado o autor da obra máxima da *Cabalá*: o *Zohar*.

#### **Samaritanos**

Grupo sectário no interior do judaísmo. Apareceu no século VII a.C., tem seu próprio santuário e sua própria versão do Pentateuco, que interpretam literalmente. Não aceitam os outros livros das Escrituras. Seu nome tem origem da cidade de Samaria, em Israel, onde se concentram e onde está seu santuário. Outras seitas judaicas posteriores como os **saduceus** e os **caraitas** assemelham-se em muitos pontos aos samaritanos, pois também interpretam as Escrituras Sagradas de maneira literal (*Peshat*).

#### **Sanhedrin**

Em hebraico, conselho ou concílio. Em português, sínédrio. Nas leis judaicas, há três tribunais ou conselhos de juízes: *Beit Din*, *Sanhedrin Inferior* e *Grande Sanhedrin*. O *Beit Din* (em hebraico, casa de julgamento), o único que existe até hoje, é composto por três juízes, e normalmente se ocupa de questões alimentares e pecuniárias, divórcios, conversões. O *Sanhedrin Inferior*, que deixou de existir com a destruição do Segundo Templo, era a instância intermediária, tinha 23 juízes e examinava casos que envolviam a pena de morte. O *Grande Sanhedrin* era

a corte mais alta, composta por 71 juízes, dentre os maiores sábios de Israel, e analisava as questões que diziam respeito a todo o povo judeu e os casos que não podiam ser julgados adequadamente nas duas outras cortes. O primeiro Grande Sinédrio foi convocado por Moisés no deserto do Sinai (Êxodos 3: 16 e 24: 1-18, Números 11: 16), tendo Moisés à frente dos 70 anciãos.

**sefardim** (singular, sefardi)

*Sefarad* é Espanha em hebraico. São chamados de "sefardim" (ou sefaraditas) os descendentes dos judeus das comunidades da Península Ibérica (Espanha e Portugal) e dos países banhados pelo Mar Mediterrâneo (Itália, Grécia, Turquia, Síria, Líbano, Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, etc.). Grande parte das famílias judaicas que foram forçadas a deixar a Espanha em 1492 se transferiu para os outros países mediterrâneos, em especial os do Norte da África, onde se somaram às comunidades judaicas que tinham se instalado naqueles países em dois exílios anteriores: o do século VIII a.C., quando os judeus foram expulsos da terra de Israel e levados cativos para a Babilônia, e o do ano 70 d.C, quando deixaram a Terra Santa após a destruição do Segundo Templo pelos romanos.

**sefirá** (plural *sefirot*)

Em hebraico, numeração ou categoria. No *Zohar*, às vezes assumem o significado de "esfera" ou de "luz". As dez *sefirot* são forças ou atributos que emanam do *Ein Sof* e constituem todos os mundos, confi-

gurando a inteira Árvore da Vida (*Ets ha-Haim*) ou Árvore Sefirótica.

**Shechiná**

É a Presença gloriosa de Deus e o elemento feminino de Deus. É a glória de Deus, a veste luminosa em que Ele se envolve. Designa a Divindade imanente em relação à Divindade transcendente (*Ein Sof*).

**Shin**

Letra do alfabeto hebraico (ש), cuja transcrição fonética ao português é "sh" e cuja equivalência numérica é 300.

**talit**

É o xale ou manto de oração, usado pelos homens nas orações matutinas. Tem origem num dos mandamentos bíblicos contido no livro dos Números (15: 38-39), no qual é dito que o judeu deve usar franjas nos quatro cantos da roupa. O *talit* é feito, em geral, de linho, lã ou seda, com 32 franjas (*tsitsit*) do mesmo material, oito delas em cada canto, e ele deve ser usado para lembrar o dever de o judeu seguir os 613 mandamentos da Torá.

**Talmud**

Em hebraico, estudo. Compilação das discussões das autoridades rabínicas dos séculos I ao III d.C. (conhecidos como *tannaim*), que veio a se chamar *Mishná* (Repetição ou Redação), somada à compilação realizada pelos doutores da Torá do século III ao V d.C. (conhecidos como *amoraim*), que veio a se chamar *Guemará* (Complemento). A *Mishná* e a

*Guemará* juntas constituem o *Talmud*. Com a dispersão (Diáspora) dos judeus causada pela destruição do Segundo Templo pelos romanos por volta de 70 d.C., a comunidade judaica da Palestina foi diminuindo e a da Babilônia foi aumentando. A Academia Rabínica de Jerusalém compilou um Complemento (*Guemará*) à *Mishna* que foi concluído no século V d.C., constituindo o *Talmud* de Jerusalém, e a Academia Rabínica da Babilônia compilou um Complemento (*Guemará*) que foi concluído no século VI d.C., constituindo o *Talmud* da Babilônia. O Complemento (*Guemará*) gerado pela Academia Rabínica da Babilônia — onde a comunidade judaica tornou-se muito maior que a da Palestina, ao longo daqueles séculos — é mais amplo (por volta de 6000 páginas) e mais sofisticado do que o de Jerusalém (ao redor de 2000 páginas), o que fez com que o *Talmud* da Babilônia tivesse primazia sobre o primeiro. O *Talmud* é constituído, portanto, dessas duas partes, *Mishná* e *Guemará* (Repetição e Complemento), sendo que o conteúdo de ambas é tradicionalmente dividido em dois grupos de textos: *Halachá* e *Hagadá*. Os textos considerados parte da *Halachá* tratam de questões e decisões legais, enquanto os da *Hagadá* são alegóricos, parabólicos ou biográficos, ilustrando e interpretando noutro nível as questões legais discutidas nos primeiros num nível muito mais literal e prático.

#### **tanaíta**

Provém de “tana”, que literalmente significa “repetidor”. Originalmente, referia-se aos que sabiam de

memória toda a Torá Oral e eram capazes de citar qualquer passagem com precisão absoluta. Depois o termo “tana” passou a fazer referência aos sábios do século I ao III, tempo da redação da *Mishná*, conhecidos como “tanaítas” ou “*tanaim*”.

#### **Tanak**

A Bíblia judaica: o Antigo Testamento, composto por 24 livros. A palavra “Tanak” é composta pela soma das iniciais das três grandes partes da Bíblia judaica (T+N+K): **T**orá (Pentateuco), **N**eviim (Profetas), **K**tuvim (Escritos Sagrados). Os livros da Torá são: Gênesis (*Bereshit*), Êxodo (*Shemot*), Levítico (*Vayicrá*), Números (*Bamidbar*) e Deuterônimo (*Devarim*). Os livros dos Profetas (*Neviim*) são: Josué, Juízes (*Shofetim*), Samuel, Reis (*Melachim*), Isaías, Jeremias, Ezequiel, Doze Profetas (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias). Os livros dos Escritos Sagrados (*Ktuvim*) são: Salmos (*Tehilim*), Provérbios (*Mishlê*), Jó, Cântico dos Cânticos (*Shir Hashirim*), Rute, Lamentações (*Echá*), Eclesiastes (*Cohêlet*), Ester, Daniel, Esdras/Neemias, Crônicas (*Divrê-Hayamim*).

#### **Tav**

Letra do alfabeto hebraico (ת), cuja transcrição fonética ao português é “t” e cuja equivalência numérica é 400.

#### **Tiféret**

Em hebraico, beleza. Sexta *sefirá* da Árvore da Vida.

### **Torá**

A Lei mosaica. Os cinco livros de Moisés (o Pentateuco): Gênesis (*Bereshit*), Êxodo (*Shemot*), Levítico (*Vayicrá*), Números (*Bamidbar*) e Deuteronômio (*Devarim*).

### **Tsimtsum**

Em hebraico, contração. Ato de retirada e contração da Luz Infinita do *Ein Sof* de determinado espaço do Infinito, a fim de permitir o surgimento das *sefirot* e, a partir delas, a tessitura dos diferentes mundos.

### **Vav**

Letra do alfabeto hebraico (ו), cuja transcrição fonética ao português é “v” e cuja equivalência numérica é 6.

### **Yod**

Letra do alfabeto hebraico (י), cuja transcrição fonética ao português é “i” e cuja equivalência numérica é 10.

### **Záin**

Letra do alfabeto hebraico (ז), cuja transcrição fonética ao português é “z” e cuja equivalência numérica é 7.



**ANEXOS**  
DA EDIÇÃO BRASILEIRA

\* MANUSCRITOS DO ZOHAR<sup>46</sup> \*

- Cambridge, Livraria Universitária. Heb. Add. 1023; Dd. 4.2, 1; Dd. 10.14, 4.
- Londres, Museu Britânico. 762; Gaster 747, 773.
- Moscou, Coleção Guenzburg, Livraria do Estado da Rússia. 83, 487.
- Munique, Bayerische Staatsbibliothek. Cod. Hebr. 217.
- Nova York, Seminário Teológico Judaico. 1761.
- Oxford, Livraria Bodleian. 1564, 2433.

---

<sup>46</sup> Cf. MATT, Daniel C. *The Zohar*. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 2004, p. 463-466.

- Paris, Biblioteca Nacional. Hébr. 778, 779, 781.
- Parma, Biblioteca Palatina. Perreau 15/A.
- Roma, Biblioteca Casanatense. 2971.
- Toronto, Coleção Friedberg, Livraria da Universidade de Toronto. 5-015.
- Vaticano, Biblioteca Apostólica. Ebr. 206, 207, 208; Neofiti 23.

\* EDIÇÕES DO ZOHAR<sup>47</sup> \*

**1558-1560**

Mântua. Edição em 3 vols. por Meier ben Efraim e Jacob ben Naftali.

**1558-1560**

Cremona. Edição em 1 vol. com formato de página maior e prefácio de Isaac de Lattes.

**1623**

Lublin. Edição em 3 vols. por Levi ben Kalonimos com o mesmo formato e o mesmo número de páginas da edição realizada em Mântua.

<sup>47</sup> Cf. *ibid.*

**1684**

Sulzbach. Edição em 3 vols. por Moses Bloch, também nos moldes da edição de Mântua.

**1715**

Amsterdã. Edição em 3 vols. por Solomon Proops, conforme a edição de Mântua.

**1736**

Constantinopla. Edição em 3 vols. por Jona ben Jacob.

**1882**

Vilna. Edição em 3 vols. por Romm.

**1964**

Jerusalém. Edição em 3 vols. por Reuven Margalio.

\* TRADUÇÕES DO ZOHAR<sup>48</sup> \*

**Para o latim**

ROSENROTH, Christian Knorr von. 4 vols. Sulzbach, 1677-1684.

**Para o hebraico**

ASHLAG, Yehudah. 22 vols. Jerusalém: Hevrah Lehotsa'at HaZohar, 1945-1958.

BAR-LEV, Yechiel. 14 vols. Petah Tikvah, 1992-1997.

EDRI, Yehudah. 10 vols. Jerusalém: Yerid Hasefarim, 1998.

<sup>48</sup> Cf. *ibid.*

FRISCH, Daniel. 15 vols. Jerusalém: Mekhon Da'at Yosef, 1992-1999.

**Para o inglês**

SPELING, Harry; SIMON, Maurice; LEVERTOFF, Paul. P. 5 vols. London: Soncino Press, 1931-1934.

BERG, Michael. 23 vols. Tel Aviv: Yeshivat Kol Yehudah, 1999-2003.

MATT, Daniel C. 10 vols. Stanford: Stanford University Press. Vol. 1, 2004; vol. 2, 2005.

**Para o francês**

MOPSIK, Charles. 4 vols. Lagrasse: Verdier, 1981-1996.

\* PARTES DO ZOHAR<sup>49</sup> \*

1. Sem título. Comentários longos de passagens do Pentateuco.
2. *Sifrá di-Tseniutá* (Livro do Ocultamento).
3. *Idra Rabba* (Grande Assembléia).
4. *Idra Zuta* (Pequena Assembléia).
5. *Idra di-be-Mashkaná* (Assembléia sobre o Tabernáculo).
6. *Hekalot* (Palácios).
7. *Raza de-Razin* (Segredo dos Segredos).
8. *Sava* (O Velho).

<sup>49</sup> Cf. SCHOLEM, Gershom, *A mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 161-164.

9. *Ienuka* (A Criança).
10. *Rav Metivta* (O Chefe da Academia).
11. *Sitrei Torá* (Os Segredos da Torá).
12. *Matnitin* (Doutrinas).
13. *Midrash Shir Hashirim* (Exegese Mística do Cântico dos Cânticos).
14. *Kav ha-Midá* (O Padrão da Medida).
15. *Sitrei Oriot* (Os Segredos das Letras).
16. Sem título. Comentário sobre a visão de Ezequiel da Carruagem de Deus.
17. *Midrash ha-Neelam* (Exegese Mística).
18. *Midrash ha-Neelam Ruth* (Exegese Mística sobre o Livro de Rute).
19. *Raia Mehemna* (O Pastor Fiel).
20. *Tikunei Zohar* (Retificações do Zohar).
21. *Tosefá* (Adição).

\* ÍNDICE REMISSIVO E ONOMÁSTICO \*  
DA EDIÇÃO BRASILEIRA

**A**bbá (rabi), 75, 155, 188,  
189, 252, 279, 280, 282,  
283, 284

Abel, 135

Abismo, 107, 136, 171, 180,  
233, 240, 262, 264

Abrahão, 143, 205, 219, 246,  
319

Abulafia, Todros, 49

Academia, 29, 31, 328, 340

Academia Rabínica da  
Babilônia, 328

Academia Rabínica de  
Jerusalém, 328

Academia Rabínica Mihzikei  
ha-Torá, 31

Academias Rabínicas da  
Babilônia, 56

Acco, Issac de (rabi), 48

*Adamá* (uma das sete terras),  
135

*Adam ha-Rishon* (Homem  
Celeste), 313

*Adam Kadmon* (Homem  
Arquetípico), 313

Adão, 20, 59, 120, 134, 134,  
135, 136, 158, 218, 223,  
250, 286, 313, 319, 321, 322

Adão Celeste, 321, 322

Adomeus (anjo guardião), 227

adoração, 54, 146, 148

Adrahaníel (pilar angélico),  
230

## **OUTROS TÍTULOS DA POLAR**

**AS QUARENTA QUESTÕES SOBRE A ALMA**  
Jacob Boehme (1575-1624)

**A ARTE SAGRADA DE SHAKESPEARE:  
O MISTÉRIO DO HOMEM E DA OBRA**  
Martin Lings

**OS TRÊS PRINCÍPIOS DA ESSÊNCIA DIVINA**  
Jacob Boehme

**TRATADOS DAS ENÉADAS**  
Plotino (205-270 d.C.)

**A REVELAÇÃO DO GRANDE MISTÉRIO DIVINO**  
Jacob Boehme

**SABEDORIA TRADICIONAL & SUPERSTIÇÕES MODERNAS**  
Martin Lings

**OS DIFERENTES NÍVEIS DE REALIDADE**  
Patrick Paul

**A SENDA DO HOMEM CELESTE**  
J. G. Gichtel (1638-1710)

Para informações ou solicitação de qualquer  
dessas obras, mande um e-mail para:

**[polareditorial@uol.com.br](mailto:polareditorial@uol.com.br)**

ou telefone para:

**(11) 3816-3018**

**[www.polareditorial.com.br](http://www.polareditorial.com.br)**



“O *Zohar*, ou *Livro do Esplendor*, que Ariel Bension, enterrado há pouco em Jerusalém, aqui tão bem nos apresenta, é qualquer coisa como o Evangelho Místico dos hebreus sefaraditas [...]”

*Miguel de Unamuno* (1864-1936)

Filósofo e escritor espanhol

“*Sêfer ha-Zohar*, *O Livro do Esplendor*, assombrou e maravilhou leitores por setecentos anos, desde que apareceu misteriosamente na Espanha no fim do século XIII. O *Zohar* é a obra-prima da *Cabalá*, a tradição mística judaica. O *Zohar* é um comentário sobre a *Torá* — os cinco livros de Moisés —, escrito na forma de uma novela mística. O herói é o rabi Shimon, filho de Yochai, um santo que viveu na Terra de Israel no século II.”

*Daniel C. Matt*

Tradutor para o inglês da edição completa do *Zohar*

“O livro do *Zohar*, a obra literária mais importante da *Cabalá*, [...] nenhuma teve uma influência e um sucesso sequer aproximadamente similares ao seu. [...] uma fonte de doutrina e revelação igual em autoridade à Bíblia e ao *Talmud*, e com o mesmo grau canônico, o que é uma prerrogativa que não pode ser postulada por nenhuma outra obra da literatura judaica.”

*Gershom Scholem*

Grande especialista em mística judaica



  
**Polar**